



A ESTRADA PAROU. RECOMEÇA?



Após um período de trabalho intenso durante 1976 e parte de 1977, o trecho Ijuí-Santo Augusto da RS-155 parou. E com o silêncio das máquinas, a desesperança da região. Agora volta-se a falar no reinício das obras, com o que reanimam-se as esperanças dos agricultores e usuários em geral. A foto mostra o local onde a estrada parou no começo deste ano. Leia texto à última página.

Frustração do Trigo:

ENTIDADES DE CLASSE APELAM AO GOVERNO

Originado nesta região, quando da reunião dos sindicatos dos trabalhadores rurais em Ijuí, a 25 de outubro, conforme publicamos na nossa edição de novembro, o memorial dos triticultores endereçado naquela oportunidade à Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul, agora somado com mais a assinatura da FARSUL e FECOTRIGO, acaba de ser endereçado ao Governo do Estado.

O documento-apelo dos produtores rurais, agora com o aval das três entidades, credencia o governador Sinval Guazzelli a gestionar junto ao Governo Federal, em 11 itens específicos, o que pode ser caracterizado como a salvação social de milhares de produtores do Estado. Veja a reivindicação na última página.

MINISTRO RENOVA AVAL NO COOPERATIVISMO

O ministro da Agricultura, Alysso Paulinelli; o diretor do Banco Central do Brasil e o presidente do Banco Nacional de Crédito Cooperativo, respectivamente, José de Ribamar Mello e Marcos Pessoa Duarte, prestigiaram a inauguração da fábrica de óleo da COTRIJUI em Rio Grande. Texto às páginas 8 e 9.





Rua das Chácaras, esquina Porto Alegre - Caixa Postal 111
IJUI - RS
TELEFONE: 2066 e PBX

CGC ICM - 065/0007700
Inscr. INCRA Nº 248/73
CGC MF - 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO

Diretoria Executiva

Presidente: Ruben Ilgenfritz da Silva,
- Eng. Agr.

Vice-presidente: Arnaldo Oscar Drews.

Superintendente: Clóvis Adriano Farina.

Diretores Contratados:

Alceu Carlos Hickembick, Euclides Casagrande, Léo Miron, Nedy Rodrigues Borges, Nelcy Rospide Nunes, Oswaldo Olmro Meotti e Werner Ervin Wagner.

Conselheiros (Efetivos).

Alberto Sabo, Alfredo Driemeyer, Hugo Lino Costa Beber, Pedro Bizarello, Flávio Sperotto e Reinhold Luiz Kommers.

Conselheiros (Suplentes)

Antonio Primo, Italvino Sperotto, Herbert Hintz, Carlos Krüger, Amaury Marcks e Renaleto Fontana.

Conselho Fiscal (Efetivos)

José Cláudio Koehler, Edelmar Friedrich e Bruno Eisele.

Conselho Fiscal (Suplentes)

Harry Reisdorfer, Arnaldo Hermann e Abu Souto Bicca.

Capacidade em Armazenagem:

IJUI (Sede)	164.000 T.
Santo Augusto	77.000 T.
Chiapetta	60.000 T.
Coronel Bicaco	20.000 T.
Vila Jôia	60.000 T.
Tenente Portela	60.800 T.
Augusto Pestana	30.000 T.
Ajuriúba	30.000 T.
Rio Grande	220.000 T.
Dona Petrita	15.700 T.



COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigido ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior. Nossa tiragem, 15.000 exemplares.

Associado da ABERJE



Associado da

AJOCOOP

Associação dos Jornais e Revistas de Cooperativas

EXPEDIENTE

Redação e Administração

Rua Floriano Peixoto, 559

Telefone: 2033

98.700 - IJUI - RS

Registrado no Cartório de Títulos e Documentos do município de Ijuí, sob n. 9. Certificado de marca de propriedade industrial M/C11 n. 022.775 de 13.11.1973 e figurativa M/C11 n. 022.776 de 13.11.1973.

Redator Responsável

- RAUL QUEVEDO

Registro profissional no MTPS 1176.

Redatores:

Valmir Beck da Rosa e

Acarí Amorim.

Composto no JORNAL DA MANHÃ Ijuí, e impresso em rotativa off-set no DIÁRIO SERRANO - Cruz Alta.

CARTAS

NOSSO LEITOR NA BAHIA

Senhor redator responsável:

Vivo da agricultura em pleno sertão da Bahia, aqui no Piemonte da Diamantina. É uma região subdesenvolvida em que pouco se conhece das alternativas que existem lá fora. Mas este é o meu lugar. Sou interessado em conhecer outras coisas e principalmente aquilo que venha em benefício do homem do campo. Tomei conhecimento do COTRIJORNAL e gostaria de ser um de seus leitores constantes, pois senti que ele abriu uma janela para o meu mundo. Conto com os amigos. Atenciosamente, Mateus Ancelmo de Oliveira, Fazenda Papagainho. CEP 44.715 - Várzea do Poço, Bahia.

JOSÉ DE ALENCAR E HIPÓLITO DA COSTA

Prezado redator:

Em cada número do COTRIJORNAL sinto renovada a satisfação de lê-lo, mercê o tratamento da matéria e o respeito vanguardista pela inteligência do nosso agricultor, ao doar, com habilidoso critério, as informações de ordem prática para o homem da terra com as de ordem cultural para o seu crescimento mental.

No exemplar de outubro, encontro duas matérias muito importantes. Uma sobre José de Alencar e outra sobre o túmulo de Hipólito da Costa, em Londres.

Vale a pena republicar a foto da placa que homenageia o Patrono da Imprensa Brasileira para retificar a legenda. Aquela placa não é a mandada colocar pelo Duque de Sussex, que é de mármore e está na parede lateral esquerda de quem entra. A placa que saiu é uma outra, de

cimento, que está no chão, perto da porta lateral direita, e lá foi colocada por iniciativa da Embaixada do Brasil no ano do Sesquicentenário da nossa Independência. Conte com nossa eterna admiração. F. Riopardense de Macedo.

N. da R. - Agradecemos os elogiosos conceitos do ilustre missivista em relação ao COTRIJORNAL. Quanto a foto no túmulo de Hipólito da Costa, em Londres, ela nos foi enviada pelo nosso amigo Carlos M. Wallau, diretor da Revista "A Granja", que estive na Europa em meados do ano.

SIMBOLOGIA MAÇÔNICA

Prezado redator:

Surpreendi-me com a publicação no COTRIJORNAL de modesto trabalho meu sobre a simbologia maçônica no sinete dos Farroupilhas. Aproveito para fazer pequena retificação: onde se lê que o triângulo existente na bandeira de Minas Gerais representa a Maçonaria Universal, no original está, como o é de fato, local. E onde, por engano meu, grafei "ramo de carvalho", o certo é ramo de erva-mate.

Muito agradeço a formidável divulgação deste trabalho que ampliei em conferência pronunciada a 19 de setembro em Porto Alegre, no Grande Oriente do Estado, a convite da Loja Província de São Pedro. Atenciosamente, Maximiano Pombo Cirne, vice-cônsul de Portugal. Rua Almirante Barroso, 2.960, Pelotas.

UM JORNAL DE INTERESSE

Senhor redator:

Como professor de Comunicação Social devo

O TERMINAL E A FÁBRICA DE ÓLEO

Senhor redator:

Na qualidade de associado da COTRIJUI, exteriorizado por intermédio do COTRIJORNAL meu reconhecimento pelos esforços quanto a construção da fábrica de óleo em Rio Grande. Meus parabéns ao presidente Ruben Ilgenfritz da Silva, ao vice Arnaldo Drews e demais diretores, pois no passado vi a terra bruta, presenciei a obra em andamento e sua concretização em fábrica, hoje produzindo muito.

Dirijo-me, em especial, ao meu amigo Werner Wagner, pelo arrojado desempenho dirigindo a construção das fábricas de óleo, primeiro em Ijuí (o nosso Mucama) e depois em Rio Grande. Seu trabalho foi grandioso empregando na construção tecnologia e materiais cem por cento brasileiros, com o que reduziu o seu custo. Por esta e outras razões eu o felicito. Assinado Leony Coimbra de Souza, associada, Ijuí, RS.

ATUALIZAÇÃO

Prezado redator:

O COTRIJORNAL sempre me atualiza em matérias que outros não focalizam.

Isalva Accioly, rua Teresinha Lima, 26 - Afogados - Recife, Pernambuco.

NOVO ENDEREÇO E OUTROS ASSUNTOS

Comunicamos que estamos cientes dos assuntos de Plínio Linhares Almeida, CODEVASF, 2ª diretoria, Salvador, Bahia; Dalvo Colombo, CEREXPORT S.A., Toledo, Paraná; Otávio Tavares Vieira, DEMA/AL, Maceió, Alagoas; Ovidio Lopes de Oliveira, COPEMARA, Rio Brilhante, Mato Grosso; Luiz Genro de Brum, 2º R.C.Mec, São Borja, RS; Max Martins de Oliveira e Atilio Valdir Milani, Colégio Agrícola de Frederico Westphalen, RS, Renato Antonio Venzo, Braga, RS e Helmut Forte Daltro, coordenador do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Mato Grosso.

NAÇÃO VAI BEM QUANDO O AGRICULTOR VAI BEM

Perguntaram certa vez a um economista norte-americano qual era a maneira mais exata para constatar-se o progresso real de um País e ele respondeu: "Sem exceção. Aquele cujo povo agrícola viver em fase de progresso em meio à sua comunidade rural". Poderíamos enriquecer o pensamento do americano acrescentando: E vivendo em união de esforços sob a bandeira de um sistema cooperativista solidário.

No nosso País, nunca tantos e tão sólidos empreendimentos originados pelo braço somado do cooperativismo construtor nos deu exemplos tão salutares de progresso organizado em benefício de um todo social mais amplo e justo. Apenas para referir-nos ao Rio Grande do Sul, onde ao que parece o sistema tem raízes mais profundas no consenso da formação étnica do povo, nota-se que a soma dos resultados apresenta um saldo altamente promissor.

É o cooperativismo assistindo e orientando a pesquisa, a produção, o transporte, a industrialização, num trabalho integrado e consciente que tem em vista sempre a prestação do serviço para atingir sempre um volume maior de pessoas ou entidades organizadas.

Os dirigentes cooperativistas se perguntam hoje quantas vezes altas autoridades federais ou estaduais já estiveram no Rio Grande do Sul na vigência deste Governo, com a finalidade de inaugurar obras ou serviços vinculados ao sistema? Ai está uma estatística realmente difícil de ser levantada.

Armazéns graneleiros, unidades portuárias, centros de pesquisa, complexos industriais, entre outros, têm recepcionado autoridades a nível de Ministério, com regularidade que sem dúvida merece o registro de enfoque editorial.

Se o economista norte-americano citado no início deste comentário estiver certo, parece não restar dúvida que as áreas rurais do nosso Estado, pelo menos aquelas onde o cooperativismo atua com melhor eficácia, se ainda não demonstram um progresso real pelo menos se constituem em auspiciosas esperanças.

COTRIJUI AMPLIOU SUA ATUAÇÃO NA INDÚSTRIA

Quando o ministro da Agricultura Alysson Paulinelli acionou o painel de funcionamento da fábrica de óleo da COTRIJUI em Rio Grande, foi como se milhões de agricultores brasileiros solidários com o cooperativismo e que persistem nele apesar de problemas momentâneos, se erguessem num gesto de aplauso.

A fábrica materializa no cimento-armado de sua construção civil e no complexo instrumental de sua unidade de transformação fabril, todo um sentido de arrojo empresarial e a confiança de 15 mil produtores no sistema cooperativista.

Não chega a ser o maior nem o mais importante empreendimento da COTRIJUI, mas adquire relevo a partir do momento que identifica uma sequência ininterrupta na marcha assencional da cooperativa na busca da sua própria consolidação dentro de um concerto sócio-econômico almejado. E o ministro Alysson Paulinelli, que na tarde do mesmo dia tinha importante compromisso juntamente com o presidente da República no centro do País, por compreender a dimensão da importância do ato inaugural para o cooperativismo, fez-se presente ao ato.

Outras autoridades federais estiveram prestigiando a inauguração. Dentre elas destacamos o diretor do Banco Central do Brasil, dr. José de Ribamar Mello e o presidente do Banco Nacional de Crédito Cooperativo, sr. Marcos Pessoa Duarte.

O ministro Alysson Paulinelli e estes dois executivos das finanças da República manifestaram entusiasmo por mais esse empreendimento da cooperativa, que amplia suas possibilidades na área da extração de óleo de soja.

TELEFONIA RURAL VAI SER REALIDADE AGORA

Convênio operacional entre a Companhia Riograndense de Telecomunicações e a Cooperativa Central Gaúcha de Telecomunicações, assinado no último dia 23 no Palácio Piratini, pode ser considerado o início de um trabalho que tem em vista dotar o agricultor desta região do Estado de meios mais eficazes de comunicação, qual seja a telefonia rural.

Assinaram o documento, pela CRT, o coronel Antonio da Silva Nunes e pela CCGTEL o sr. Arnaldo Oscar Drews, respectivamente, presidentes de ambas as instituições, sendo testemunhas do convênio o governador do Estado, sr. Sinval Guazzelli e o engenheiro Luiz Lucio C. Izzo, diretor do Departamento de Águas e Telefonia Rural do Estado de São Paulo, contratado como diretor técnico da CCGTEL.

Sem dúvida, os agricultores associados a CCGTEL estão dando um grande passo. Um passo tão grande quanto o senso de responsabilidade, que pesaram bem na medida em que sabem que precisam contar é com eles mesmos para a solução de seus problemas maiores. Conforme ressaltou em seu discurso logo após a assinatura do ato, o presidente da Central Cooperativa, Arnaldo Oscar Drews, "os agricultores tem consciência da grandeza da obra a que se propuseram e das dificuldades que terão de enfrentar, mas eles próprios se perguntam se o desenvolvimento do cooperativismo como um todo não tem sido também um constante desafio?"

Realmente. A evolução e o estágio atual do cooperativismo tem se constituído num desafio constante. Mas ele vencerá o progresso porque conta com a participação consciente dos agricultores e com o apoio das autoridades.



FAO PROPÕE NOVA ORDEM ECONÔMICA INTERNACIONAL

Patrocinada pela FAO (Agência das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura), esteve reunida em Roma de 12 de novembro até 1º do corrente, uma conferência de especialistas em nutrição e produção agrícola, para estudar e propor o estabelecimento de "uma nova ordem econômica internacional", visando diminuir os efeitos da fome no mundo. O Brasil esteve presente à conferência em sua fase inaugural, através do ministro da Agricultura, Alysso Paulinelli.

Tema exaustivamente comentado em todo o mundo, nem por isso ele deixará de ser de flagrante atualidade, posto que ao invés de ser dirimido ele é sempre e cada vez mais ampliado. E dentro desse raciocínio de atualidade, Frances Moore Lappé e Joseph Collins, co-diretores do Instituto de Política para Alimentação e Desenvolvimento e jornalistas econômicos, analisaram através de artigo em conjunto para a revista "Ceres", órgão oficial da FAO, as perspectivas, viabilidades e mitos a que se propõe a "nova ordem" buscada.

Questionando o tema sob os ângulos da chamada "falta de terras", excesso de população, baixa produção per capita, insuficiência tecnológica na agricultura, nem assim, dizem os autores, existem razões suficientes para explicar a fome no mundo.

Aliás, a jornalista Frances M. Lappé e seu colega Joseph Collins são taxativos ao afirmarem que para "compreender as causas da fome no mundo, deve-se primeiro arrasar numerosos mitos comumente defendidos". Não devemos esquecer que para explicar a teoria de Malthus começou-se a fabricar mitos. E estes mitos provocam em muitas pessoas um sentimento de culpa e de medo que as deixa petrificadas. Eles também impedem que se veja que é possível haver alimentos suficientes para o mundo.

Os autores questionam a tese perguntando se "pode a escassez de alimentos ser considerada seriamente como responsável pela fome?" A tese de Lappé e Collins é de que as "crises de alimentos" são fabricadas para obter preços.

Eles afirmam que no começo dos anos 70 havia no mundo cereais suficientes para assegurar a todos uma ampla ração de proteínas e 3.000 calorias por dia, que é mais ou menos o consumo do americano médio. Mas o que se viu foi a persistência avassaladora da fome num crescendo assustador e apenas pronunciamentos políticos com apelos quixotescos, apenas com efeito para satisfazer os apetites dos corretores nas bolsas de cereais...

Outro enfoque mostrado no citado artigo que mais invalida o argumento de que os países em desenvolvimento sofrem de uma penúria de recursos alimentícios não são as estatísticas de produção, mas as de exportação. Esses países, mesmo os geralmente considerados como dependentes da importação de alimentos, são exportadores de produtos agrícolas. 40% do total das importações agrícolas dos Estados Unidos — um dos três principais importadores desses produtos — vem de países considerados em vias de desenvolvimento. Em 1973, 36 dos 40 países mais gravemente tocados pela fome exportavam gêneros agrícolas para os Estados Unidos.

Enfatizando que a fome não tem como causa fundamental a produção em si, mas sim a má distribuição dessa produção e o baixo padrão de ganho das camadas mais humildes, os especialistas da FAO citaram o caso dos países mais paupérrimos da África, que apesar da fome congênita que grassa entre o povo, aumentam sensivelmente suas exportações de produtos agrícolas para os países desenvolvidos.

EE.UU: MAIS CEREAIS PARA UNIÃO SOVIÉTICA

O secretário norte-americano da Agricultura, Bob Bergland, assegurou aos governantes da União Soviética que os Estados Unidos poderão lhes fornecer 15 milhões de toneladas de cereais, para neutralizar os efeitos da escassa colheita de cereais conseguida este ano pelos soviéticos. Na prática, os Estados Unidos se mostraram dispostos a enviar à URSS nove milhões de toneladas a mais

que o previsto nos acordos entre os dois países.

Segundo Bergland, os Estados Unidos poderiam exportar até 50 milhões de toneladas de cereais sem provocar perigosos aumentos de preços nos mercados mundiais.

O secretário aproveitou a oportunidade para definir como "particularmente incômoda" para os Estados Unidos a

política para o setor de cereais da Comunidade Econômica Européia (CEE). "Os preços — disse Bergland — podem ser reduzidos pela CEE com um aviso prévio de somente três horas para ganhar dos vendedores norte-americanos nos mercados do Caribe. Uma vez constatado que os norte-americanos perderam a oportunidade, os preços dos países europeus podem ser aumentados".

ARGENTINA PLANTA MAIS SOJA

O extraordinário crescimento que a lavoura de soja vem experimentando na Argentina começa a ser seguido agora de idêntica expansão no setor da industrialização desse produto: a Companhia Continental S/A, que atualmente opera na exportação de grãos naquele país está planejando

construir uma fábrica para processamento de soja, com capacidade anual de 400 mil toneladas e previsão para início das operações até 1979.

Num investimento previsto US\$ 30 milhões, essa é a primeira fábrica projetada na Argentina voltada exclusivamente para a soja, o que é

um índice forte de que essa lavoura vem para ficar nesse país. Neste ano, a Argentina duplicou sua produção de soja, colhendo 1,4 milhões de toneladas, e para a safra 77/78 os especialistas aguardam um desempenho algo semelhante, superando os dois milhões de toneladas.

AMERICANOS COM DÉFICIT COMERCIAL

Em outubro, os Estados Unidos registraram o maior déficit comercial de sua história: 3,1 bilhões de dólares. Segundo informou o Departamento do Comércio este foi o 17º mês consecutivo em que a balança comercial registrou déficit. Para os dez primeiros meses deste ano o saldo negativo acumulado é de 22,4 bilhões de dólares. As exportações norte-americanas somaram, em outubro, 9,2

bilhões de dólares, o menor total registrado desde março de 1976.

Segundo fontes oficiais o decréscimo foi atribuído principalmente à greve parcial dos portuários do litoral atlântico

e do golfo do México. As importações totalizaram 12,3 bilhões de dólares, um pouco menos do que em setembro. Em setembro o déficit comercial foi de 1,7 bilhões de dólares em moeda conversível.

INFLAÇÃO NO URUGUAI: 52%

O custo de vida teve um aumento superior a 52% no Uruguai nos dez primeiros meses do ano, provocado especialmente pelas altas registradas nos produtos alimentícios e nos aluguéis.

A direção geral de Estatística e Censos do Ministério da Fazenda informou que o aumento para o período foi de 52,7%, enquanto que o Instituto de Estatísticas da Faculdade e Ciências Econômicas situou o índice em 52,1%.

No ano passado, no período janeiro-outubro, o índice dos preços varejistas aumentou 33,8%, o que demonstra um recrudescimento da inflação este ano.

As duas entidades estabeleceram em 3,4 e em 3,1%, respectivamente, os índices de aumento do custo da vida para outubro.

**pulgões, ácaros
lagartas, curuquerês,
brocas**

vão praguejar em outra freguesia.

CIDIAL®
chegou e não perdoa.

Está sendo introduzido no mercado brasileiro o inseticida-acaricida CIDIAL, da Montedison. Inseticida polivalente, organo fosforado à base de fentoato, CIDIAL garante alta eficiência por contacto e ingestão. E baixa toxicidade para o homem e animais de sangue quente. CIDIAL pode ser misturado e coformulado com os principais inseticidas fosforados e clorados utilizados na agricultura. Já foi testado, com êxito, para as seguintes lavouras: algodão (pulgões, curuquerê, lagartas das maçãs e broca da raiz), soja (lagartas e brocas das axilas), trigo (pulgões e lagartas), milho (lagartas), citros (ácaro da falsa ferrugem), tomate (broca pequena dos frutos).
Está sendo testado para outras pragas, após o que terá novos registros no Ministério da Agricultura.

CIDIAL Produto da **MONTEDISON DO BRASIL LTDA**

Distribuidor no Brasil: **BIAGRO-VELSICOL**
produtos para agricultura ltda.

CLUBE HIPÓLITO DA COSTA DEBATEU COMUNICAÇÃO

O público não era dos mais numerosos, mas manteve-se atento até o final de ambas as palestras proferidas. Um dos palestrantes falou sobre comunicação e política da comunicação, defendendo a necessidade do comunicador ter acesso a essa política, o que em síntese seria a liberdade de comunicar. Outro falou sobre comunicação cooperativa, como forma de maior acesso do indivíduo ao universo dessa comunicação, principalmente em países como o nosso, de fraco poder aquisitivo popular.

Antonio Manuel de Oliveira, presidente do Sindicato dos Jornalistas de Porto Alegre e José Antonio Vieira da Cunha, presidente da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre vieram a Ijuí a convite do Clube de Imprensa Hipólito da Costa para um debate com jornalistas, professores e estudantes da FIDENE, sobre os temas sintetizados acima.

O jornalista Antonio Oliveira fixou-se no tema sindicalismo e jornalismo, quando analisou o manifesto dos sindicatos endereçado ao Congresso Nacional e no qual os signatários tomaram uma posição política. Antonio Oliveira foi taxativo quando afirmou que o documento "É político sem no entanto ser partidário".

O presidente da Cooperativa dos Jornalistas - COOJORNAL - José Antonio Vieira da Cunha, falou sobre a origem e evolução da entidade durante seus dois anos de atividades. A COOJORNAL é pioneira, mas hoje já existem cooperativas de jornalistas em Salvador, Santos e Londrina.

Parte da palestra de Vieira da Cunha foi dedicada ao 'Coojornal', veículo editado pela cooperativa e que se firma em todo o País como um órgão de comunicação dos mais abalizados existentes atualmente, principalmente em vista dos temas que levanta, aborda a análise em nível opinativo.

O COTRIJORNAL DESTACADO EM PUBLICAÇÃO FRANCESA

A matéria intitulada "Joint venture de soja no Irajá com participação brasileira", de autoria de Cândido Grzybowski, publicada em nossa edição de outubro, recebeu menção especial da revista "Notes du G.E.R.E.I.", do Grupo de Estudos das Relações Econômicas Internacionais do INRA (Instituto Nacional de Pesquisa Agrônômica da França).

A revista francesa (é editada em francês, espanhol e português) ressaltou que o COTRIJORNAL é uma publicação mensal com tiragem de 15.000 exemplares, com distribuição entre cooperativas, universidades, institutos de pesquisa de todos os níveis e organismos de Estado, enfatizando que é um "jornal profissional que aborda variados temas de ordem técnica, econômica, agrícola e de cultura geral, questionando também relevantes temas internacionais".

Sobre a COTRIJUI, disse "Notes du G.E.R.E.I.": "A COTRIJUI é a maior cooperativa cerealista do Brasil. Ela dispõe de importantes unidades de estocagem, transportes próprios e um porto graneleiro para navios de grande porte, além de empresas de comercialização, seguros, câmbio, indústrias de óleo, frigoríficos e outros empreendimentos".

REFLEXO DA COTRIJUI NO ESPELHO DA IMPRENSA

A crescente participação da COTRIJUI nos diversos setores da economia, com aceleração nos últimos tempos, tem projetado a cooperativa como elemento natural de reflexo no espelho da imprensa brasileira. Em outro local desta mesma página estamos focalizando, em breve registro, a citação da cooperativa e deste jornal numa publicação francesa, trilingue, editada em Paris.

De uma maneira geral, jornais e revistas bem como estações de rádio e emissoras de televisão brasileiros, têm focalizado a cooperativa, numa proporção quase que diária.

A seguir, alguns tópicos dessas notícias nos diferentes órgãos: "A Cooperativa Regional Trifícicola Serrana, a famosa COTRIJUI, não mais reflete no nome as suas finalidades nem a sua área de ação. Associando a soja ao trigo, partiu para sofisticada comercialização e industrialização desses produtos inclusive mediante a associação com outras empresas. E agora, o novilho precoce é a nova meta da COTRIJUI". CORREIO AGRO-PECUÁRIO de São Paulo, edição correspondente a 2ª quinzena de outubro.

"A lavoura rio-grandense está falida, o produtor não tem mais nada, só desespero. De certa forma, cobra do governo um ajuste de contas, pois a agricultura é o setor que arrecada 70% das nossas exportações, segundo o dizer de um deputado emedebista gaúcho. De qualquer forma, o ativo presidente da COTRIJUI, Ruben Ilgenfritz da Silva, 39 anos, lembrava que o trigo possibilitou a montagem de uma moderna infra-estrutura agrícola no sul do País, em poucos anos". Revista VEJA, edição nº 479, de 9 de novembro.

"Conforme notícia recebida com justificada satisfação nos meios rurais, já foi assinado o contrato de compra do capital majoritário do Instituto Rio-Grandense de Febre Aftosa, com a cessão de quotas às entidades filiadas à Federação das Cooperativas de Carnes, Federação das Cooperativas de Lã e Cooperativa Regional Trifícicola Serrana - a COTRIJUI, que ficaram com 65 por cento do capital social, mas cabendo à COTRIJUI a maioria das ações". Jornal FOLHA DA TARDE de Porto Alegre, em editorial de edição recente.

UM JORNAL DO CONSUMIDOR

"Não compre óculos escuros sem receita; mude a alimentação nos meses quentes; aditivos dão câncer, acredite". Essas são algumas das recomendações que estão no último jornal "Rancho", que já está circulando em todos os supermercados das diferentes unidades da COTRIJUI.

O "Rancho" é o mais novo jornal, destinado em particular às cooperativas de consumo e se propõe a divulgar o sistema cooperativista, e ao mesmo tempo alertar os consumidores sobre os preços, qualidade, conservação e feitura de diferentes produtos.

Nesta edição, o "Rancho" analisa tudo o que está acontecendo com a carne em todo o País. Faz um roteiro turístico pela Rede Ferroviária Federal S.A. que não custará caro e nem pesará no orçamento mensal. Daqui de Ijuí, o "Rancho" apresenta um quadro completo dos valores dos produtos que uma pessoa deverá consumir, no mínimo, durante um mês e que está previsto em Lei.

Então não esqueça, se a moça da caixa não colocar o jornal dentro do seu pacote de compras, é uma oportunidade de você aplicar o seu direito de consumidor: exija o "Rancho", e de graça.

Use Adubos Trevo. Quem lida com fertilizantes há 46 anos, sabe muito bem como dar a você a terra prometida.

Podera, todo esse tempo em que os Adubos Trevo vêm fertilizando terras pelo Brasil afora, sempre se soube que Trevo é marca de fé. Garantia de colheita fartas. Certeza do pão na mesa.

Final, toda a tecnologia desenvolvida em suas fábricas está voltada inteiramente para o aperfeiçoamento de fertilizantes e calcários adequados às terras brasileiras, de maneira a suprir suas deficiências.

Inclusive agora, o complexo industrial da Trevo, no Superporto de Rio Grande, lança no mercado, também, Supertrevo, o NPK Granulado,

numa composição única de Nitrogênio, Fósforo e Potássio. Sem contar a constante produção de outras formulações NPK, para os mais diversos tipos de culturas.

Por isso, quando chegar a hora de adubar, acredite nos Adubos Trevo, antes de tudo.

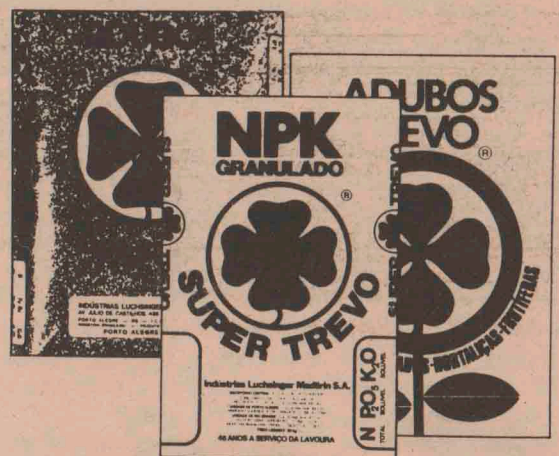
Prá deixar sua terra santa.

ADUBOS TREVO

Indústrias Luchsinger Madrin S.A.

Av. Júlio de Castilhos, 435

Fone 25-5455 - Porto Alegre - RS



Tóxicos: UM MITO DIZ QUE A CULPA É DOS PAIS

Intensas pesquisas científicas que vem sendo desenvolvidas nos Estados Unidos e Europa demonstram que não é necessário um problema emocional para alguém experimentar e posteriormente abusar de drogas. As experiências vem demonstrando também que um viciado não tem que ter um "problema" psicológico ou psiquiátrico para iniciar-se no vício. Da mesma forma, qualquer criança ou adolescente poderá cair vítima de drogas e desenvolver um distúrbio emocional secundariamente.

No entanto, segundo a mesma pesquisa, quem usa drogas está doente e a culpa é dos pais. Após a manipulação dos dados estatísticos levantados por uma equipe norte-americana e divulgadas pelo dr. Christian Gauderer, psiquiatra brasileiro formado nos Estados Unidos, especializado no atendimento de adolescentes drogados, este mito precisa ser denunciado, pois está fazendo maior mal do que bem à juventude.

É voz geral da equipe médica do dr. Christian Gauderer que um viciado não tem que ter problemas antes de ser iniciado no vício maldito. Assim sendo, qualquer adolescente ou criança poderia cair vítima de drogas e após, por consequência das próprias drogas, desenvolver distúrbios emocionais, secundariamente.

Os trabalhos nesta área têm mostrado que uma atmosfera de compreensão e carinho no lar diminui a incidência de drogas na família, mas não lhe garante imunidade. Este dado também mostra que o conceito popular de que os pais são necessariamente responsáveis pelos filhos não tem validade total. A formação que os filhos recebem é importantíssima; é algo que ele pode carregar pelo resto da vida. Mas em variados casos, com o passar dos anos, particularmente da adolescência para diante, muitos filhos vão se tornando independentes, autônomos, donos do próprio nariz...

A equipe do dr. Christian Gauderer considera o fato de que é precisamente o adolescente viciado quem pode dizer com maior clareza, porque toma drogas. Numa recente pesquisa com 7.500 colegiais norte-americanos ficou provado que é a sensação de perigo na maioria das vezes, que empurra o adolescente para o vício. A atmosfera do medo, do misterioso, do terrífico, ao lado das perspectivas de amor e prazeres afrodisíacos com que a própria Lei e a polícia cercam o vício, é que empurra os jovens para o inferno do vício.

A pesquisa foi feita nos Estados Unidos, mas os dados e a mensagem que ela transmite dá para pensar se não seria o caso de universalizá-la, com o consequente reexame das leis que regem o grave problema dos tóxicos inclusive no Brasil.

No Brasil: HÁ 50 ANOS PIONEIRISMO NA CIRURGIA CARDIACA

No dia 17 de novembro de 1927, há precisamente 50 anos, a imprensa do Rio de Janeiro abria manchete para divulgar um fato científico de real grandeza para a medicina mundial. Tratava-se da primeira cirurgia cardíaca realizada em todo o mundo. O feito, pelas características dramáticas e implicações evidentes em face não só do ainda generalizado desconhecimento sobre o coração, esse órgão sagrado do corpo humano como principalmente pela precariedade dos instrumentos clínicos disponíveis, foi notícia no Brasil e no mundo.

O autor do grande feito médico foi o dr. Sylvio Brauner, gaúcho de Pelotas, então com 24 anos de idade, que estagiava no HPS do Rio de Janeiro. O feito, que projetou o médico pelotense como das maiores sumidades clínicas do mundo (ele recebeu cumprimentos até do presidente da República, Washington Luiz), pode ser considerado o precursor da sofisticação na cirurgia que culminaria nos transplantes de coração de que foi pioneiro o sul africano Christian Barnard.

O paciente do dr. Sylvio Brauner foi o então menino Jayme Nascimento, que vive até hoje com boa saúde. É funcionário telefonista do Hospital Souza Aguiar, do Rio de Janeiro.

Pela passagem do importante cinquentenário o dr. Sylvio Brauner foi homenageado no último dia 17, pela classe médica de Pelotas.

PROPAGANDA DE MEDICAMENTOS

Recebemos da Secretaria da Saúde do Estado, assinada por seu titular, sr. Jair de Oliveira Soares, o seguinte ofício:

Senhor Diretor:

Dirijo-me a V. Sa. com a finalidade precípua de solicitar por parte dessa Empresa o cumprimento das disposições do Decreto Federal nº 79.094, de 5 de janeiro do corrente ano, no que se refere à publicidade de drogas e medicamentos.

Ocorre que, com a nova norma reguladora da publicidade dos medicamentos, esta somente poderá ser feita junto aos respectivos profissionais, através de publicações específicas, quando a venda dependa de prescrição por médico ou cirurgião-dentista.

Já a propaganda de medi-

camentos, cuja venda independa de prescrição do médico ou cirurgião-dentista, prescindirá de autorização prévia, preenchidos os requisitos do artigo 118, do Decreto já referido, a saber:

I - Registro do produto, quando este for obrigatório, no órgão de vigilância sanitária competente do Ministério da Saúde.

II - Que o texto, figura, imagem, ou projeções não ensejem interpretações falsa, erro ou confusão quanto à composição do produto, suas finalidades, modo de usar ou procedência, ou apregoem propriedades terapêuticas não comprovadas por ocasião do registro a que se refere o item anterior.

III - Que sejam declara-

das obrigatoriamente as contra indicações, indicações, cuidados e advertências sobre o uso do produto.

IV - Enquadrar-se nas demais exigências genéricas que venham a ser fixadas pelo Ministério da Saúde.

Cabe esclarecer que a dispensa da exigência de autorização prévia não exclui a fiscalização por parte do órgão de vigilância sanitária, aplicando-se todos os meios de divulgação, comunicação ou publicidade, tais como, cartazes, anúncios, placas, referências em programações radiofônicas, filmes de televisão ou cinema e outras modalidades.

À ocasião, renovo-lhe os meus protestos de real apreço.

Quando a criança tiver vômito ou diarreia, suspenda a alimentação. Dê água ou chá e leve-a ao médico. Um conselho da Secretaria Estadual da Saúde.

No verão, a criança quer roupa leve e muita água. É um lembrete da Secretaria da Saúde do Rio Grande do Sul.

AVISO

O Centro de Saúde de Ijuí alerta os senhores Agricultores para que SEJAM TOMADOS TODOS OS CUIDADOS DEVIDOS no uso de produtos TÓXICOS AGRÍCOLAS. No período compreendido entre 28/10/77 à 16/11/77 três agricultores baixaram no Hospital de Caridade de IJUÍ, intoxicados por defensivos agrícolas. Centro de Saúde de Ijuí.

transportadora

4 Rodas Ltda

Uma empresa-equipe. Assim somos conhecidos em Ijuí e nas demais praças onde atuamos. COTRIJORNAL está levando nossa imagem mais longe. Sinal que estamos assumindo mais responsabilidade ainda para 1978.

Junto a isso, queremos transmitir aos associados e amigos da COTRIJUI nossa mensagem de fé e convívio fraternal neste Natal e Ano Novo. E a esperança de que ainda transportaremos muita riqueza no ano que vem, fruto do labor e da força da união.

Transportadora 4 Rodas Ltda.

IJUÍ - RS

Avenida Coronel Dico, 632 - Fones: 2263 e 2757

SÃO PAULO

Rua da Gávea, 317 - Fone 292-53-32

PORTO ALEGRE

Rua Arabutã, 307 - Fones: 42-36-43 e 42-18-06

RIO DE JANEIRO

Rua 19 de Outubro, 51 - Bom Sucesso - Fones: 260-0799 e 280-4698

AS ABELHAS E A AGRICULTURA

Pedro KOLLAS

Grande parte da economia agrícola, em todo o mundo, depende da polinização das flores, sem a qual não haveria produção de frutas e sementes, cuja quantidade depende do número de óvulos fecundados e tal qualidade depende, para muitas espécies, das hibridações entre variedades diferentes. Muitos agricultores se beneficiam acidentalmente das abelhas, selvagens ou não, sem atinar com os lucros que talvez tenham com a influência de tais insetos.

As abelhas contribuem com a maior parcela de polinização das flores, sendo de notar a flagrante diminuição de produtos onde a fecundação das flores é deixada ao acaso dos ventos e das chuvas.

Em nosso país a apicultura é encarada quase que exclusivamente como fonte produtora de mel e cera, quando na verdade, o principal papel das abelhas na natureza é o de contribuir para a perpetuação do reino vegetal.

Nos Estados Unidos calcula-se que a polinização das flores pelas abelhas aumenta a produção anual de frutas e grãos do país, num valor de 4.100.850,00 dólares. Segundo os mesmos cálculos, uma colméia que produz anualmente 10 dólares em mel e cera, dá um lucro de 200,00 no aumento da produção de frutas e de sementes.

Uma plantação de macieira com oito anos de idade, que produzia 1.500 caixas de maçãs, passou a produzir 5.200 caixas depois de colocarem 40 colméias no meio da plantação de macieiras. Um outro fruticultor alugou por 200 dólares de um apicultor os enxames necessários à polinização de suas ameixeiras. Como resultado, teve um aumento na produção de ameixas avaliado em 15.000 dólares. E ao apicultor coube ainda a produção do mel e da cera, elaborados pelas suas abelhas. Calcula-se em cerca de 80.000 o número de abelhas campeiras necessárias à fecundação das flores produzidas em 1 hectare de terreno, ou seja, em média duas colméias não muito forte para cada hectare.

Nos Estados Unidos os fruticultores pagam aos apicultores um aluguel que varia entre quatro a dez dólares por colméia, anualmente, variando este preço em proporção nectarífera da região, pois havendo maior produção de mel e cera (que pertencem ao apicultor), o aluguel por enxame é menos elevado.

As colméias são distribuídas pelo pomar em grupos de cinco a 20, localizando-se os grupos de 350 a 400 metros um do outro, em lugares protegidos contra ventos, em locais mais ou menos baixos para facilitar o vôo das abelhas carregadas, devendo ainda os lugares ser enxutos e de preferência próximos de boas fontes de água, que sirvam para uso das abelhas. Em geral os enxames são retirados dos pomares quando as flores já estiverem caídas, visando-se com isso evitar: a inatividade das abelhas em uma zona onde não existem flores; os riscos para pessoas e animais que trabalham no pomar, expondo-se à agressividade das abelhas; o envenenamento das abelhas produzido pela pulverização do pomar.

Entre as abelhas, as melíferas (gênero apis) — salvo as exceções onde se mostram completamente ineficientes em favor de espécies mais propriamente adaptadas — podem contribuir para maior parte da polinização nas lavouras. Sua importância, destaca quando considerarmos o desenvolvimento da apicultura e o fato de os polinizadores nativos cuja quantidade já é normalmente pequena, se tornarem cada vez mais ineficientes com o aumento das áreas cultivadas e o incremento das práticas agrícolas que tem efeito destruidor sobre eles. As abelhas melíferas são insetos perfeitamente manuseáveis. Pode a colônia ser aumentada ou diminuída, transportada com facilidade e suas espécies podem ser cruzadas entre si, artificialmente, para o aproveitamento de tendências genéticas ou preferenciais por certas plantas.

Até o século XVII as abelhas eram consideradas exclusivamente como insetos produtores de mel. Seu papel na polinização das plantas, como já mencionamos, foi reconhecido somente em 1973 por Sprengel.

Nota da AAI: A Associação de Apicultores de Ijuí ministrará em breve cursos práticos de apicultura. Os interessados, sendo sócios ou não da AAI, podem participar das reuniões com a diretoria da entidade, sempre na última sexta-feira de cada mês, às 20 horas, no salão nobre da Prefeitura Municipal de Ijuí. Próximo artigo: Alimento para o mundo e importância do mel.

ESTUDO PLÁSTICO DA VEGETAÇÃO

Numa iniciativa da Universidade de Santa Maria, acaba de sair em terceira edição o Estudo Plástico da Vegetação, de Francisco Riopardense de Macedo. Trata-se, conforme faz supor o próprio título da obra, de uma análise a nível científica da vegetação que cobre (ou cobria?) a Terra e sua importância para a vida do homem. Aliás o enfoque tem conotação científica quando analisa os efeitos pictóricos das vegetações e suas cores no arranjo da paisagem que nos cerca, mas sua leitura é tão fácil e amena quase que como se tivéssemos lendo um bom tratado de ecologia. Dai a razão de divulgarmos o lançamento de um livro nesta seção.

O lançamento de Estudo Plástico da Vegetação aconteceu no dia 10 de novembro na Associação Riograndense de Imprensa, sob o prestígio do presidente Alberto André, professores das universidades de Porto Alegre, jornalistas, intelectuais e amigos do autor. O livro do professor Riopardense de Macedo estuda a árvore em relação a própria paisagem, sua estrutura e porte; da folha, da flor, textura, transparência e mobilidade, entrando em detalhes quanto a relações folclóricas das plantas, suas características botânicas, relações de espécies, etc.

Um livro obrigatório para

estudantes de botânica, ecologistas, agrônomos, e aconselhado para todo aquele estudioso do meio que nos cerca. Leitura fácil, atraente e de alto teor educativo.

Imprensa Universitária da UFSM, com bonita capa do professor Léo Guerreiro, 75 páginas com expressivas ilustrações de botânica e seu relacionamento com o meio ambiente.



SELVA DE AÇO E SOL DE MERCÚRIO

Ao completar 200 anos de existência, a cidade de Albany, capital do estado de Nova Iorque, promoveu um grande festival de luz e som intitulado Eu amo Nova Iorque. O último dia das comemorações, do qual a foto dá um aspecto, incluiu espetáculos de rua, queima de fogos e outros acontecimentos. Para o leitor apressado, a foto pode ser visualmente bonita. No entanto, se formos analisá-la detidamente, vamos concluir facilmente que o espaço

abrangido pela foto nada mais é do que uma rústica porção de concreto, cimento armado, barras de aço e tintas coloridas, tudo iluminado por poderosos fachos de luz de mercúrio. Se os colonizadores de Albany pudessem voltar hoje a ver sua cidade dos tempos coloniais, por certo chorariam as matas devastadas, as águas poluídas e a total ausência dos pássaros que numa alvorada festiva alegravam suas manhãs...



Fábrica de óleo Cotrijui:

MINISTRO DESTACA A TÉCNICA BRASILEIRA

O ministro da Agricultura, Alysson Paulinelli, tinha importante compromisso no interior do estado de São Paulo no último dia 25, onde devia estar juntamente com o presidente Ernesto Geisel às primeiras horas da tarde. Mas esse dever não o impediu de estar presente no mesmo dia no nosso Estado, onde presidiu a solenidade de inauguração da fábrica de óleo da COTRIJUI em Rio Grande, o que fez na parte da manhã. E conforme fez questão de ressaltar na ocasião, só o fato de estar inaugurando uma grande fábrica genuinamente nacional, já era motivo mais do que suficiente para justificar sua presença em Rio Grande, apesar da escassez do tempo.

Destacou também o fato da fábrica simbolizar mais um elo da união que gira em torno da bandeira cooperativista, que aqui no Rio Grande do Sul está cada vez mais forte, visto que unido. Em outro trecho do seu pronunciamento, feito de improviso, disse que "aqui neste complexo industrial cooperativista tudo é brasileiro, desde o projeto inicial até o mais sofisticado mecanismo, tudo é genuinamente nacional". O presidente da COTRIJUI, Ruben Ilgenfritz da Silva, agradecendo a seguir a presença honrosa e sobretudo as palavras de incentivo do Ministro, disse que a inauguração da fábrica de Rio Grande representava o fechamento de mais uma etapa apenas. A próxima etapa da cooperativa nesse campo industrial será a construção de uma usina para refino de óleo no estado do Rio de Janeiro. E com essa nova etapa — ressaltou o presidente da COTRIJUI — a cooperativa estará percorrendo o ciclo econômico completo: da produção, transporte e elaboração industrial dos produtos a nível de consumidor final.

PESSOA DUARTE

O presidente do Banco Nacional de Crédito Cooperativo, Marcos Pessoa Duarte, que juntamente com o Banco Central do Brasil financiou maior parte da fábrica, falando em seguida, disse que as cooperativas enfrentam hoje três graves problemas: a comercialização, a escassez de recursos humanos e a pequena capacidade de captação de recursos financeiros. Esses, no seu entender, os problemas maiores do sistema cooperativista no enfrentamento da atualidade econômica nacional.

Como tentativa de solução, manifestou-se pela criação, a nível nacional, de uma entidade para ordenar as atividades das cooperativas. Com essa finalidade deverá realizar-se em Brasília, nos próximos dias, uma comissão de alto nível para estudar medidas que levem ao anunciado objetivo.

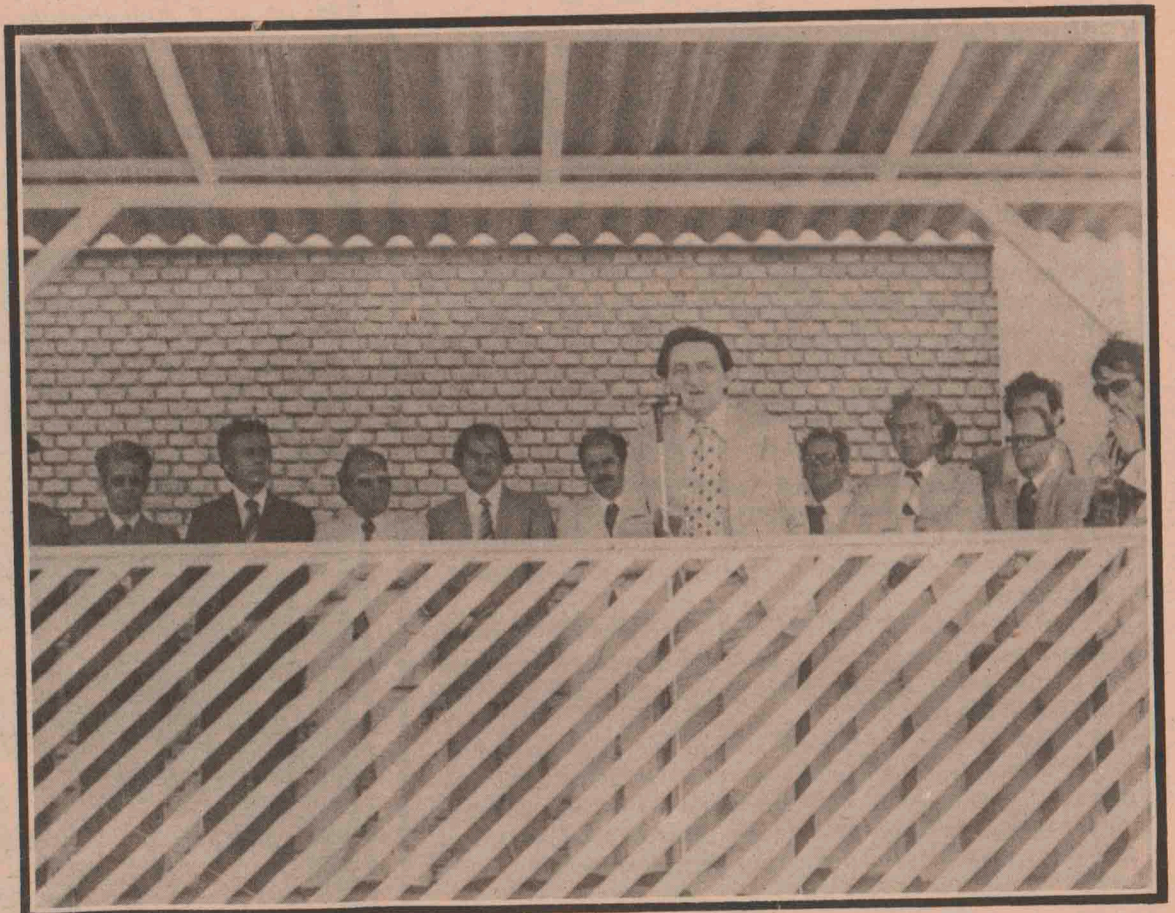
RIBAMAR MELLO

O diretor do Banco Central do Brasil, José de Ribamar Mello, destacou em seu discurso a importância que as cooperativas estão adquirindo no atual processo de desenvolvimento econômico brasileiro. Disse que a integração das atividades de produção e industrialização diretamente pelos agricultores, era uma necessidade para possibilitar um melhor retorno aos produtores, sem necessidade de inflacionar os produtos a nível de consumidor.

Acrescentou finalmente que se essa integração for conseguida, a agropecuária terá seu futuro garantido com reais benefícios para o País. Esse pensamento — ressaltou — baseia-se no fato de que 70 por cento da economia agropecuária do Estado já está em mãos das cooperativas.



O Ministro percorre as instalações e ouve explicações do presidente da COTRIJUI.



O diretor do Banco Central, Ribamar de Mello, fez a apologia do sistema cooperativista como solução para o País.

PRÓXIMO PASSO, UMA REFINARIA NO RIO

Em outubro de 1972, com a presença do então presidente da República, General Emilio Garrastazu Médici, a COTRIJUI oficializou a fase operacional do seu Terminal Graneliro na Quarta Seção da Barra, em Rio Grande. Era um complexo de armazenagem para 220 mil toneladas estáticas para granéis sólidos, com porto e pier de carga e descarga com capacidade de 2.000 toneladas por hora. Dia 25, na mesma área física do complexo do Terminal, com a presença do Ministro da Agricultura, sr. Alysson Paulinelli; dr. José de Ribamar Mello, diretor do Banco Central do Brasil; sr. Marcos Pessoa Duarte, presidente do Banco Nacional de Crédito Cooperativo; secretários de Estado, deputados estaduais e federais, prefeitos da região e autoridades riograndinas, a COTRIJUI inaugurou uma das maiores fábricas de óleo de soja do País.

É um empreendimento genuinamente nacional, em que deve ser ressaltada a tecnologia brasileira desde o esboço do planejamento até a totalidade dos componentes industriais e implantação da grande indústria, até a fase de operação. Com infra-estrutura de base para uma capacidade futura de esmagamento de três mil toneladas de grãos por dia, a fábrica vem operando uma mil toneladas nesta primeira fase, com o que já a iguala às maiores indústrias do gênero, em todo o País.

UM TRABALHO DO COOPERATIVISMO

A fábrica de óleo da COTRIJUI é mais um atestado da conscientização do agricultor gaúcho em torno do cooperativismo, cuja união de esforços somados à atenção que o Governo, através dos seus órgãos financeiros, vem dando ao sistema, é prenúncio de

outros empreendimentos nas áreas da produção, transporte, transformação e comercialização de nossos produtos agro-pecuários.

O segundo passo a ser dado pela COTRIJUI no setor da industrialização de óleo de soja, será a implantação de uma refinaria no Estado do Rio de Janeiro, para processar, a nível de consumidor final, o óleo produzido na fábrica de Rio Grande.

EXPANSÃO

Já com as vistas voltadas para o mercado consumidor do Grande Rio, a fábrica rio-grandina aumentará sua capacidade de esmagamento durante o ano de 1978 para 1.500 toneladas/dia. Conforme foi ressaltado antes, essa expansão paulatina prosseguirá até alcançar-se o estágio final de capacidade, que será de 3.000 toneladas de esmagamento diário.

Mas mesmo com a futura construção da refinaria, quando o produto da COTRIJUI conquistará um amplo mercado consumidor nacional, a cooperativa manterá sua área de "marketing" voltada para o mercado exterior, principalmente o Mercado Comum Europeu, onde poderá colocar largas parcelas não somente de óleo de soja degomado, mas principalmente o farelo de soja produzido numa região de embarque privilegiado, que é o seu pier de embarque, hoje ampliado para carregamento de granéis sólidos e líquidos.

COMPLEXO FÍSICO E TECNOLOGIA

A fábrica ocupa uma área de 4.000 metros quadrados de área construída. Sua localização está situada no Distrito Industrial de Rio Grande, na mesma base física do Terminal, o que permitiu um barateamento

sensível na instalação do sistema de carregamento de óleo para os navios. Mas além dessa proximidade da fábrica com os cais de embarque, foram instalados dois tanques-de-

pósitos, com capacidade para 10 milhões e 400 mil litros de óleo.

A fábrica inaugurada é a segunda pertencente à COTRIJUI, pois a cooperativa mantém em opera-

ção há vários anos na cidade de Ijuí (RS) uma unidade de esmagamento e refino para consumidor final, com capacidade de processar 180 toneladas de grãos por dia.

O COOPERATIVISMO PASSADO A LIMPO

Em seguida à realização de coquetel-almoço, servido numa das unidades de armazém adaptado para a ocasião, os diretores do Banco Central e BNCC reuniram-se com os diretores e conselheiros da COTRIJUI, para debater em forma de mesa redonda assuntos pertinentes ao cooperativismo em geral na atualidade, com destaque para alguns importantes projetos já em andamento ou em fase de estudos, pela COTRIJUI.

A COTRIJUI, através de seus diretores e conselheiros, relatou a estatura de seu desenvolvimento atual e fez considerações de projeção para projetos como o da

Amazônia, a refinaria no estado do Rio e a encampação da Cooperativa de Maracaju, no Mato Grosso. Destaque especial foi dado pela cooperativa aos problemas que afetam os agricultores devido a frustração da safra de trigo deste ano.

Foi ressaltada a necessidade de uma maior agilização do PROAGRO, cujo retorno dos benefícios, segundo reclamação dos agricultores, são muito demorados.

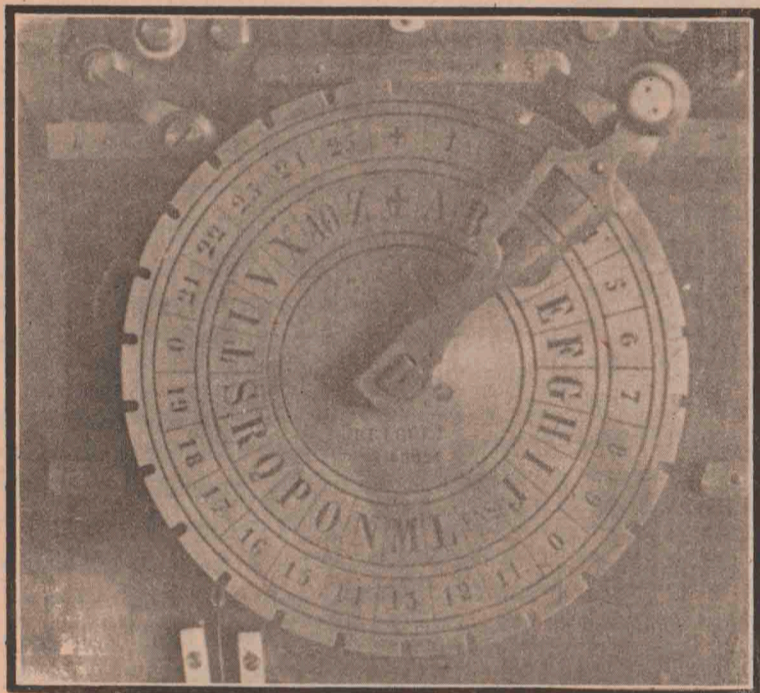
Foi uma espécie de cooperativismo passado a limpo, pelo menos no que se refere a COTRIJUI, quando aquelas duas altas autoridades financeiras do País puderam constatar o grau de desenvolvimento.



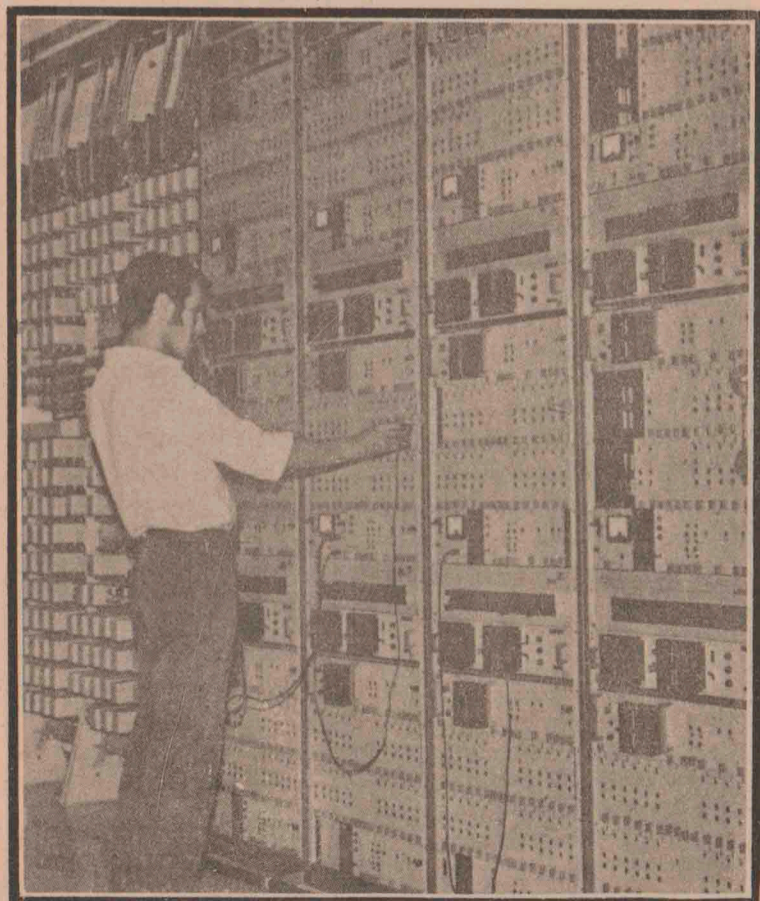
Coube ao diretor do Banco Central do Brasil, José de Ribamar Mello e ao presidente do Banco Nacional de Crédito Cooperativo, Marcos Pessoa Duarte, as tarefas de descerrarem as placas na entrada da fábrica e cortarem a fita simbólica.



D. Pedro II na Exposição de Filadélfia, quando ouvia do próprio Graham Bell detalhes sobre o funcionamento do aparelho.



O "Breguet" foi operado na primeira linha telegráfica implantada no Brasil. Foto Revista Sino Azul, da Companhia Telefônica Brasileira.



Vista parcial de uma moderna estação para tráfego automático, onde a mão do homem é usada no mínimo. Foto Revista Sino Azul.

O NASCIMENTO DO TELEFONE

Há precisamente 101 anos e nove meses, no dia 10 de março de 1876, o homem falava pelo telefone pela primeira vez, no mundo. O inventor do estranho engenho "que falava longe" chamava-se Alexander Graham Bell, um norte-americano de Boston.

O século XIX foi das invenções. Já existia o navio a vapor, o trem, que desenvolvia velocidades de 40 quilômetros por hora em terrenos planos, mas o homem sabia que necessitava de maior rapidez, precisava encurtar distâncias.

Vários cientistas à época de Graham Bell estudavam uma maneira de "falar longe". A maior dificuldade, no entanto, consistia no fato de que os pesquisadores tinham que eles próprios construir os aparelhos. Isso demandava muito tempo. Por isso, Bell resolveu procurar ajuda de um fabricante de produtos elétricos — Charles Williams Junior — que destacou para lhe dar ajuda seu técnico Thomas A. Watson.

Numa noite de junho de 1875, trabalhavam ativamente Bell e Watson, tentando novos progressos com o telégrafo, quando de repente, ao segurar a corda de um transmissor rebentou, batendo com violência na extremidade oposta. Do outro lado da linha, em seu receptor, Bell ouviu um som diferente daqueles normalmente provocados pelas vibrações do transmissor. O ruído produzido emitia sons e sobresons. E quando Watson puxava e largava a corda para fazê-la vibrar, o circuito não sofria interrupção. A tira de aço imantado, vibrando sobre o polo do magneto gerou uma corrente elétrica que variava de intensidade, transmitindo sons audíveis. Foi nesse exa-

to momento que nasceu o telefone.

Em maio de 1876, Graham Bell levou seu invento para a Exposição Centenário, de Filadélfia. Foi a partir da Filadélfia que o restante do mundo civilizado tomou conhecimento dele.

SUA INTRODUÇÃO NO BRASIL

A repercussão foi imediata. Poucos meses após o acontecimento em Filadélfia, aparecia no Rio de Janeiro o primeiro telefone construído nas oficinas da Western and Brazilian Telegraph Company, para D. Pedro II. O aparelho foi instalado no Palácio de São Cristóvão, na Quinta da Boa Vista, hoje Museu Nacional.

Explica-se a pressa de D. Pedro em adquirir um aparelho. É que quando da Exposição do Centenário de Filadélfia, nosso segundo imperador a assistiu, tendo ficado impressionado com a eficácia do aparelho.

Em 1877 a empresa "Rhode & Company" estabeleceu uma linha telefônica, ligando seus armazéns no cais do porto aos escritórios no centro do Rio.

A primeira concessão para estabelecimento de

uma rede telefônica de caráter comercial no Brasil ocorreu em 15 de novembro de 1879, dada a Charles Paul Mackie. Foi também naquele ano que a repartição dos telégrafos organizou um sistema de linhas telefônicas para avisos de incêndio no Rio, ligada à estação central dos bombeiros.

Em 13 de outubro de 1880 estava formada a "Telephone Company of Brazil", com um capital de 300 mil dólares. A nova companhia foi instalada na rua da Quitanda nº 89, em pleno centro do Rio, em janeiro de 1881. Dois anos depois, em 1883, o Rio possuía cinco estações de 1.000 assinantes cada uma e antes de chegar o ano de 1884 entrava em operação a primeira linha interurbana, ligando o Rio a cidade de Petrópolis.

Em seguida o telefone começou a chegar em diversos estados brasileiros. No Rio Grande do Sul o telefone começou em Pelotas, no fim do século XIX, quando foi criada a Companhia Ganzo, que instalou a primeira linha ligando esta cidade a Jaguarão, na fronteira com o Uruguai, terra natal do principal quotista da empresa formada.



O Intelsat III, é o símbolo da moderna telecomunicação dos nossos dias.

A TELEFONIA RURAL VAI SER REALIDADE NO R. G. DO SUL



Ato de assinatura do convênio, quando assinava na qualidade de testemunha, o governador Sinval Guazzelli, ladeado pelo chefe da Casa Civil, Carlos Alberto Algayer e presidente da CCGTEL, Arnaldo Oscar Drews.

Dirigentes ou representantes credenciados das dez cooperativas que constituem a Cooperativa Central Gaúcha de Telecomunicações Rurais Ltda. — CCGTEL — liderados por seu presidente, Arnaldo Oscar Drews, estiveram no Palácio Piratini no último dia 23 para assinar com a Companhia Riograndense de Telecomunicações (CRT), convênio operacional para execução do programa de telefonia rural programado e que deu origem a CCGTEL.

O convênio foi assinado pelo coronel Antonio da Silva Nunes, presidente da CRT; Arnaldo Oscar Drews, presidente da CCGTEL, tendo assinado como testemunhas o governador do Estado, Sinval Guazzelli e o engenheiro Luis Lúcio Izzo, diretor do Departamento de Águas, Telefonia Rural do Estado de São Paulo, também diretor-técnico da CCGTEL.

Trata-se de uma iniciativa pioneira em nosso Estado. O empreendimento reúne as cooperativas tritícolas de Santo Ângelo, Três de Maio, Giruá, Ijuí, Panambi, Cruz Alta, Ibirubá, Tapera, Campo Real e Carazinho. Esse grupo de cooperativas fundou a Cooperativa Central Gaúcha de Telecomunicações Ltda, presidida pelo sr. Arnaldo Drews, que acumula as funções de vice-presidente da COTRIJUI.

A cerimônia de assinatura do convênio foi realizada no gabinete do Governador, estando presentes além dos presidentes das cooperativas componentes da CCGTEL, o sr. Erwin Roth, secretário substituto de Energia e Comunicações; o diretor-técnico da CRT, engenheiro Hedy Pederneiras, os srs. Carlos Alberto Algayer, chefe da Casa Civil; Ruben Ilgenfritz da Silva, diretor-presidente da COTRIJUI; Carmem Englert, da diretoria do Banco de Desenvolvimento do Extremo Sul; Jandyr Schau de Araújo, presidente da COTRISA de Santo Ângelo; Elias Marchese, vice-presidente da CCGTEL; Umberto Garófalo, diretor da COTRIM; Edgar Irio Simm, coordenador do Projeto Cotrijui-Amazônia, além

dos presidentes das cooperativas que integram a CCGTEL e representantes da imprensa.

Discursaram, pela ordem, após a assinatura do convênio, os srs. Arnaldo Oscar Drews, diretor-presidente da CCGTEL; o engenheiro Hedy Pederneiras, diretor-técnico da CRT e o governador Sinval Guazzelli.

Arnaldo Oscar Drews destacou em seu discurso, feito de improviso, o elevado grau de conscientização dos agricultores em torno do cooperativismo, hoje capaz de unir-se em torno da busca de soluções para um problema da ordem e grandeza da telecomunicação a nível rural. Mencionou em seguida a compreensão da CRT, empresa concessionária de serviços públicos de telefonia no estado do Rio Grande do Sul, de quem espera a participação continuada de esforços conjuntos para que possamos resolver essa importante problemática de nossos agricultores.

O diretor-técnico da CRT, Hedy Pederneiras, falando em nome do presidente, coronel Antonio da Silva Nunes, ressaltou a importância da informação instantânea proporcionada pelo telefone, numa época de transformações vitais na sociedade econômica mundial e o governador Sinval Guazzelli, também de improviso, destacou que se tratava de uma experiência piloto e uma associação muito salutar da iniciativa privada com uma empresa do Estado.

Essa associação — disse o governador — que inclui várias cooperativas, somará esforços para atender de forma mais dinâmica as necessidades e anseios de melhores serviços de comunicação no nosso Estado. Formulou votos para que os atos decorrentes da assinatura do convênio possam representar um passo positivo de crescimento e desenvolvimento do interior do Rio Grande do Sul. Ao finalizar disse estar “absolutamente seguro de que essa cooperativa haverá de responder de modo afirmativo ao compromisso que assumiu não apenas com a CRT mas com os produtores rurais do Rio Grande do Sul.”

COOPERATIVISMO

Cirne Lima:

COOPERATIVISMO É BOM PARA O PAÍS

Falando durante reunião-almoço da Organização das Cooperativas do Estado do Rio Grande do Sul — OCERGS — em Porto Alegre, em meados do último mês, quando foi homenageado, o ex-ministro da Agricultura, Luiz Fernando Cirne Lima, qualificou de totalmente infundadas as críticas de gigantismo das cooperativas. Mas, se algumas entidades cooperativas, notadamente as de produção, crescem ao ponto de poderem ser apontadas como gigantes, sem dúvida esse suposto gigantismo é benéfico ao País.

A tônica do pronunciamento do ex-ministro Médici, demissionário na metade daquele governo por divergir da política econômica posta em prática pelo ex-ministro da Fazenda Delfim Neto, girou em torno do chamado gigantismo das cooperativas, segundo a conhecida tese dos comerciantes gaúchos e que veio à tona através de memoriais da Federação das Associações Comerciais do Rio Grande do Sul.

Enfatizando que cooperativismo é completamente consonante com os reais interesses do País, destacou Cirne Lima que “não podemos aceitar as críticas de gigantismo das cooperativas porque, ainda que achemos que ele encerre riscos

sociais, tem sido o setor mais ortodoxo do capitalismo e o que tem obrigado a, qualquer corporação, cooperativista ou não, a assumir determinadas dimensões para enfrentar os riscos e os problemas impostos pela concorrência capitalista.

O ex-ministro da Agricultura destacou também que “as cooperativas não são contra ninguém. Dentro dos parâmetros tradicionais do capitalismo em que vivemos, as cooperativas trabalham no sentido de atender da melhor forma que lhes for possível os objetivos de seus associados”.

Em outro trecho de seu pronunciamento, disse Cirne Lima: “As cooperativas, com milhares de associados que trabalham no sentido de proporcionar decisões econômicas ao País, certamente são menor preocupação social, política e econômica do que outras corporações com dimensões ainda maiores do que as grandes cooperativas e onde as decisões são tomadas apenas e quase sempre unilateralmente, pelo detentor do controle do capital, não raro, uma só pessoa”.

Reportando-se ao gigantismo das corporações multinacionais, ressaltou que “Se considerarmos a realidade indiscutível das grandes compa-

nias transnacionais, principalmente na gestão do comércio agrícola mundial, seremos forçados a reconhecer que as cooperativas foram e sempre serão um importante elemento de defesa do real interesse nacional”.

O ex-ministro salientou a necessidade que os países em desenvolvimento tem de utilizar recursos oriundos do capital externo. Mas destacou que “É preciso que haja disciplina adequada desse capital em consonância com o interesse nacional. E essa disciplina deve ser tão severa quanto o é nos Estados Unidos, na área do Mercado Comum Europeu e na União Soviética. Nessas condições, mas somente nessas condições, o interesse do capital estrangeiro deve ser justificado no Brasil”.

Ao abordar de forma mais específica um possível acordo entre o capital privado brasileiro e o Estado frente ao capital estrangeiro, Cirne Lima recordou a famosa pergunta formulada pelo ex-ministro do Comércio e Indústria: “O Estado é que deve governar a sociedade ou a sociedade é que deve governar o Estado?”

“Nesse ponto — disse ele — cremos que, pelo menos de passagem, devemos dizer da absoluta necessidade que vemos em um acordo entre o ca-



L. F. Cirne Lima

pital nacional e o Estado para um adequado posicionamento do país em face do capital estrangeiro. Cabe, então, aqui, a pergunta colocada por Severo Gomes: “O Estado é que deve governar a sociedade ou a sociedade é que deve governar o Estado?” Como vimos, o Estado não é um fim por si só e sim um instrumento e, como tal, deve estar a serviço da sociedade e por ela ser governado”.

Para Cirne Lima, o raciocínio leva à convicção de que o

controle do Estado pela sociedade definirá o convívio harmônico entre empresa, Estado e empresa privada, “visando o grande projeto nacional, em outras palavras, o bem comum. E quanto ao fato de que muitos empresários criticam a contradição entre a natureza do cooperativismo e o que, na verdade ocorre, Cirne Lima sentenciou: “O cooperativismo não é contra o lucro, pois a diminuição de custos e um melhor preço final nada mais são, também, do que lucro”.

AINDA O GIGANTISMO DAS COOPERATIVAS

Era natural que a aquisição do controle acionário do ex-IRFA (Instituto Riograndense de Febre Aftosa) pelas cooperativas, repercutisse mais na Campanha do que nas demais regiões do Estado. Vivendo há anos o problema da insuficiência de abastecimento de vacinas anti-aftosa ou o que é pior, comprando água destilada como se fosse vacina, os pecuaristas foram sempre os maiores prejudicados nesse comércio onde predomina o poder das multinacionais.

Em Dom Pedrito, região há pouco integrada a área COTRIJUI, o assunto foi e continua a ser comentado, com elogios ao sistema cooperativista que começou a entrar no setor de produção de vacina.

O jornal “Ponche Verde”, de Dom Pedrito, publicou em sua edição de 19 último, circunstanciado editorial intitulado “Gigantismo Cooperativista e as Multinacionais”, cujo conteúdo tomamos a liberdade de publicar. Eis o editorial do tradicional “Ponche Verde”:

“De uns tempos para cá

temos lido e ouvido um movimento desfechado pelas entidades mais representativas do comércio e da indústria contra o que denominam “gigantismo das cooperativas”.

Desde o início recebemos com perplexidade essa tese, ou melhor dito, essa antítese econômica dentro do sistema capitalista moderno. Para nós, o cooperativismo é um ideal a ser alcançado, em toda a sua plenitude, e que tem como finalidade precípua levar do produtor diretamente ao consumidor todos os bens de consumo.

Ainda há pouco, quando de sua visita a este Estado, o senhor Ministro do Planejamento Reis Veloso afirmou que o Governo possuía uma comissão de alto nível para estudar o “problema” do gigantismo das cooperativas.

Agora, as cooperativas do Rio Grande do Sul vêm de estabelecer um consórcio para deter o controle acionário do Instituto Riograndense de Combate à Febre Aftosa (IRFA), único produtor de vacinas genuinamente nacional,

ou melhor dito, o único laboratório não multinacional que fabrica esse tipo de vacina. E, para maior gaudío de nós, pedritenses, a cooperativa majoritária nessa tomada de capital é a COTRIJUI. Então ficamos a nos perguntar: Qual o prejuízo que trará à economia do país o já tão decantado gigantismo das cooperativas? É claro que o grande “prejuízo” reside em que as cooperativas gigantes ou associadas constituem-se no único meio de concorrência aos prejuízos e abusos que acarretam ao consumidor algumas multinacionais.

Agora, com o surgimento desse fato, agiganta-se e toma imensuráveis proporções as denúncias que, de público, fez o general Gastão Pereira dos Santos, nada mais e nada menos que um irmão do Vice-Presidente da República contra os absurdos que as multinacionais vêm causando no ramo de produtos veterinários em todo o país.

Em face do que todos estudaram e dos fatos concretos denunciados pelo ilustrado ge-

neral gabrielense e, agora, comprovados pela atitude das cooperativas, o que veio evitar o monopólio multinacional no fabrico da vacina anti-aftosa, a uma única conclusão poderemos chegar: o tão decantado gigantismo constitui, em verdade, a maior e única salvação para os que, com patriotismo, se devotam à causa cooperativista.

Acreditamos, pois, que a

anunciada formação de uma “comissão de alto nível” conclua, com um pronunciamento plenamente favorável ao engrandecimento do sistema cooperativista no país. Pois é unicamente por esse engrandecimento que nós, brasileiros, devemos lutar, no sentido de tornar as “nossas” cooperativas cada dia mais agigantadas, mais sólidas e mais promissoras”.

Em Nova Petrópolis:

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTERCÂMBIO COOPERATIVO

O Instituto de Desenvolvimento do Cooperativismo — INDECOOP — em coordenação com a COOPERURAL de Nova Petrópolis, a pioneira das cooperativas brasileiras em funcionamento, à passagem de seus 75 anos de operação e ainda com a colaboração da Organização das Cooperativas das Américas — O.C.A. — promove entre oito e 10 do corrente o I Seminário de Intercâmbio Cooperativo do Cone Sul da Amé-

rica. O encontro internacional será sediado na localidade de Linha Imperial, no interior de Nova Petrópolis, próximo a cidade de Gramado.

Segundo informação do órgão promotor do Seminário, já estão confirmadas as presenças na parte internacional, de representantes da Argentina, Uruguai, Peru e Chile. A Organização das Cooperativas Brasileiras também confirmou sua participação no encontro.

CONTROLE DO IRFA ESTÁ COM AS COOPERATIVAS

A COTRIJUI passou a ser acionista majoritária do Instituto Riograndense de Febre Aftosa (IRFA), juntamente com a Federação das Cooperativas de Lã e a Federação das Cooperativas de Carne.

As três entidades cooperativistas detêm 65 por cento do capital do IRFA, numa transação que envolveu cerca de 25 milhões de cruzeiros.

Já para o próximo ano, o Instituto deverá ampliar sua produção de vacina antiaftosa

para 40 milhões de doses, o que atenderá plenamente as necessidades do mercado gaúcho. A produção atual gira em torno de 30 milhões de doses.

A distribuição das vacinas aos pecuaristas será feita pelas próprias cooperativas e sindicatos rurais, e o IRFA deverá contar com um laboratório dotado de equipamento moderno, com uma tecnologia especial para a fabricação de vacina antiaftosa.

Na COTRIJUI, toda a

parte de vacinas antiaftosa será integrada ao Departamento Técnico. E embora ainda não tenha sido elaborado um programa para esta atividade, Waldir Groff que é coordenador de assistência veterinária da COTRIJUI, esclarece que o controle do IRFA pelas cooperativas trará benefícios diretos aos produtores.

— Os produtores produzirão as vacinas e eles próprios, além de fiscalizarem a qualidade, utilizarão em seus rebanhos.

ATUALIZAÇÃO DO CADASTRO

Associado: Como é do seu conhecimento, a Cooperativa, além de comercializar suas safras, também presta-lhe muitos outros serviços, tais como: assistência técnica, assistência social, assistência jurídica, fornecimento de crédito, etc.

É evidente que, para melhorar estas prestações de serviços, a Cooperativa necessita obter maiores informações de seu corpo social. Dessa forma, para assistência técnica, necessita saber a área e a capacidade de produção, terraceamento, etc. Na área de assistência social, necessita saber o número de dependentes de cada associado. Para a concessão de crédito: repasse de lavoura, correção de

solo, implementos, etc. Os bancos que nos confiam os empréstimos necessitam saber qual o seu patrimônio, sua produção, suas dívidas, etc.

Para obtenção de todas essas informações, que virão em seu benefício, a Cooperativa criou um sistema de cadastro que, uma vez preenchido será usado exclusivamente para os fins acima indicados.

Convidamo-lo, portanto, a comparecer o mais breve possível no Departamento de Crédito de sua unidade, trazendo consigo os seguintes documentos: carteira de associado, CPF, carteira de identidade, título eleitoral, número da inscrição

estadual (bloco modelo 15), relação de seus dependentes com respectiva data de nascimento, talão do INCRA, escritura das terras próprias ou em usufruto, contrato de arrendamento. Faça uma relação de: trigo, soja, feijão e milho colhidos nos últimos anos com respectivas áreas; anote o número de animais que possui (suíno, bovinos, aves); anote suas dívidas bancárias e outras; faça uma relação de suas benfeitorias e maquinários agrícolas; discuta em casa e procure descobrir o que gasta com a família por ano em alimento, calçados, roupas, etc.

Lembramos, ainda, que de sua colaboração depende a eficiência de nossos serviços.

DIRIGENTES DA SHELL NA COTRIJUI

Estiveram em Ijuí, oportunidade em que realizaram visita de cortesia à direção da COTRIJUI, elementos da direção da Shell Petróleo do Brasil S.A. O grupo era integrado pelo presidente da empresa no Brasil, A.P. de Gues, pelo gerente da área sul, Raphael R. dos Santos; Silvio T. Machado, da gerência de marketing da Shell no Rio Grande do Sul, além dos responsáveis pela empresa em Ijuí. Durante instantes, mantiveram animado diálogo com o diretor presidente da COTRIJUI, Ruben Ilgenfritz da Silva e diretor comercial da cooperativa, Alceu Carlos Hickembick. Na foto, já no aeroporto, Alceu Hickembick transmite os agradecimentos da COTRIJUI pela visita dos representantes da Shell do Brasil.



Coordenador do Incra no Estado: RECADASTRAMENTO RURAL EM 1978

Dizendo que o movimento cooperativista não deve esperar que o Governo faça tudo, o engenheiro agrônomo Cláudio Martins da Silva, coordenador do INCRA no Rio Grande do Sul, ressaltou para a reportagem do COTRIJORNAL, durante encontro havido em Rio Grande, logo após a inauguração da fábrica de óleo da COTRIJUI, os diversos programas que são desenvolvidos por aquele organismo no sentido de preparar gente para o melhor desempenho de cargos nas cooperativas. O agrônomo Cláudio Martins da Silva destacou a COTRIJUI como exemplo de atuação num cooperativismo de visão ampla e cujas conquistas em diversos campos de atuação empresarial estão aí para atestar. E dentre os empreendimentos mais recentes, com larga repercussão numa área nobre da atividade gaúcha, que é a pecuária, está a aquisição do IRFA (Instituto Riograndense de Febre Aftosa), por entidades cooperativas do Estado.

Enfatizando que o quadro social de uma cooperativa é a pedra angular do cooperativismo como sistema e logicamente como empresa, disse que o INCRA vem pautando sua atuação, no sentido de preparar este quadro social e mesmo os funcionários das cooperativas para que possam desempenhar melhor suas atividades, seja de ordem administrativa seja como funcionários contratados.

Destacando a importância do preparo funcional do pessoal como um passo importante na vida do sistema, enumerou os diversos cursos que o INCRA vem oferecendo na área das atividades profissionais. O Plano Nacional de Padronização Contábil, tem em vista uniformizar a contabilidade das cooperativas. Durante os dez primeiros meses do ano, um total de doze cursos foram realizados.

Partindo do princípio que o primeiro fiscal deve ser o associado, Cláudio Martins disse que o INCRA treina conselheiros fiscais para melhor desempenharem suas funções de observadores credenciados nas cooperativas pelos demais associados. Outros projetos importantes ressaltados pelo sr. Cláudio Martins da Silva foram o Plano Nacional de Assistência Técnica (PLANATE) às cooperativas e sindicatos rurais e cursos para dirigentes de primeiro escalão em cooperativas.

Mas a grande meta para 1978, ressaltou o coordenador do INCRA no Rio Grande do Sul, será o recadastramento rural, a ser desenvolvido durante o período de 1º de fevereiro até 31 de maio.

O dinheiro não está fácil para ser jogado no mato.

Na hora de comprar herbicida, é melhor perder um pouco de tempo comparando um a um, do que perder muitos cruzeiros depois. Milhares de agricultores já fizeram isso.

E acabaram preferindo Treflan, o mata-mato.

Vale a pena conhecer suas razões:

- Treflan é mais do que um herbicida, é um Sistema, o Sistema Treflan.

- Treflan nunca falhou.
- Treflan tem assistência técnica que não falha.
- Treflan tem a garantia do Controle de Qualidade Elanco.
- Treflan ou Treflan Combinado controla os matos de folhas estreitas e largas.

- Treflan é feito pela Elanco, com matéria-prima brasileira.
- Treflan tem experiência, faz o que diz há 13 anos.
- Treflan já está provado e comprovado.
- Treflan dá tranquilidade.
- Treflan e Elanco, produto e companhia que os Engenheiros Agrônomos podem recomendar.

Estas são as vantagens que você tem quando usa Treflan.

E isso é uma coisa que nenhum outro herbicida pode oferecer.

Como você pode ver, esta simples comparação não é só uma questão de ganhar dinheiro. É uma questão de ganhar tranquilidade.

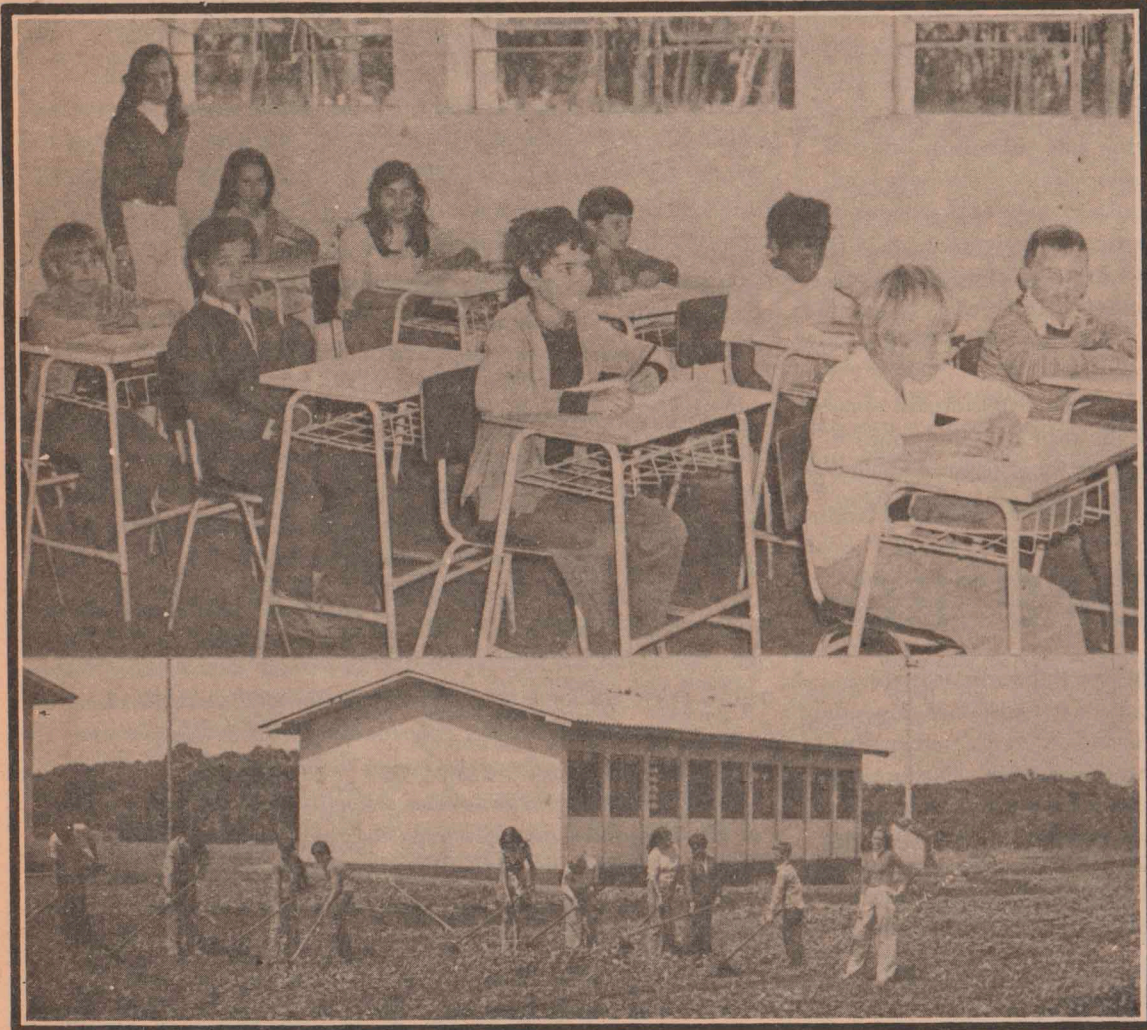
Fale com o Engenheiro Agrônomo de sua cooperativa.

ELANCO

Treflan

Fabricante de Treflan: Coban, Hygromix, Perflan, Tylan e Trifluralina.

Escola de Área do Chorão: ESTUDO E TRABALHO INTEGRADOS



Nas fotos dois bonitos exemplos de juventude integrada ao saber e ao trabalho, quase que simultaneamente. Em cima, a busca do ensino para alimentar o espírito. Abaixo, os jovens trabalhando a terra na horta da escola.

Projetos agrícolas mais sofisticados, e também viáveis, são conhecidos em escolas técnicas, tanto no Rio Grande do Sul quanto em outros Estados. Mas como o Plano Agrícola em execução há nove anos no distrito de Chorão, município de Ijuí, acreditamos sejam poucos. E ao longo desses anos, o ideal comunitário está a comprovar a força da união. Estudantes de 1º grau, sob a orientação dos pais e lideranças da escola local, produzem o suficiente para custear sua merenda e mais os gastos com material de expediente.

DA LAVOURA À COZINHA

Na Escola de Área de Chorão, distrito que dista 12 km do centro de Ijuí, tudo é integrado. Enquanto o diretor do estabelecimento, professor Egidio Bin, se vê as voltas com a falta de uma titular para a secretaria, dando aulas, colocando em dia a correspondência, participando de reuniões, sua esposa, Vitalina Bin, é responsável pela cozinha da escola. A merenda de todas as manhãs é ela quem prepara, e também o almoço caso o caminhão-escola da UMIT esteja atuando na localidade. Atualmente, segundo testemunho do diretor, tudo — ou quase tudo — funciona como as 70 famílias do Chorão haviam planejado para a comunidade escolar. Faltam aspectos como arborização, construção da quadra de esportes, e mudança da denominação da escola, como homenagem aos pioneiros. Passaria a se chamar Escola "24 de Fevereiro". Enquanto isso, o Plano Agrícola, com assistência técnica da COTRIJUI, vai se desenvolvendo a contento.

O PLANO AGRÍCOLA

Ao assumir a direção da escola, o professor Egidio sentiu que alguma iniciativa teria de

ser tomada para diminuir os problemas econômicos, tão comuns em comunidades de pequenos proprietários rurais. Foi projetado então o Plano Agrícola, que consiste em usar racionalmente os 5 hectares que constituem a área da escola, mais 2 hectares cedidos por um agricultor vizinho. Somente da soja produzida nessa área, cerca de 200 sacos, o Circulo de Pais e Mestres arrecada o suficiente para os gastos. O presidente do círculo, também agricultor, Onorildo Zangirolami, fala que já foram feitas experiências com lentilha, trigo, e agora se pensa em cultivar uma horta, para subsistência. A idéia esbarra na falta de mão-de-obra disponível. No caso da soja, a cada safra as famílias se revezam entre o plantio e colheita. Os que não podem ajudar diretamente, cedem o maquinário, ou então doam em dinheiro o correspondente a duas jornadas de trabalho. Os serviços de capina cabem aos alunos, que temporariamente, sob a orientação da direção da escola, se revezam na limpeza da lavoura. Para eles, isso constitui uma tarefa sadia e esportiva. Trocam experiências já adquiridas, enquanto vão aplicando seus conhecimentos em grupo.

A par dessas responsabilidades a direção da escola e do CPM estão empenhados em obter reconhecimento para as 7ª e 8ª séries, já em funcionamento em combinação com outro estabelecimento. Alegam que estrutura física e condições não faltam para obter o tão esperado reconhecimento do Conselho Estadual de Educação. Depois disso, nova luta será encetada. Que a SEC autorize a implantação do estudo a nível de 11º grau no Chorão, um sonho antigo da comunidade que não gosta de ver os filhos desistir de estudar ou se deslocar para longe.

PRESIDENTE DA COTRIJUI PARANINFA AGROTÉCNICOS

Estiveram em Ijuí dia 17 de novembro, professores e alunos do Colégio Agrícola "Frederico Westphalen", do município do mesmo nome, uma extensão a nível médio da Universidade Federal de Santa Maria. Na parte da manhã percorreram todas as instalações da COTRIJUI, além de reunirem-se com o diretor presidente da cooperativa. Na oportunidade, oficiaram convite ao líder cooperativista, para que seja paraninfo da turma de agro-técnicos deste ano. A programação de conclusão do curso será levada a efeito dia 17 de dezem-

bro, com missa às 17,30h; ato solene às 18,30h; jantar às 20 horas, e baile de formatura às 23 horas. Todos estes atos serão desenvolvidos no salão social do estabelecimento.

O Colégio Agrícola "Frederico Westphalen" conta atualmente com 220 alunos, em regime de internato. É diretor do educandário o professor Arildo Crespan. Na foto, parte dos 40 formandos deste ano, em companhia do professor regente, Paulo Bureseska, e do paraninfo, dr. Ruben Ilgenfritz da Silva.



DUAL[®] MIX

O fim das ervas daninhas na Soja!

Informe-se nos órgãos de extensão rural, com o agrônomo da sua cooperativa ou no seu revendedor agrícola.

O AGRICULTOR CONSCIENTE

As lutas e idéias de um agricultor presidente de sindicato

O Sindicalismo em 1977 vai ficar na história dos anos 70 como o início de uma nova participação dentro da sociedade brasileira.

O estopim, talvez, tenha sido a disposição de muitos sindicatos de recuperar os percentuais de reajustes do salário mínimo calculados com diferenças, em 1973.

O Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, por exemplo, conseguiu reunir, numa noite, mais de 5.000 associados.

O que veio reforçar ainda mais a ação dos sindicatos, em particular aqui no Rio Grande do Sul, foi o lançamento de um documento no final de outubro, onde 100 Sindicatos, uma Federação e 9 Associações de Classes, onde analisaram a situação dos trabalhadores brasileiros, embora depois de um dia, outras Federações e até mesmo Sindicatos, divulgassem um segundo documento contrariando as opiniões do primeiro. E como está o sindicalismo agrícola? O agricultor José Francisco, presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura que reúne 1.878 Sindicatos e 11 milhões de famílias de agricultores, num encontro que manteve no mês passado com o Senador Petrônio Portella, reafirmou a necessidade da Reforma Agrária e Justiça Agrária para o Brasil, como instrumento para resolver os inúmeros conflitos do campo. E apontou o êxodo rural e o aparecimento dos "bóias frias" como o resultado de uma estrutura fundiária "arcaica, defeituosa e injusta, que vem sendo mantida através dos tempos".

Aqui em Ijuí, o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e também agricultor, Carlos Karlinski, vem realizando desde 1976, quando assumiu a presidência, um intenso trabalho de reuniões com os agricultores, junto a COTRIJUI, para formar uma verdadeira consciência do sindicato e no encontro dos seus mais sentidos problemas, que segundo ele "estão somente na falta de terra".

Pequeno produtor, com apenas 12 e meio hectares, Carlos Karlinski, de 30 anos, conhece e vive os problemas do dia-a-dia dos agricultores. Aqui nessa entrevista ele conta as suas lutas e idéias no sindicato.

COTRIJORNAL: Hoje se fala numa nova ação dos sindicatos. Muitos líderes sindicais,

principalmente de São Paulo e Porto Alegre, estão exigindo uma maior participação nos planos do Governo; um diálogo com o empregador e o direito à greve e liberdades de organização e expressão. Como você vê essa situação?

KARLINSKI: Chegou o momento que os sindicatos não podem mais ficar sem ser ouvidos. Se os sindicatos estão se mobilizando agora, é uma amostra que o trabalhador não está bem. Aqui no caso do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, posso dizer que o pequeno, o minifundiário, está sendo massacrado a cada dia. Embora a situação aqui na região não seja tão grave como é em outras partes agrícolas do País. Mas mesmo com essa proposição dos sindicatos de aproximar e dialogar com os empregadores, eu não acredito que terá resultado no meio rural. Não há diálogo do explorador, o latifundiário, com o explorado, o minifundiário. Então, a tão necessária e falada Reforma Agrária ou redistribuição de terras, só será possível com um ato do Governo. E para isso, só a partir das pressões dos próprios agricultores que podem se organizar em torno do sindicato.

COTRIJORNAL: Em que pretende atuar, principalmente, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí?

KARLINSKI: Procuramos realizar, principalmente, um trabalho de base entre os agricultores. Levar até eles a verdadeira finalidade do Sindicato e junto com esse trabalho discutir toda a sua realidade. Se não se consegue a solução de um determinado problema pela reivindicação, pelo menos há união em torno de uma causa. Só a diretoria isolada, não tem força suficiente.

COTRIJORNAL: Você poderia fazer um relato das atividades desenvolvidas pelo Sindicato, desde o tempo que assumiu (março de 1976) a presidência?

KARLINSKI: Estamos realizando seguidas reuniões, junto com a COTRIJUI, nos núcleos dos agricultores, que são determinados locais onde eles se reúnem. Desenvolvemos uma série de semanas da promoção rural. E também organizamos reuniões com os líderes dos diferentes núcleos. Em termos de assistência, colocamos em funcionamento, a partir de julho, o laboratório médico.

COTRIJORNAL: Por falar em assistência, você não acha que os sindicatos podem

abandonar essa atual forma assistencialista (prestação de serviços médicos e odontológicos) para ser apenas reivindicativa. Uma força a mais para garantir os direitos dos agricultores?

KARLINSKI: Num curto prazo, acho que pode, como deve. O sindicato, ao meu ver, deve exigir para os trabalhadores uma perfeita assistência médica e odontológica, mas não executar esse trabalho. Os sindicatos, em anos passados, vinham recebendo dos agricultores uma série de reivindicações, entre elas a da assistência médica e odontológica. E assim, muitos dirigentes de federações e sindicatos, conscientes ou não, foram levados, muito também pela situação política do País, a executar essas tarefas assistenciais, muitas vezes simplesmente para contar com a presença e participação dos associados no sindicato. Mas em muitos sindicatos essa assistência teve efeito contrário: os sindicatos não tiveram condições de prestar uma assistência ideal e se desgastaram. Mas na verdade, ainda hoje, os agricultores estão inseguros em termos assistenciais. Embora estivéssemos conscientes que essa tarefa não cabe ao sindicato, apoiamos a criação do laboratório médico para ajudar a preencher esse vazio que existe para os agricultores. Mas essa situação terá que mudar logo.

COTRIJORNAL: Quais os problemas mais sentidos pelos agricultores e que eles encaminham ao sindicato?

KARLINSKI: Cada problema de um agricultor vai desembocar na falta de terra. Mas, indiretamente, ele vai sentir as poucas condições de comprar o maquinário necessário, insumos, fertilizantes. Com a pouca terra ele se vê limitado em todas as frentes. Há também os inúmeros problemas de aposentadoria e acidentes de trabalho, que ainda não têm uma legislação segura e eficiente.

COTRIJORNAL: Você acredita que a partir do momento que o agricultor ingressa na cooperativa ele abandona, de certa forma o sindicato, porque encontra na Cooperativa, aqui no caso a Cotrijui, uma forte sustentação econômica, com facilidades de comercialização, transporte, financiamentos, dos seus diferentes produtos?

KARLINSKI: Sem dúvida. Isso pode-se perceber em regiões que não possuem cooperativas. No nosso sindicato, a bem da verdade, a participação é pequena. Muito devido a Cotrijui aqui na área de ação do sindicato. Mas há explicação: a cooperativa envolve o agricultor, dando-lhes possibilidade de financiamento, assistência técnica e eficientes meios de comercialização. Então, principalmente o médio e o grande produtor, vê resolvidos todos os seus pro-



O Sr. Carlos Karlinski.

blemas. Mas o pequeno produtor, se bem que nem toda a maioria, ainda procura o sindicato. Aqui na região há um bom entrosamento sindical com a Cotrijui. Mas isso não impede do sindicato ter uma posição crítica da cooperativa. Isso virá em benefício da própria Cooperativa, como dos agricultores.

COTRIJORNAL: Na sua opinião, qual o caminho que

deveria seguir, daqui para frente, o sindicalismo brasileiro, em particular o dedicado aos agricultores?

KARLINSKI: O caminho é um só: procurar envolver quanto mais gente em torno do sindicalismo e formar uma consciência de classe, tanto do trabalhador urbano, como do rural. Esse é o rumo para a solução de muitos problemas.

AVISO

a agricultores, agrônomos, cooperativas agrícolas e revendedores

WUXAL®

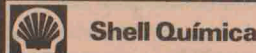
é agora distribuído pela Shell Química S.A.

Wuxal, fertilizante foliar líquido, é um complexo de sais minerais essenciais, micro elementos, vitaminas e hormônios de crescimento que, alimentam as plantas diretamente pelas folhas. Wuxal é indicado para café, trigo, soja, citros, algodão, cacau, arroz, batata, banana, feijão, milho, e também para horticultura, fruticultura e floricultura.



WUXAL é marca depositada pela Philips Duphar GmbH, República Federal da Alemanha. Fórmula original de Aglukon Gesellschaft MBH, Dusseldorf, Alemanha.

Já à venda nos revendedores de Produtos Químicos Shell e cooperativas.



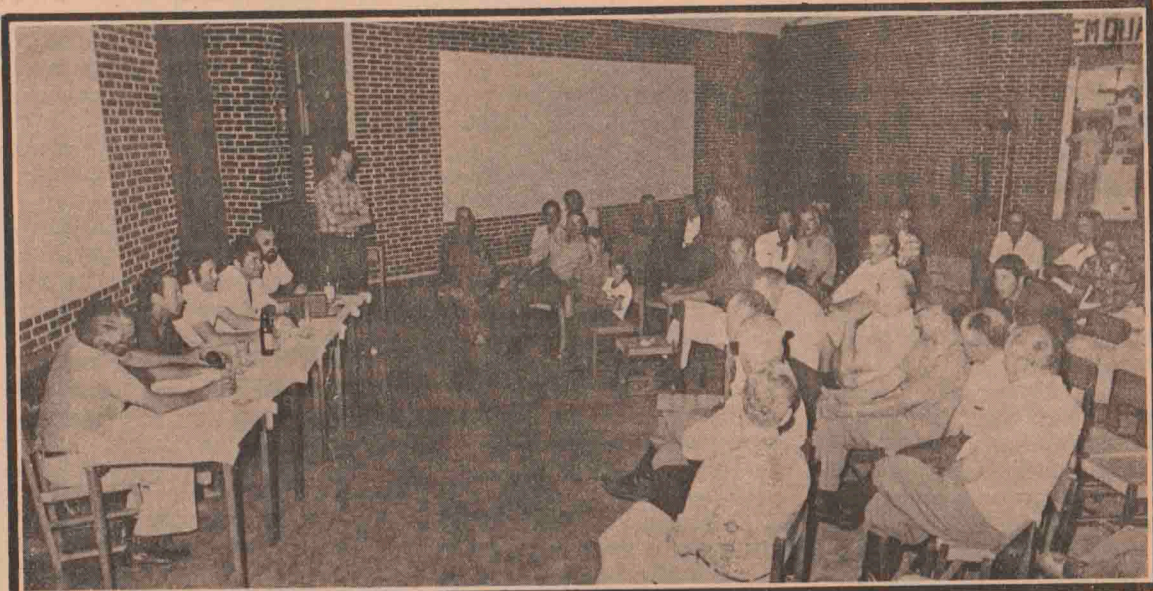
DOM PEDRITO: DIÁLOGO COM ASSOCIADOS

Dom Pedrito e sua região de influência, hoje parte integrante da COTRIJUI, vem merecendo especial atenção do setor de comunicação e educação da cooperativa, que assim busca as formas mais práticas e objetivas, para tratar dos interesses dos associados, a exemplo do que já ocorre no Alto-Uruguaí. À par de um programa de rádio levado ao ar dominicalmente pelas emissoras Upacará e Sulina, a partir das 11,15h e da cobertura recebida pelo jornal local Ponche Verde, se procura agora, pela participação direta do associado, o debate de assuntos cuja decisão lhe diz respeito. Esta primeira reunião ocorreu no dia 17 de novembro, no CTG Rodeio da Fronteira.

SINDICATO RURAL

A reunião foi a culminância dos contatos mantidos du-

rante algumas semanas com as lideranças sindicais de Dom Pedrito, e com o próprio quadro associativo da COTRIJUI, pelo sr. Ivo Bazilio, do setor de comunicação e educação. No encontro, o presidente do Sindicato Rural de Dom Pedrito, João Alberto Blanco, sugeriu que as reuniões fossem realizadas por área de interesse — lã, carne, arroz ou soja — de acordo com a época, e levando-se em conta que cerca de 80% do quadro associativo da COTRIJUI em Dom Pedrito reside na cidade. Ainda assim, é pensamento do setor implantar o serviço de comunicação a nível de núcleos interioranos, objetivando proporcionar uma cobertura e diálogo mais amplos possíveis. Além do estudo desse assunto, qual seja a implantação do serviço de comunicação e educação cooperativista em



Representantes da Cotrijui e sindicato no diálogo com os produtores.

Dom Pedrito, mereceu enfoque também a incorporação da Cooperativa Mista de Maracaju Ltda — COPEMARA, e outros relacionados a soja, arroz e

lã. Além do sr. João Alberto Blanco e Ivo Bazilio, participaram da mesa Abu Souto Bicca, conselheiro; Walter S. Duarte, gerente da unidade e Ruy Poli-

doro Pinto, assessor de comunicação e educação da COTRIJUI. Os associados tiveram participação ativa nos debates, questionando sobre tecnologia.

SANTO AUGUSTO: ATENDENTES DE ENFERMAGEM TIVERAM CURSO

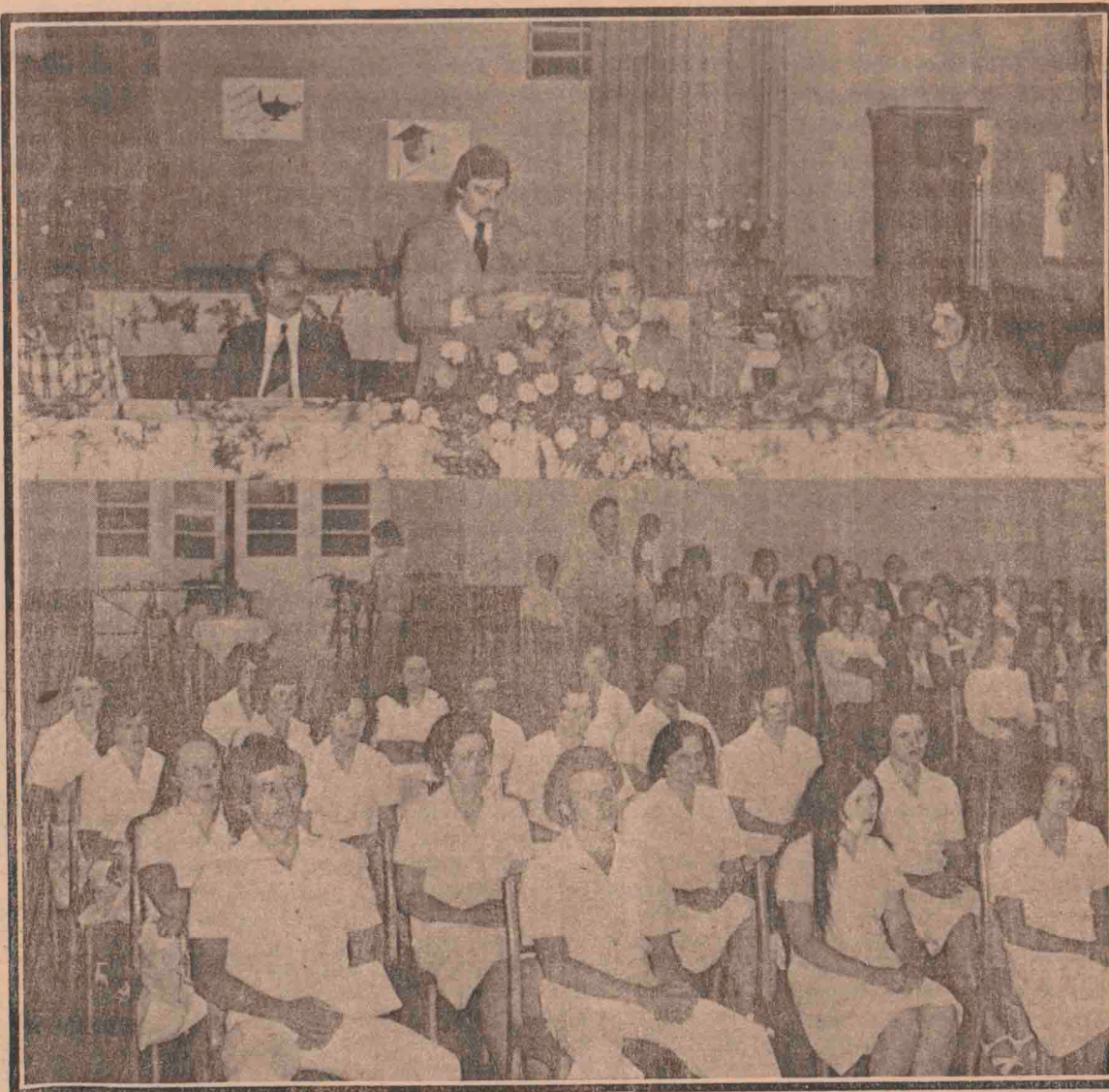
Melhorar os serviços que presta nos campos da assistência médica e social foi o objetivo da COTRIJUI ao promover, juntamente com o SENAC, um curso de atendentes de enfermagem. Esta atividade se desenvolveu no Hospital Santa Terezinha que a cooperativa mantém em Santo Augusto, sendo que a solenidade de encerramento do curso ocorreu no salão de festas do Clube "7 de Setembro".

Dos 19 concluintes do curso, apenas um não presta serviços junto ao hospital. Trata-se do enfermeiro Milton Santos, que exerce funções junto a COTRIJUI, em Ijuí. Dentre os que participaram deste curso está a jovem Inês Alves dos Reis. Ela seguirá para Porto Alegre, onde fará o curso de Auxiliar de Enfermagem na Escola de Saúde Pública da Secretaria de Estado dos Negócios da Saúde.

Na solenidade de encerramento do curso, além da administradora do Hos-

pital Santa Terezinha, Clair Leal Coelho, falaram o orador da turma, Milton Santos; o paraninfo, dr. Naldo Wiegert, diretor clínico do hospital e o prefeito municipal de Santo Augusto, Alecrides Sant'Ana de Moraes. Prestigiaram o ato junto a significativa parcela da comunidade santoaugustense, além dos citados, o vice-prefeito e o presidente da Câmara Municipal de Vereadores, e o diretor de recursos humanos da COTRIJUI, Nelcy R. Nunes.

O prefeito agradeceu em nome da comunidade, os atos da COTRIJUI, dizendo: "A COTRIJUI é exemplo vivo de dinamismo, através de seu hospital. Melhorou o corpo clínico, melhorou as instalações, inaugurou uma farmácia e agora proporciona este curso a seus funcionários. Nós somos os maiores beneficiados. Cumprimos a COTRIJUI e solicitamos que outros cursos sejam oferecidos aos santoaugustenses".



O paraninfo, ao usar da palavra, vendo-se os demais integrantes da mesa. Embaixo vista parcial da assistência e o grupo de atendentes de enfermagem.

CHIAPETTA: 12 ANOS DE PROGRESSO

Originário da Itália, Carlos Chiapetta se radicou com a família em São Gabriel. Mas logo adquiriu terras na então Fazenda Monte Alvão, para onde se transferiu no ano de 1908. Nasciam as raízes do que viria a ser o município de Chiapetta. Falecido Carlos Chiapetta em Buccita, na Itália, sua esposa mandou realizar levantamento da área e sua divisão em colônias, bem como a abertura das primeiras estradas. Juntamente com a viúva, Victória Carvalho D'Villa Chiapetta, Dante Barromeu Chiapetta e Sady Cardoso, foram os responsáveis pela execução do plano até a venda aos colonizadores. Hoje, a comunidade chiapetense é agradecida ao espírito desbravador e progressista de Carlos Chiapetta e seus familiares.

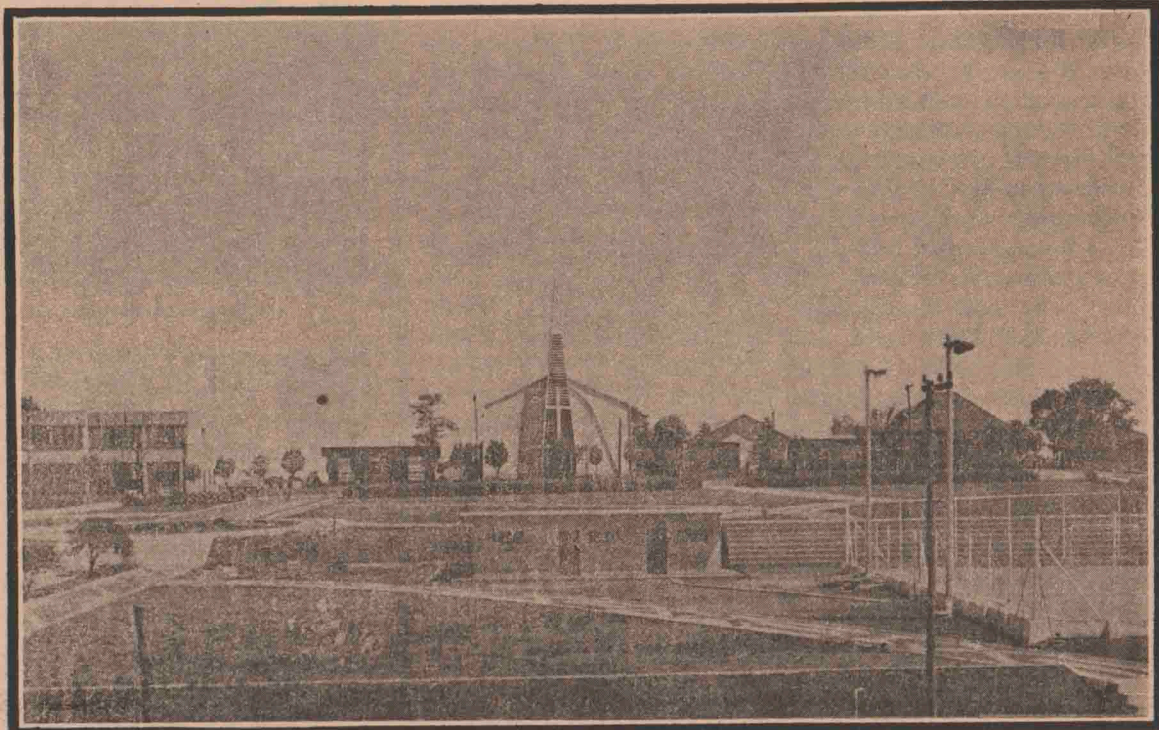
A EMANCIPAÇÃO

Passados os primeiros anos de ocupação das terras da chamada "Sede Chiapetta", a localidade crescia, alcançando a categoria de 7º distrito de Santo Ângelo em 1955. Em 1961, com a emancipação de Catuípe, a Sede Chiapetta passou a constituir o 3º distrito deste município.

Mas, como foi sempre o distrito mais forte economicamente, um grupo de homens se decidiu por uma campanha emancipacionista. A culminância deste movimento veio através da Lei Estadual nº 5.155, de 15 de dezembro de 1965. Chiapetta alcançava sua emancipação político-administrativa, desmembrando-se de Catuípe e passando a constituir mais uma célula municipalista na geografia rio-grandense. No ano seguinte, a 28 de maio, aconteceria a solene instalação do município, tendo a frente a comissão constituída dos srs. Armindo Wolf, Romirto Dietrich e Selvino Luiz Andrighetto. Administrativamente, o recém município teve como interventor o sr. Claudino A. Zimmer, sucedendo-lhe o primeiro prefeito municipal eleito, sr. Werno Konrad. Depois, assumiram o poder executivo Júlio Kronbauer e o atual prefeito, Herbert Hintz.

EDUCAÇÃO E PRODUÇÃO

O município conta com 18 estabelecimentos de ensino, sendo apenas um particular. Essa rede escolar abriga 439 estudantes. No campo da econo-



A praça central leva o nome de Carlos Chiapetta, em homenagem ao pioneiro.

mia, Chiapetta, município da região COTRIJUI, tem sua base no binômio trigo/soja. A cooperativa respondeu a essa dinâmica, construindo no município armazém com capacidade de 60.000 toneladas. A orientação técnica dispensada pela cooperativa aos produtores se observa nos índices de

produtividade alcançados, decorrência da correta utilização de corretivos do solo, adubação perfeita e técnicas conservacionistas.

Ao completar mais um aniversário de sua vida independente, a comunidade chiapetense, liderada pelo prefeito Herbert Hintz, busca a conse-

cução de metas prioritárias, como sejam a extensão das redes d'água e instalação de equipamentos telefônicos, obras em execução. As atenções ao interior se refletem na conservação de estradas e recuperação de pontes, bem como na extensão de redes de energia elétrica.

CORONEL BICACO: LEMBRANDO O PIONEIRO

No dia 18 deste mês de dezembro, o município de Coronel Bicaco, comunidade integrante da região COTRIJUI, estará completando 14 anos de vida independente. Progressista comuna da região celeiro do Rio Grande do Sul, nas comemorações lembra agradecida a figura ímpar de Ramão Luciano de Souza, apelidado Coronel Bicaco, que no língüquo ano de 1868 aportou naquelas terras. Tal foi seu desempenho nas lides comunitárias e comerciais, que mais tarde sua alcunha serviria para dar nome ao município.

PROGRESSO

Muita mística envolve a vida e obras de Ramão Luciano de Souza, e não há um só dos moradores de Coronel Bicaco que hoje não saiba contar um "causo" sobre aquele pioneiro. Verdade é que, além de impulsionar a vida do lugar com sua forte casa de comércio, preocupou-se desde cedo em dar estrutura ao seu trabalho e dos demais, sendo responsável direto pela instalação de uma usina geradora de energia elétrica e rede de telefonia. Já há muitos

anos que Coronel Bicaco — o município — vive os frutos de um esforço comum, mas nunca esquecendo os feitos arrojados do forasteiro, filho por adoção.

AGRICULTURA

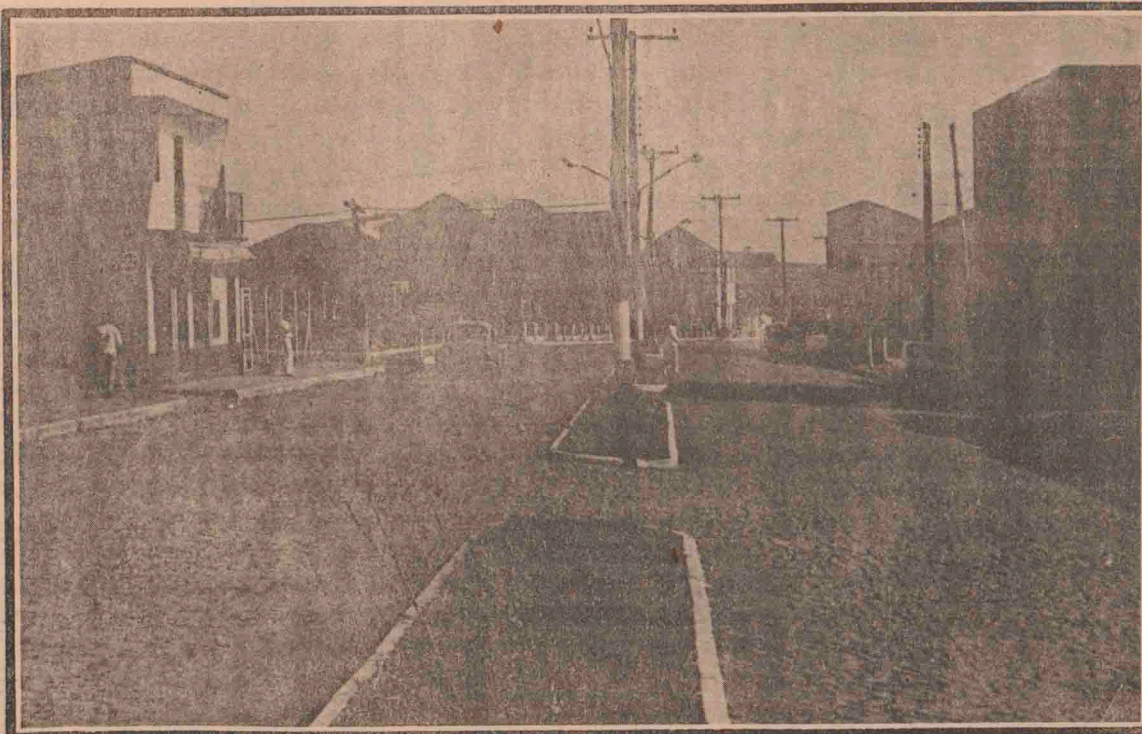
Enquanto distrito, Coronel Bicaco passou por muitas fases de influência econômica. Primeiro a pecuária, depois a erva-mate, ainda hoje parte da produção, mas em menor escala. Já há alguns anos o município tem sua principal fonte de riqueza na agricultura, notadamente em lavouras de soja (40.000 ha) e trigo (17.000 ha). Levantamentos técnicos acusam ser de 47 ha o tamanho médio da propriedade rural do município. Dificuldades como mecanização e outras, relegaram a produção de milho e feijão preto a culturas de subsistência. A COTRIJUI, que vem atuando diretamente no município desde 1973, através de seu departamento Técnico, considera como atividades básicas para aumentar a produtividade das lavouras, o emprego das técnicas conservacionistas e de correção do solo. Para pres-

tar atendimento aos seus 800 associados de Coronel Bicaco, a cooperativa instalou armazém graneleiro, supermercado e oferece toda a assistência já peculiar a dinâmica de atuação da COTRIJUI, como financiamentos por repasse, assistência técnica e social, comercialização,

Atualmente, Coronel Bicaco conta com 34 estabelecimentos de ensino de primeiro grau, frequentados por 1.718 alunos, mais 105 estudantes de segundo grau. As origens de sua população estabeleceram o culto ao tradicionalismo, que tem como órgão representativo o

Centro de Tradições Gaúchas Tropeiros de Campo Santo.

Ao completar 18 anos, Coronel Bicaco é sede da Associação dos Municípios da Região Celeiro. O prefeito, Jacy Luciano de Souza, é o presidente da associação dos Municípios da Região Celeiro.



Trecho da avenida principal da cidade.

Boas Festas:

O NATAL ESTÁ CHEGANDO

De meados de dezembro até o dia 6 de janeiro, dia de Reis, o mundo vive o período de Natal, festa comemorativa ao nascimento de Jesus Cristo. É um dos acontecimentos mais significativos e alegres do ano. E a noite de Natal é, para os brasileiros, uma noite de festa. Daí se dizer boas festas. Em cada região do Brasil a festa é comemorada de diferentes maneiras.

Nas grandes cidades permanece ainda a influência européia: um pinheiro verde é cortado, colocado num canto da sala e enfeitado com bolas coloridas e velas acesas. Por outro lado, uma grande maioria adota o presépio, herança dos costumes portugueses. Enfim, em todos os lugares tudo parece ficar mais bonito quando se aproxima o Natal. É uma época de boa vontade entre os homens, que entre si trocam presentes, cartões e cumprimentos cordiais. Nos campos de batalha a guerra chega a ser interrompida. Infelizmente porém, nem a trégua nos consegue livrar da hipocrisia e falsidade. De que adianta então paralisar a guerra, se é para ficarmos cada vez mais distanciados do próximo.

Naturalmente que há pessoas — e são muitas — que comemoram o Natal no seu sentido mais verdadeiro. Outras encontram nele uma festa de confraternização familiar apenas, um acontecimento social próprio para o exibicionismo, ou até uma ocasião para explorar o semelhante. Os Reis Magos deram presentes como prova de seu agradecimento a Deus e adoração ao Seu Filho. Em nosso meio, há os que nessa época só pensam em ganhar dinheiro, satisfazer suas ambições. Não se está dizendo que não devemos dar presentes. Mas fazer isto dentro da realidade em que vivemos, do significado do Natal, sem a exploração comercial. O que é comum, é alguns ficarem contentes porque recebem presentes, enquanto outros se sentem frustrados por nada receber. E o Natal passa até despercebido.

Oxalá festejemos este Natal dentro de seu verdadeiro sentido. Por isso, nossos votos de um bom Natal e Ano Novo.

Noemi Huth

Corte e Costura:

COTRIJUI PROMOVE CURSOS PARA O LAR



O grupo de Bom Princípio e a assistência ouvindo a explanação do assessor de comunicação, Rui Polidoro Pinto.



Com as professoras Noemi e Herminia, as senhoras e jovens de Rincão dos Ferreira, Augusto Pestana.



Concluintes do curso em São Miguel, Ijuí, após receber os diplomas. Ao centro, a estagiária Neusa Azenha, de Santa Maria.

A partir do ano de 1976, juntamente com as aulas práticas de arte culinária, o setor de comunicação e educação da COTRIJUI vem oferecendo cursos de corte e costura às esposas e filhas de associados da cooperativa. Sete cursos já foram realizados, sendo que nesta página focalizamos três deles. A coordenação é da professora Noemi Huth, cabendo a sra. Herminia Maria Pannebecker, ministrar os cursos, com duração de 60 horas/aula cada um.

A CONVERSA INFORMAL ANTES DO CHURRASCO

É praxe quando da conclusão do curso, realizar reunião que conta com a presença e participação de moradores de todo o núcleo, mais as representações da COTRIJUI, FIDENE (Instituto de Educação Permanente) e sindicatos rurais. Nos momentos que antecedem à entrega dos certificados, são feitas colocações sobre a cooperativa, os objetivos dos cursos, a partir da maior participação da mulher nas decisões da família, etc. É hora em que qualquer um pode falar, seja o associado, sua

esposa ou mesmo os filhos. A programação, graças a índole comunitária do povo interiorano, inevitavelmente encerra com um jantar.

DOIS CURSOS EM AUGUSTO PESTANA

No município de Augusto Pestana, região COTRIJUI, realizaram-se dois cursos. Um na localidade de Bom Princípio. Contou com a participação de 19 senhoras e moças, que confeccionaram um total de 297 peças de roupas. Outro no Rincão dos Ferreira, onde as concluintes em número de 23, fizeram 277 peças de vestuário. Além das representações citadas, se fez presente o casal Luiz Mariotti, ele gerente operacional da unidade da COTRIJUI em Augusto Pestana.

SÃO MIGUEL TEVE 20 PARTICIPANTES

Também no núcleo de São Miguel, interior de Ijuí, o encerramento do curso de corte e costura ensejou grande movimentação. No lugar, como é costume, participam de reuniões da cooperativa ou sindicato todos os membros da família. As 20

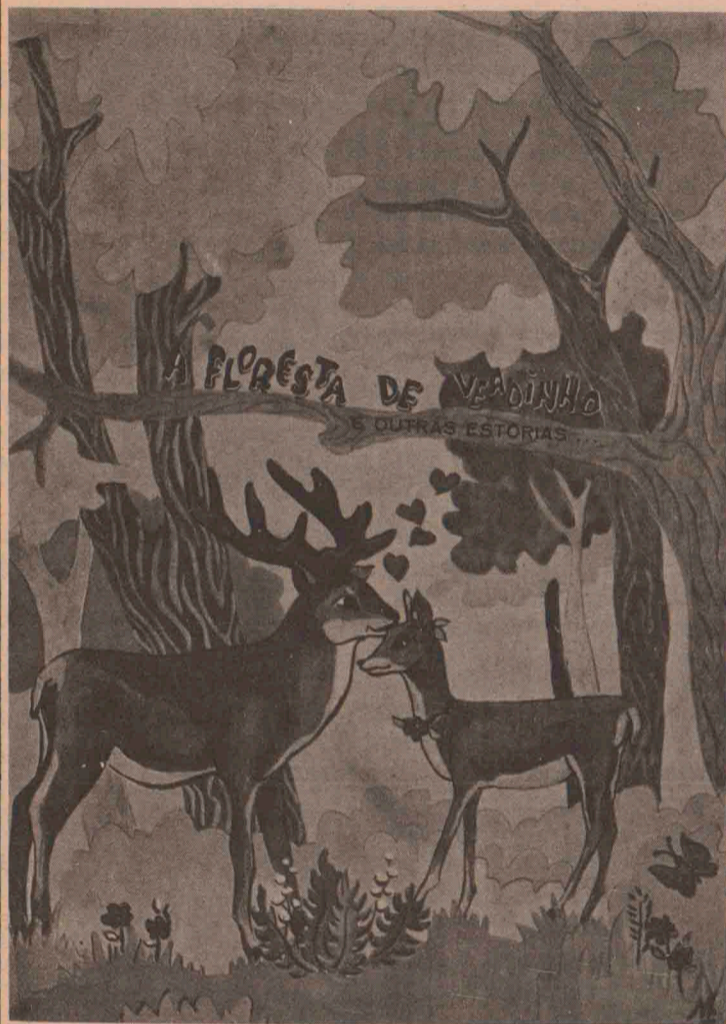
participantes do curso confeccionaram 209 peças, trabalho que mereceu a apreciação e elogio do diretor presidente da COTRIJUI, Dr. Ruben Ilgenfritz da Silva, que juntamente com a esposa, Marilda, participou da programação de encerramento.

Em todos os cursos, a reportagem observou a motivação integradora da iniciativa. Enquanto as mães e filhas obtinham um índice mais alto de participação na vida e decisões da família, os homens, dado a presença de elementos do setor de comunicação e educação da COTRIJUI, debatiam assuntos referentes a safras, preço, comercialização, incorporação (Maracaju) e outros.



Literatura Infantil:

**FLORESTA DE VEADINHO
E OUTRAS ESTÓRIAS . . .**



Consagrado escritor inglês disse certa vez que é tão difícil, pouco representativo e ainda menos lucrativo escrever para crianças, que se não fora seu amor à juventude e o fato de ele próprio ter sido criança um dia, ele fecharia o tinteiro.

A professora Ema Hocevar Spalding se não pensa, age exatamente como o escritor inglês. Ela escreveu um livro de estórias infantis com textos tão agradáveis que proporcionam leitura tão atraente e saborosa, que mal a gente começa a ler, já termina . . . Realmente, a única coisa a lamentar é a brevidade do texto que se contém em 23 páginas, apenas.

O livro é a Floresta de Veado, com sugestivas ilustrações de Maria de Lourdes Gomes Miron, que teve lançamento de caráter beneficente em prol da criança excepcional de Ijuí.

São quatro pequenas estórias: A feliz girafinha, Estória de uma borboleta, Mariazinha e a semente e a Floresta de veado, que dá título à obra.

Sem editora especificada, o livrinho tem excelente apresentação gráfica, com capa em policromia.

É de esperar-se que seja esse apenas o início de Ema Hocevar Spalding no mundo maravilhoso das letras infantis e que proximamente possamos registrar, pelo COTRIJORNAL, novos lançamentos da inteligente autora. Nas livrarias, ao preço de 15 cruzeiros. Vale a pena. RQ.

Voluntários do Martírio:

REVOLUÇÃO DE 1893

Quando o próprio autor vive o acontecimento constante da obra, o relato é sempre visto por um ângulo de realidade. É o que ocorre com o livro de Ângelo Dourado, A Revolução de 1893, editado por Martins Livreiro. O livro foi impresso aproveitando fac-símile da edição original de 1896, publicada pela Livraria Editora Americana, de Pelotas.

Voluntários do Martírio — narrativa da Revolução de 1893, com apresentação do cronista Sérgio da Costa Franco, é um repositório de fatos, a maior parte deles vividos pelo próprio autor, de excepcional valor para historiadores, estudantes de história e por todos quantos tenham interesse nos fastos da história da Pátria.

Seu autor, baiano de nascimento, era médico e recém formado chegou ao Rio Grande do Sul, radicando-se na zona sul do Estado, tendo tomado parte naquele sangrento conflito, o mais bárbaro e sem sentido (se é que a guerra possa ter sentido) dos quantos foram travados no Brasil durante toda a sua história.

Da obra lançada por Martins Livreiro num magnífico esforço editorial, apenas lamentamos o fato de haver sido publicada através de fac-símile da edição pelotense, naturalmente que com a ortografia da época. Ao preço de 160 cruzeiros o livro pode ser adquirido nas livrarias ou diretamente com o editor, a rua Riachuelo, 1218, em Porto Alegre.

**MANUAL DA
CULTURA
DO TOMATE**

A Editora Livroceres, de Piracicaba, São Paulo, acaba de lançar o Manual da Cultura do Tomate, de autoria de Euclides Biggi.

Impresso em papel couchê e com 80 fotos a cores, o livro tem o objetivo de esgotar o assunto na técnica do tomateiro e seus frutos.

Nas livrarias especializadas ou pelo reembolso postal. Maiores informações por carta à Livroceres Distribuidora Ltda. à rua Silva Jardim, 1655 — Caixa Postal, 215 — 13.400 Piracicaba, São Paulo.



Soja sem pragas.

com
**NUVACRON e
DIMECRON**

Inseticidas realmente comprovados contra todas as pragas aéreas da soja.



DIMECRON: inseticida específico contra pragas sugadoras, como percevejos, vaquinhas, mosca branca, burrinho, etc.

NUVACRON: inseticida de largo espectro contra lagartas, percevejos, vaquinhas, mosca branca, burrinho, etc.

CIBA-GEIGY
CIBA-GEIGY QUÍMICA S.A.
Divisão Agroquímica
Av. Santo Amaro, 5137
Tel.: 241-0691
São Paulo - SP



Desejo receber gratuitamente o folheto técnico de Soja n.º _____
Nome: _____ Rua: _____ Cidade: _____ Estado: _____

Pesquisa adverte:

É PRECISO FREAR A EROSÃO

Como tema principal a conservação do solo, o professor Jorge Molina, da Universidade Nacional de Buenos Aires, proferiu uma recente palestra para os técnicos e agrônomos da região da COTRIJUI, a convite da Metalúrgica Ibirubá, Indústria e Comércio Ltda.

Uma das maiores autoridades mundiais em microbiologia do solo, o professor Molina, que também é técnico da FAO, é autor de vários trabalhos sobre o manejo e conservação dos solos.

Tendo já participado de diversos congressos e reuniões internacionais sobre o assunto, o prof. Molina exerce atualmente o cargo de professor titular de Agricultura Geral na Faculdade de Agronomia e Veterinária da Universidad Nacional de Buenos Aires.

Entretanto, o professor argentino já conhecia o Brasil, pois em 1972 foi professor do curso de Pós-Graduação em Manejo e Conservação do solo na Universidade de Santa Maria, além de ter participado do Congresso Panamericano de Conservação do solo, realizado em São Paulo. O professor Molina voltou

ao Brasil em 1975, quando esteve no Centro Nacional de Pesquisa do Trigo, em Passo Fundo, como consultor em conservação do solo num projeto da FAO, assessorando na implantação da "Operação Guarda-Chuva", no município de Ibirubá.

FRACASSO DO TRIGO

Em entrevista coletiva na sede da Afucotri, o professor Jorge Molina afirmou que nesta região encontram-se os melhores solos da zona tropical do mundo, destacando entretanto "que é preciso saber cuidá-los". Sobre os fracassos na lavoura tritícola, ele explicou que é um grande desafio plantar trigo nesta zona sub-tropical, "mas um desafio que pode ser vencido", afirmou. Aos que queriam saber como, ele respondeu:

— Usando mais técnica e trabalhando bastante venceremos mais este desafio.

Jorge Molina defende o uso constante do solo, pois segundo ele, "não se pode dar descanso ao solo". "Podemos plantar sucessivamente trigo e soja, mas no intervalo do plantio das pastagens".

Sobre o uso do calcário ele falou:

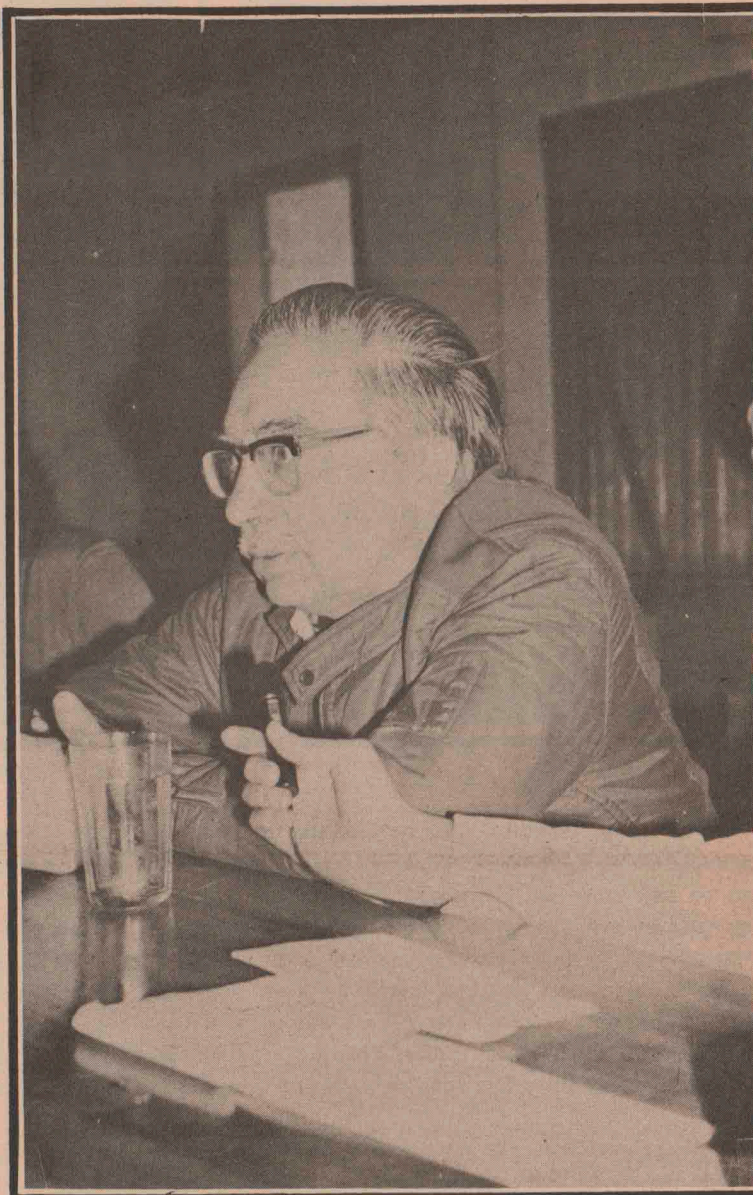
— O uso do calcário representa um adiantamento espetacular, entretanto, sabemos que toda técnica oferece problemas, mas temos que resolvê-los.

O professor argentino é um grande defensor do plantio direto, pois como fez questão de ressaltar, ele é o fator de todo o sistema que permite evitar a erosão. "Por isso, o plantio direto é a grande esperança da agricultura", ressaltou.

Referindo-se ainda a erosão, o professor Molina disse ter ficado alarmado com os dados que os técnicos lhe forneceram em Passo Fundo, mostrando que se perdem anualmente 220 toneladas de terras desnudas por hectare. "Isto é terrível. É preciso frear a erosão a fim de manter ou elevar a produtividade". Mas não deixou de mostrar seu entusiasmo pelo que se faz no Rio Grande do Sul em matéria de conservação do solo, assim como o uso do terraceamento, que, segundo ele, não tem similar na Argentina.

MÁQUINAS AGRÍCOLAS

Encerrando a entrevista, o professor Molina fez referência ao uso do maquinário agrícola, afir-



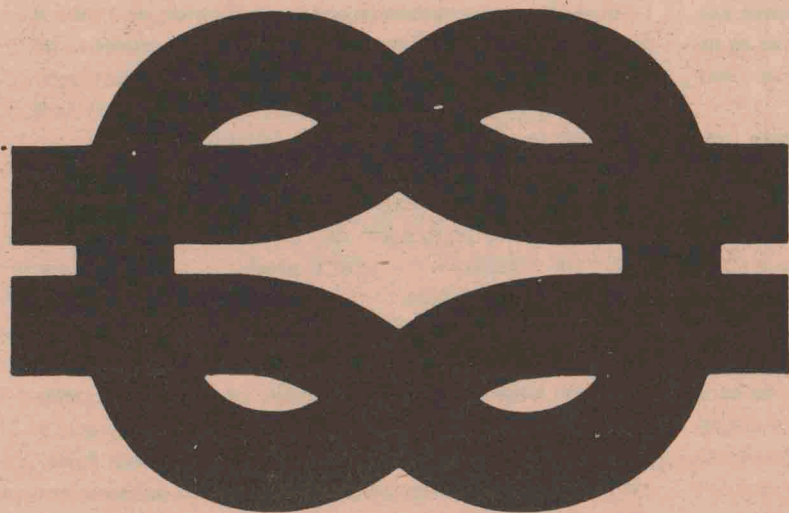
As opiniões de um especialista mundial em solo.

mando ser um defensor da fabricação local de máquinas para uso na agricultura, e explicou porquê:

— Sou um defensor da fabricação local de máquinas agrícolas porque entendo que somente uma fábrica local tem efetiva-

mente interesse em atender às necessidades locais. Entretanto, é preciso não esquecer que para uma máquina atender às exigências necessita de muitos anos de pesquisa e, mesmo assim, a perfeição nunca é alcançada.

**Serás
mais um
elo da
união**



A união de muitos faz a força de todos. Associa-te à Cooperativa Regional Tritícola Serrana Ltda. Associa-te ao progresso!

COTRIJUI

NOVOS CAMINHOS PARA O LEITE



Entre o trigo e a soja, a alternativa do leite.

Há razões de sobra para o agricultor se lançar a produção de leite. Para citar algumas: o trigo vem a cada ano de frustração em frustração; a soja ainda garante, mas também tem seus problemas e é um lucro que se recebe uma vez só durante o ano, como o trigo; o plantio constante de mesmas culturas, conforme dizem os técnicos, está esgotando o solo e as plantas não estão tendo mais o rendimento ideal. Então, por que o agricultor não se dedica também à criação de gado e produção de leite?

Nessa atividade, não resta dúvida, o lucro é mensal e pode ser muito bom; não aparecem as temidas pragas e doenças e toda a família pode trabalhar em união, o que evitará a ida dos filhos à cidade para nunca mais voltarem à lavoura.

Para o País, na maioria jovem, a produção de leite é muito necessária. Conforme está previsto em lei, pelo decreto nº 399 (30.4.1938) cada pessoa deveria tomar durante um mês, no mínimo, 7,5 litros de leite. Mas na verdade, são poucos os brasileiros que mantêm essa média. Isso devido, para muitos, as poucas condições financeiras, mas também pela pouca produção de leite no Brasil. Só neste ano, o governo brasileiro foi obrigado a importar quase 100 toneladas de leite em pó para ser reidratado (transformado em líquido).

Os agricultores que agora plantam trigo e soja, estão percebendo que o leite é um caminho por onde eles poderão seguir com mais segurança. Mas quais são os incentivos, as garantias e possibilidades para esta nova empreitada?

A COTRIJUI, em particular, vem efetivando uma série de programas de incentivo à criação de gado e produção leiteira entre os seus associados. Tanto é assim, que quem estiver interessado poderá solicitar no Departamento Técnico, financiamentos que vão desde a compra de animais até a aquisição de materiais para as instalações. O financiamento para os bens fixos (estábulo, tarros, cilos) será liquidado em 12 anos, com 4 anos de carência e 15 por cento de juros ao ano. Já para os bens móveis (animais, pastagens) o financiamento será coberto em 5 anos, com 2 de carência e com juros de 15 por cento ao ano. A partir de janeiro próximo, o agricultor que já solicitou, deverá receber esses financiamentos.

Todo incentivo que a COTRIJUI vem dedicando à produção de leite na região está dentro de um programa geral que visa diversificar a produção dos associados. Assim, o leite não é uma atividade isolada, mas junto com a produção de diferentes verduras, frutas e até mesmo a criação de peixes. E este programa de diversificação da COTRIJUI não pode ficar apenas no puro incentivo ou apenas na assistência técnica, mas também prevê as condições de recebimento, armazenagem, comercialização e industrialização dos diferentes produtos. Essas metas, conforme acentuou o presidente Ruben Ilgenfritz da Silva, num programa de rádio, será atingida aos poucos, para dar mais garantias aos agricultores.

UMA CENTRAL PARA O LEITE

O maior incentivo para os agricultores entrarem na atividade leiteira é a criação da CCGL (Cooperativa Central Gaúcha de Leite), que entrou em funcionamento a partir de 21 de janeiro de 1976.

Esta Central, que no momento reúne 17 cooperativas, entre elas a COTRIJUI, se encarregará de receber, comercializar e distribuir a produção de leite dos associados de todas as cooperativas.

A CCGL terá aqui em Ijuí, por ser uma região central, a sua usina que está sendo construída na Linha 3 Leste. Até julho próximo, acredita o vice-presidente da CCGL, Rubem Wolff, estará concluída toda a construção

— Com a Central em pleno funcionamento será possível receber toda a produção leiteira da região e com isso se buscará a maior quantidade possível (300 mil litros por dia) e os beneficiados serão os produtores, com um pagamento justo e em dia, e também os consumidores, que receberão um leite e produtos derivados com uma melhor qualidade.

A Central do leite veio dar aos produtores a segurança que eles precisavam: ter para quem vender o leite e com um pagamento em dia. Assim, os produtores estão tendo mais confiança em aumentar o número de vacas e mesmo investir em instalações e na plantação de forrageiras. E isso era necessário se o produtor pensasse em fazer do leite mais uma fonte de lucros financeiros.

A CCGL até pensa em inovar o mercado de produtos de leite no Rio Grande do Sul. Rubem Wolff anunciou o lançamento do leite conhecido como o "longa vida", que já está no mercado de São Paulo e Minas Gerais. É um leite esterilizado, que vem numa embalagem de papelão com revestimento de alumínio e pode ser conservado durante mais ou menos quatro meses, até mesmo fora da geladeira. Assim se poderá fazer a compra de leite uma vez só, para todo o mês.

A CCGL adquiriu a indústria de leite Carlos Franke S/A em Ijuí, no final de outubro, e atualmente está operando nessas instalações até o início do seu parque industrial, que está sendo construído.

CADA COOPERATIVA TEM SUAS TAREFAS

A responsabilidade da CCGL com a produção de leite dos associados começa a partir do momento que recebe o produto na plataforma da usina. Antes, toda a responsabilidade está com as cooperativas, desde a assistência técnica até o recebimento.

A COTRIJUI, através dos agrônomos, veterinários, técnicos e integrantes do Departamento de Educação e Comunicação, iniciou em julho uma análise, em toda a região, para saber como estava a situação do leite.

Esse estudo desenvolvido nas casas dos produtores e em reuniões conjuntas, apontou que as falhas do leite estavam na alimentação, no manejo, na raça, na sanidade do rebanho, na coleta do leite, no transporte e na comercialização. Mas de todas as falhas, a principal estava na coleta do leite.

Em muitas linhas o transporte era realizado durante mais de 5 horas. E o leite chegava na usina passando das 11 horas da manhã, quase sempre com excesso de acidez. Isso porque o freteiro era obrigado, como ainda é em muitos locais, a entrar em diferentes propriedades, distantes uma da outra, muitas vezes para apanhar apenas dois ou três litros de leite.

A solução está sendo encontrada agora entre os próprios produtores. Em Alto da União, por exemplo, os produtores que moram perto um do outro, resolveram entregar o leite num determinado local, conhecido como a "plataforma do leite" (uma cabina fechada), e o freteiro só precisa parar uma vez. Nem desliga o motor do caminhão, apanha o leite na plataforma e segue em frente. Faz o mesmo serviço depois de 1 quilômetro, mais ou menos.

"Esse sistema" — garante o médico veterinário Ronaldo Soares de Oliveira, "a COTRIJUI vai estender para toda a região".

— Com isso o transporte em cada linha poderá ser feito em apenas 2 horas e o leite chega cedo na usina, sem o perigo de tornar-se ácido.

Junto com a construção dessas plataformas para receber o leite, será aplicada outra medida muito importante: cada produtor terá o seu tarro individual. Assim não vai mais ocorrer que o freteiro apanhava o leite de boa qualidade de um produtor e colocava dentro de um único tarro, e muitas vezes estragava toda a quantidade. Dessa maneira, todos os produtores saíam prejudicados.

Essas são algumas das tarefas que a COTRIJUI está cumprindo, além de toda a assistência técnica e venda de sementes forrageiras. A Central de Leite, por sua vez, já está comercializando e distribuindo o leite e produtos derivados, como o queijo e manteiga. Agora falta saber o que pensam os produtores sobre o leite.

"DEVAGAR, MAS SEMPRE EM FRENTE"

"Eu não acreditava no leite, mas agora acredito". Hélio Grenzel, que mora no Alto da União, mudou de opinião depois da visita que fez a diversos produtores de leite no Paraná, em companhia de outros agricultores associados da COTRIJUI, no final do mês de setembro.

— Nós fomos chegando, de ônibus, numa cidade chamada Castro, e logo pensei em perguntar qual o diploma que todo aquele pessoal tinha conseguido na universidade, para terem casas tão bonitas. Mas logo me veio a resposta que eles eram apenas produtores de leite.

Não foi pouca a admiração de Hélio Grenzel pelo que viu nas cidades do Paraná e já não nega que poderá usar toda a área que possui — 50 hectares — para a atividade leiteira. Atualmente ele apenas possui 7 vacas, que produzem 70 litros de leite por dia e dedica uma área de 15 hectares para essa atividade.

— Tem que se ter no mínimo umas 20 vacas, porque daí a produção dá um bom preço e se pode aplicar nas instalações, na compra de mais animais, nas pastagens, no próprio transporte e principalmente seguir as técnicas. Isso eu acho o mais importante que vi lá no Paraná. Eles seguem as melhores técnicas. Aqui não, o técnico diz uma coisa hoje, amanhã todo mundo já está fazendo como acha melhor.

Hélio Grenzel considera que agora no início desse incentivo para a atividade leiteira, deve-se garantir um bom preço para o produtor, pois na maioria será o mesmo que teve frustrações nas safras de soja e agora de trigo.

— O preço é muito importante agora, porque quase todos estão sentindo os fracassos de produções passadas. Nós tivemos dois galhos: o trigo e a soja. O trigo já secou e quebrou. Resta a soja que ainda está resistindo. Agora temos que criar um outro galho para nos dar mais segurança. Esse galho poder ser o leite. E eu é que digo: "macaco velho não cai de galho podre".

Toda a área para a produção de leite? É uma pergunta que soa mal aos ouvidos de Hélio Grenzel.

— Você sabe filho, que o trigo está difícil. Quando não se empata, perde. A soja ainda dá seus resultados, mas se precisa de uma área bem extensa, com muito maquinário. Já o leite, com todo o incentivo da Cooperativa, tanto na assistência técnica, recebimento e venda de forrageiras, pode dar um bom negócio, mesmo em áreas pequenas, quanto mais em áreas mais extensas. Eu vou entrando no leite. Devagar, mas sempre em frente.

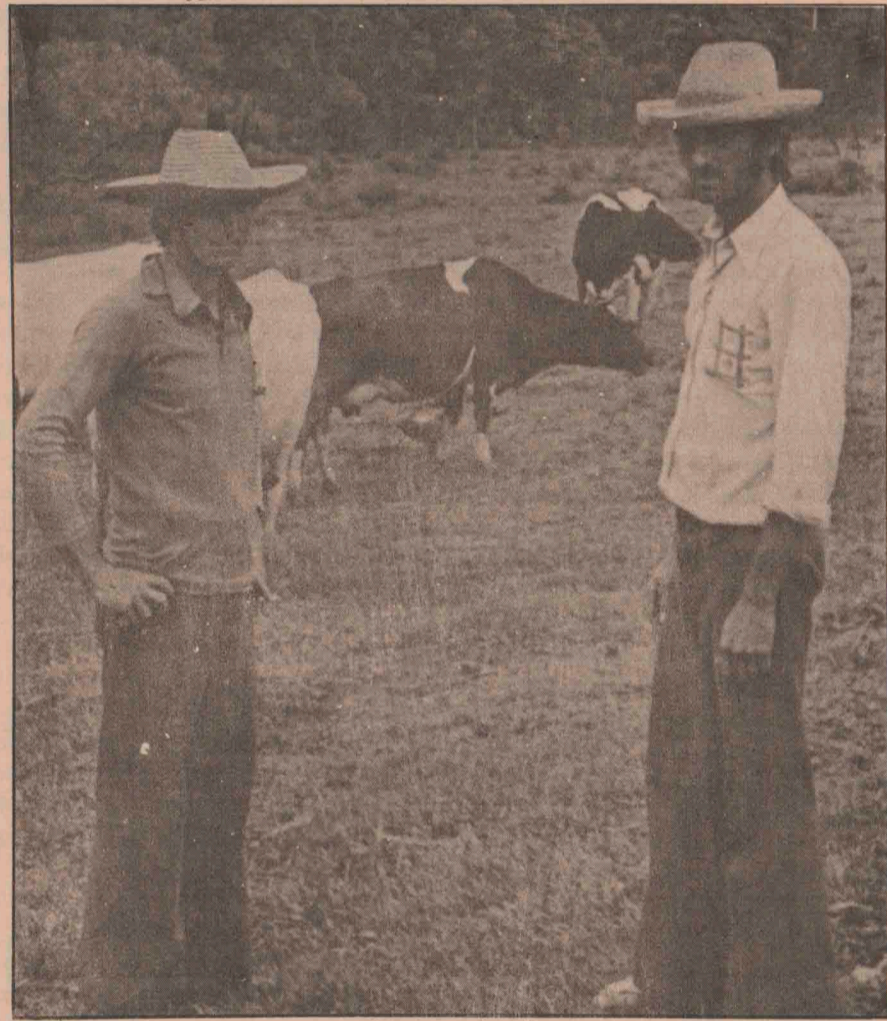
"CORAGEM PARA LIDAR COM LEITE"

Será possível o agricultor se lançar direto, com toda a área que possui, para a



Valdir

Grenzel



Ademar e Leonir

criação de gado e produção de leite?

Valdir Edgar Winther, por exemplo, está dedicando atualmente 12 hectares para a criação de 10 vacas. Mas ele afirma que não vai largar tão cedo a plantação da soja e do trigo.

— Porque eu não posso deixar os três tratores (dois já pagos) parados dentro do galpão. Temos que tirar lucro do capital que empregamos nessas máquinas. Como diz o ditado: "é do coro que se tira a correia". Agora eu não posso produzir leite, para pagar os tratores parados. Assim não é possível. Vamos dedicar, somente ao leite, quando estivermos com todos os custos cobertos pelos lucros da soja e do trigo, se dar sorte.

Edgar Winther, o pai do Valdir, lembra que sempre se dedicou a produção de leite, pois sempre existiu, como ele explica, "as febres de produção".

— Em 1942 eu tinha apenas duas vacas. Daí veio uma febre para produzir leite. Todo mundo incentivava. Nessa época eu passei a criar 20 vacas e produzia nada mais nada menos do que 25 qui-

los de manteiga por dia e vendia para um bolcheiro ali no Alto da União. Depois veio as febres do trigo e da soja. Agora parece que está voltando a febre do leite.

Edgar Winther, embora hoje não esteja mais trabalhando na lavoura, "apenas cuidando dos netinhos", sempre tem um bom conselho para os filhos.

— Eu digo para eles que o leite pode ser um bom negócio. Mas tem que ser muito bem controlado. Tudo tem que ser marcado, para saber se deu lucro ou não. E outra coisa muito importante: tem que ter coragem para lidar com o leite, porque quanto mais se vai em frente, mais se tem resultados positivos. Se o produtor tem apenas duas ou três vacas, produzindo 10 litros de leite por dia, é claro que ele vai ter um pequeno lucro. Mas se ele vai aumentando os animais, plantando boas forrageiras, cuidando das instalações, ele vai ter mais lucros e os custos são compensados.

Valdir Winther comenta: "o pai tem

razão". Por isso também vem se dedicando com toda a atenção a produção de leite, e pretende para o próximo ano, com o financiamento da COTRIJUI, adquirir mais 10 vacas, o que somará 20 com as que já possui. Assim ele acredita que alcançará uma média de 200 litros de leite por dia. "Daí ninguém pode dizer que leite não é um bom negócio".

"TEREMOS UM RENDIMENTO SEGURO"

Em 1972 ocorreu a pior safra de trigo que se tem notícia aqui no Rio Grande do Sul.

Os irmãos Leonir e Ademar Desbecel plantaram trigo nesse ano numa propriedade de 10 hectares no Rincão dos Becker e tiveram um prejuízo quase que total. Por isso ficaram pagando uma dívida de 5 milhões durante quatro anos. Mas também juraram: "ninguém planta mais trigo". E cumpriram a palavra.

Então começaram a plantar soja. Somente soja. E os resultados foram muito melhores do que o trigo. Mas na verdade ainda não era um resultado suficiente para as duas famílias.

Na nota do ano passado, por exemplo, estava um lucro limpo de 30 mil cruzeiros. "Isso dividido em 12 meses é muito pouco, diz Leonir Desbecel, "pois não temos nenhum maquinário e somos obrigados a pagar todo o serviço necessário".

— Assim não compensa plantar soja em toda a área, porque no final da safra vamos ter um lucro muito pequeno.

Leonir e Ademar chegaram a essa conclusão no ano passado. Mas qual seria a saída? Pensaram os dois juntos e resolveram iniciar a criação de gado para produzir leite. Não é que os resultados foram os melhores possíveis. Pois hoje eles já possuem seis vacas e quatro novilhas. E a partir do próximo ano, quando receberão o financiamento através da COTRIJUI, vão dedicar toda a área somente para a produção de leite.

— Nós sempre nos dedicamos a produção de leite. Mas sempre foi como um quebra-galho. Agora estamos dispostos a entrar para valer, garante Leonir Desbecel.

Atualmente eles estão retirando das vacas 65 litros de leite por dia. E no último mês de outubro, com todos os descontos do Funrural e do transporte, receberam Cr\$ 2.500,00.

— Ainda não temos todos os cálculos, diz Ademar Desbecel, mas é fácil chegar a conclusão que mesmo com essas seis vacas já estamos conseguindo mais lucros do que plantando toda essa área de soja. De trigo, então nem se pode falar.

Pelo financiamento que solicitaram na COTRIJUI, eles vão ter condições de adquirir mais 10 vacas, além de construir melhores instalações para os animais.

"Então sim, temos esperanças de alcançar uma produção diária na média de 200 litros", diz Ademar.

— E daí não resta dúvida, teremos um rendimento financeiro seguro a cada mês, não só uma vez durante todo o ano, como acontece com o trigo ou a soja.

DO PASTO AO LUCRO DO LEITE (II)

Renato Borges de MEDEIROS *

Em continuação ao comentário apresentado no COTRIJORNAL anterior (do pasto ao lucro do leite), vamos nos ater novamente à produção leiteira. Se pretendemos, com isso, chamar a atenção dos produtores para mais alguns aspectos fundamentais desta atividade.

Dos fatores que já focalizamos, como preço, transporte, indústria e produção, foi evidenciado que todos devem ser aperfeiçoados para que os lucros apareçam. Entretanto, salientou-se que o ponto de partida para buscar a eficiência deste setor está na produção. Este fator talvez seja o único que está nas mãos do produtor, e é somente a partir dele que a situação da pecuária leiteira poderá esperar melhores dias.

As reivindicações dos produtores só terão efeito na medida em que o produtor assumir a sua parte. Isto significa que ele deve agilizar e aperfeiçoar todos os fatores que entram na formação do preço do leite, desde a aquisição de animais de boa qualidade até a formação dos pastos. Complementando os fatores básicos da produção, bons animais e bons pastos, o produtor deve estar atento para o aspecto sanitário, tanto dos animais como do estábulo e dos instrumentos utilizados na ordenha.

Embora existam muitos fatores importantes, sem dúvida o fator alimentação é o mais significativo. Há quem diga que é exatamente na alimentação que está o ponto frágil da nossa pecuária leiteira. Muitos relatos de técnicos ligados ao setor têm chamado a atenção para este aspecto. Afirmam muitos deles que o produtor de leite vem exagerando no uso das rações e concentrados.

Atualmente é considerado pouco viável a produção de leite baseada em grãos de cereais. Se fôssemos, por exemplo, atender às necessidades alimentares de uma vaca de 450 kg, que produzisse 15 litros/dia de leite, baseado em rações, teríamos um custo de produção superior a 50% do valor do leite (baseado em dados obtidos pelo setor de rações do Departamento Técnico da COTRIJUI). Embora o exemplo seja teórico e talvez até pouco frequente, serve para mostrar que o uso exagerado de rações pode comprometer o lucro da produção de leite.

Vejamos até quanto pode ser reduzido o custo de leite quando a alimentação for exclusivamente pastagens. De acordo com dados de pesquisa, com pastagens de boa qualidade e feno de alfafa, podem ser alcançadas produções de leite de até 80% da produção que normalmente alcança uma vaca que receba alimentação baseada em ra-

ções. Misturas de azevém anual e aveia recebendo adubações de cobertura de 80 kg/ha de uréia após cada corte utilizados com vacas leiteiras, permitiram rendimentos de aproximadamente 5.000 litros/ha de leite (Faggi y Kachelle, 1976). Estas pastagens foram estabelecidas em fevereiro e utilizadas quatro vezes até a primeira quinzena de novembro. Neste mesmo trabalho, pastagens singulares de aveia e azevém com boa fertilização nitrogenada permitiram, no ano de 1972, rendimentos de 2.528 e 3.553 litros/ha de leite respectivamente. No ano seguinte (1973), estas mesmas pastagens (aveia e azevém) proporcionaram rendimentos de 2.277 e 3.815 litros/ha de leite, respectivamente. Com base nestas informações, podemos fazer algumas estimativas de custo de produção. Assim, vamos tomar o rendimento médio de leite proporcionado pela pastagem de azevém (3.684 l/ha com alta dose de nitrogênio (240 kg/ha de uréia). Hoje em nosso meio o custo desta pastagem anda ao redor de Cr\$ 2.000,00/ha e o valor do leite Cr\$ 3,10/l na plataforma da usina. De posse destes dados verificamos que um hectare de azevém pode proporcionar um valor bruto Cr\$ 11.420,00/ha. Retirando deste valor o custo da pastagem teremos um saldo de Cr\$ 9.420,00, significando que a pastagem representa apenas 17% do valor total do leite. Se compararmos este custo (17%) com o custo teórico calculado para o leite produzido à base de rações (50%), concluímos que o custo do leite obtido em pastagem é de 2,9 vezes menor do que o leite produzido à base de rações.

O exemplo apresentado, embora usando dados uruguaios, permite mais uma vez evidenciar que a nossa pecuária leiteira poderá se tornar altamente econômica na medida em que os produtores passarem a utilizar racionalmente as pastagens. Em propriedades de nossa região, onde as pastagens estão sendo devidamente utilizadas, nota-se perfeitamente a satisfação dos produtores. Trabalhos com o objetivo de estudar o potencial produtivo de nossas pastagens já estão sendo desenvolvidos. Espera-se que no próximo ano algumas informações possam ser transferidas aos produtores.

* Renato Borges de Medeiros é engenheiro agrônomo do Departamento Técnico da COTRIJUI.

Bibliografia:

FAGGI, D. H. 1976. Produccion Lechera. Centro de Investigaciones Agricolas "Alberto Boerger", Montevideo, Uruguay, pag. 87-88.

FORMAÇÃO DO REBANHO LEITEIRO

Ronaldo Soares de OLIVEIRA *

O criador de gado leiteiro pode formar o rebanho que deseja com os animais e os meios de manejo disponíveis. O homem é o fator mais importante na formação de um rebanho com sucesso. Nada substitui um bom julgamento. É o que se pode chamar de "bom senso zootécnico".

Hoje, com os programas de criação, o criador deve ter em mente que cada acasalamento requer o julgamento e o controle da constituição genética dos animais.

INÍCIO DO REBANHO

Dispondo-se de vacas e novilhas é preciso estabelecer objetivos. Se o tamanho do rebanho permitir, os novilhas de vacas pouco produtivas devem ser descartadas e substituídas o mais rapidamente por outras, filhas de melhores vacas e touros, com elevado índice de produção. Embora o potencial da produção leiteira deva ser considerado em primeiro lugar, é preciso dar atenção a

uma formação corporal desejável e a capacidade de utilização ao animal.

Deve-se propiciar boa alimentação e manejo, bem como o controle de doenças para que o potencial hereditário de maior produção de leite, o crescimento satisfatório e o desempenho geral do rebanho, sejam realizados. É sabido que o melhor touro do mundo não pode sobrepujar os métodos inadequados de alimentação e manejo. Os registros de produção de leite são absolutamente necessários para efetuar o descarte das más produtoras, assim como para se selecionarem as vacas e novilhas a serem conservadas no rebanho.

A PRODUÇÃO: RACIONALIZE

O produtor de leite está situado hoje entre duas alternativas: manter a produção a baixo preço e aumentar a produtividade. Os produtores que alcançam êxito são aqueles que possuem melhor habilidade de manejo e

de conhecimentos de custos, que lhes permite avaliar os métodos de exploração, mão-de-obra, mecanização e manejo do gado em relação aos custos. A exploração leiteira para ser lucrativa deverá absorver de 27% a 43% de despesas. Só se poderá determinar rigorosamente a produção de leite de uma vaca se o terneiro for criado no balde. Por outro lado, sendo a vaca totalmente esgotada, tende a aumentar a sua produção, devido a ginástica funcional executada pelo ato de ordenhar.

Uma prática de controle leiteiro é determinar qual a vaca que está dando lucro e qual a que está dando prejuízo; fiscalizar o cuidado dos empregados; determinar o aumento da média de produção de leite por vaca; determinar o aumento da porcentagem de gordura; determinar o valor do touro; proporcionar melhor e mais econômica utilização das forragens distribuídas às vacas, em consequência de balanceamento das rações (a vaca deve receber o alimento conforme sua produção e para manter-se, não devendo engordar); possibilidade de eliminar as más produtoras; ampla possibilidade de selecionar as boas leiteiras dirigindo-se a seleção de acordo com as aptidões das raças selecionadas e necessidade do mercado de leite; maior valorização dos rebanhos controlados e, portanto, maiores facilidades na venda dos descendentes em bases remuneradoras pela exibição de certificado de produção; incentivo ao criador para aprimorar os seus conhecimentos zootécnicos.

CONTROLE DE LEITE INDIVIDUAL

Duração total do controle (300 dias, mais ou menos); duração de cada controle (24 ou 48 horas); frequência dos controles (diário, semanal, quinzenal); modo de calcular o rendimento de lactação, baseado nos resultados dos controles parciais.

Não sendo possível o controle diário, pode-se fazer o semanal ou quinzenalmente. Toma-se como produção a média de duas medições sucessivas. Exemplo:

14 de julho.	12 kg
20 de julho.	13 kg
	25 kg

média (divide por 2). 12,5 kg

Multiplica-se depois a média achada por 7, obtém-se a produção da semana: 12,5 x 7 = 87,5. Proceda-se da mesma maneira quando o controle é quinzenal, multiplique-se a média por 15. Exemplo:

14 de julho.	11,0 kg
28 de julho.	12,0 kg
	23,0 kg

média (divide por 2). 11,5 kg

11,5 X 15 = 172,5 kg em 15 dias

Não há necessidade de se fazer uma análise de gordura por dia. É bastante fazê-la uma vez por mês, tomando-se uma mostra da ordenha e outra da tarde. Será considerada a porcentagem de gordura a média das análises. Exemplo:

Manhã.	4,0% de gordura
Tarde	4,2% de gordura
Média	4,1% de gordura

Multiplicando-se a quantidade de leite produzido pelo coeficiente de gordura ter-se-á a quantidade de gordura. Exemplo: uma vaca produziu num mês 330 kg de leite com 4,1% de gordura: 330 x 0,41 = 13,53 kg de gordura.

* Ronaldo Soares de Oliveira é médico veterinário do Departamento Técnico da COTRIJUI.

PASTO ITALIANO

A COTRIJUI dispõe de semente fiscalizada de pasto italiano para entrega imediata. Os interessados podem entrar em contato diretamente com o Depto. Técnico ou pelos fones: 2066, 2866, 3177 e 3277.

Estados Unidos:

QUINZE ANOS DE PLANTIO DIRETO

Rivaldo A. DHEIN *



Na região de atuação da COTRIJUI, vem aumentando o número dos agricultores que aderem ao sistema de plantio direto, com bons resultados.

No oeste do Estado de "Kentucky", nos Estados Unidos, o sr. Harry Young Jr. vem praticando plantio direto numa área de 610 ha, há 15 anos. Produz toda a soja e milho sem lavar a terra e revolvendo menos de 5% da su-

perfície do solo. Planta em linhas afastadas de um metro. Anualmente planta a metade da propriedade com milho e a outra metade com trigo, (ou outra cultura, como forrageira de semente pequena) seguido de uma cultura de

soja plantada na resteva, imediatamente após a colheita do trigo ou forrageira. Assim, a metade da propriedade produz duas colheitas de grãos por ano (nos EUA, normalmente se produz apenas uma cultura por ano). No ano seguinte,

inverte a situação colocando milho onde estava a soja e forrageira e vice-versa, fazendo rotação das culturas, bem como dos herbicidas e defensivos.

O fato de conseguir colher duas culturas por ano na mesma área, deve-se — segundo ele — ao plantio direto, dispensando lavrações, gradeações, etc... Muitas das forrageiras são semeadas sem qualquer preparo do solo, simplesmente sobre a superfície deste.

Embora exista certa resistência ao plantio direto de parte de alguns granjeiros e principalmente dos fabricantes de outras máquinas que não as de plantio direto, a aceitação pelos granjeiros em geral vem aumentando constantemente nos Estados Unidos. Em cerca de 15 anos o plantio direto expandiu-se desde parcelas experimentais para alguns milhões de ha no mundo inteiro. Somente no EUA, atualmente cerca de 2,4

milhões de ha adotam o plantio direto, sendo cerca de 400.000 ha com soja.

O sr. Harry define o plantio direto como: o plantio com máquinas especializadas que abrem sulcos o mais estreitos e rasos possíveis para receber as sementes, no solo bruto ou na resteva, cobrindo a semente satisfatoriamente. Nenhuma outra manipulação do solo é necessária. Os inços são controlados por herbicidas, pela rotação de culturas e competição entre as próprias plantas.

Para os que não acreditam no plantio direto, o sr. Harry diz que se não fosse um sistema que produzisse rendimentos líquidos mais altos (além de conservar o solo e diminuir a poluição ambiental), não estaria adotando-o há 15 anos. Além disso convida a todos os que têm dúvida, a visitarem a sua propriedade.

* Rivaldo A. Dhein, agrônomo do departamento Técnico da COTRIJUI.

O GRÃO MÁGICO TAMBÉM É UM BOM COMBUSTÍVEL

Cognominado com muita justiça de o grão mágico, a soja está sendo submetida agora a testes de eficácia como elemento combustível até mesmo no Brasil.

Quem esclarece o novo detalhe em relação a oleaginosa é a Revista Veja, edição nº 481, que circulou a 23 de novembro. Diz a publicação que não bastasse uma preciosa folha de serviços prestados à arte culinária, para alguns tipos de óleos vegetais estaria por findar um longo período de confinamento a frigideiras, caçarolas e pratos de saladas.

Mas a Mercedes Benz do Brasil demonstrou em Brasília ao presidente Ernesto Geisel e no dia

seguinte a numerosa platéia de autoridades, óleos extraídos de soja, amendoim, algodão e babaçu, que podem servir de combustível de excelente qualidade em motores a diesel.

Não é surpresa que a soja sirva como elemento fundamental em um cem número de utilidades, tanto de ordem comestível como também combustíveis e matéria-prima para peças automobilísticas e em outros setores industriais. O que nos surpreende até certo ponto é que essas experiências no Brasil, apesar de desenvolvidas por uma multinacional, estivessem nesse estágio de evolução.

NOVAS VARIEDADES DE SOJA

Ano do lançamento: 1977 — Instituição criadora: Embrapa/CNP soja

Características agrônômicas							
Variedades	Cores			Alturas (cm)		Teores%	
	Ciclo	Flor	Vagens	Planta	Inserção	Óleo	Proteína
Br.1	Semi-tardio	branca	marrom	98	18	21,7	38,0
Br.2	Semi-precoce	branca	cinza claro	99	21	38,6	22,5
Br.3	Semi-tardio	púrpura	cinza claro	88	16	39,6	

MULTIPLANTA IMASA



Já está no mercado nacional e com grande sucesso a MULTIPLANTA IMASA. MULTIPLANTA IMASA, apresenta 3 opções para sulcar o solo, de acordo com as variações do mesmo: DISCOS HORIZONTAIS com menor diâmetro, com revolvimento de terra localizado. Sistema de sulcadores (PÉ-DE-PATO) conforme foto, para abertura de sulco em maior profundidade e DISCOS VERTICAIS, para terrenos com incidência de raízes e pedregulhos. E com a MULTIPLANTA IMASA os agricultores terão maior nº de linhas de plantio na semeadura de trigo e arroz. MULTIPLANTA IMASA, além do plantio convencional, faz também o PLANTIO DIRETO, em resteva de trigo.

A ESPERANÇA NA SOJA

Se for perguntado a um agricultor, quais as razões que está plantando soja, uma delas, sem dúvida, será para cobrir os prejuízos com o trigo.

Considerada como uma das piores safras dos últimos anos, o agricultor que há dois meses atrás colheu o seu pouco trigo, foi quase que obrigado a renovar sua esperança no plantio da soja. E assim fez.

A soja é uma cultura que o agricultor não corre tantos riscos, principalmente com as variações climáticas e aparecimento de pragas e doenças, como acontece com o trigo. Certamente, por isso, a área de plantio da soja na região da COTRIJUI cresceu neste ano em torno de 11 por cento. Em 1976, a área total dedicada a soja chegou a 300 mil hectares. E já este ano, a soja passou a contar com uma área de 340 mil hectares. Assim, pode-se concluir que a cada ano cresce a produtividade da soja e a confiança dos agricultores, nessa cultura.

Então a soja não tem nenhum risco e é só plantar a semente, ficar fazendo umas capinas ao redor e ver a planta florir? Não. Também não é assim. A soja, como explica o diretor do Departamento Técnico da COTRIJUI, engenheiro agrônomo Nedy Rodrigues Borges, tem duas fases importantes: "primeiro é na época do plantio e depois quando a planta está florescendo".

Na época do plantio o solo tem que estar com umidade suficiente para a semente poder germinar formando uma densidade adequada. Já na época de florescimento o ideal é que não ocorra seca, porque isso vai impedir uma frutificação abundante.

A primeira etapa os agricultores já venceram, e de um modo geral, as plantas estão nascendo a contento, segundo uma análise do Departamento Técnico em toda a região da COTRIJUI. Mas houve uma forte preocupação no final de outubro, porque esse mês é recomendado como o início da melhor época para plantar a soja. E esse período não apresentou boas condições, pois foi um tempo de pouca chuva e muito sol.

Então os agricultores ficaram esperando, um pouco apreensivos, por dias melhores, o que só veio ocorrer em todo o mês de novembro. Nesse período, os agricultores associados da COTRIJUI recuperaram o tempo perdido e plantaram quase todas as lavouras que tinham programado. E assim deixaram de lado as preocupações. Mas Nedy Borges confessou que essa situação já estava deixando muitos agricultores com dor de cabeça.

E com razão, porque cada agricultor sabe que a melhor época estava passando. As informações da pesquisa mostraram que a semeadura ou plantio da metade de dezembro em diante, produzem rendimentos inferiores. Isso porque as plantas dessa época apresentam o seu desenvolvimento, reduzindo o seu ciclo vegetativo, e ficando muito mais dependente das condições climáticas.

O importante é que essa etapa já está vencida. E o que ainda resta de sementes de soja

para ser plantada é muito pouca.

Nedy Borges acredita que até o dia 10 do corrente, o mais tardar, todos os agricultores estarão com suas sementes plantadas, porque o tempo está favorecendo o plantio.

A QUALIDADE DAS SEMENTES

Este ano a COTRIJUI produziu a maior quantidade de sementes em relação a safras passadas: 340 mil sacas. Desse total, a variedade "Bragg" foi a mais solicitada pelos associados que adquiriram 30%. Outras variedades que também foram bastante solicitadas são a "Paraná" e a "Bossier", que os agricultores adquiriram 12% de cada variedade, além de outras em menor quantidade.

Nedy Borges explicou os cuidados que o Departamento Técnico teve na produção dessas sementes: "Neste ano melhoramos ainda mais os cuidados na produção de sementes, isto desde a lavoura do agricultor, com mais visitas e orientações técnicas, até a classificação e estocagem, na COTRIJUI".

Esse é um trabalho fundamental na produção da soja. Se a semente não for bem produzida, bem classificada e bem armazenada, isso tudo vai influir no rendimento da lavoura.

Desde 1968 que a COTRIJUI vem orientando inúmeros agricultores participantes do quadro de produtores de sementes. E essa assistência direta já começa mesmo na distribuição dos melhores lotes e variedades e na preparação do solo para formação da futura lavoura. A máquina plantadeira tem que estar bem limpa para receber uma determinada variedade, sem nenhum resto de outra variedade; todas as sementes deverão atingir a mesma profundidade para germinação parelha ou no mesmo tempo; na época da colheita o cuidado é redobrado na limpeza da automotriz para não misturar grãos de outra variedade; o agricultor deverá colocar a semente em sacaria nova, com o nome da variedade colhida, além de outros cuidados.

"Esse ano - afirma Nedy Borges - pelo que as lavouras já estão apresentando, a qualidade das sementes é bem me-

lhor que em anos passados. Isso porque o agricultor está conhecendo a importância do trabalho de produção de sementes. Por outro lado a Cooperativa está organizada para receber individualmente por lotes, armazenar, classificar, tratar com produtos químicos e controlar a qualidade em laboratório de análise, dando garantia de qualidade à semente distribuída. É evidente que essa qualidade da semente vai influir também no rendimento da lavoura".

"Sem ser por demais otimista", como diz Nedy Borges, "estamos esperando um rendimento de 1800 quilos por hectare na presente safra" (igual a última) na região da COTRIJUI.

QUANTO PRODUZIR E QUANDO RECEBER

Nesse particular, volta e meia a soja prega umas peças nos agricultores.

Na última safra, por exemplo, os preços de repente começaram a subir, chegando até 240 cruzeiros a saca, e o agricultor ficou confiante que o preço poderia chegar até 300 cruzeiros a saca, e resolveu esperar para vender toda a sua produção, ou grande parte ao preço do dia, quando ainda estivesse mais alto. Mas não demorou muito tempo e os preços caíram rapidamente para valores em torno de 120 cruzeiros a saca. Por isso que a COTRIJUI ainda tem em depósito, em torno de 12% do produto recebido dos associados para ser vendido ao preço do dia.

Do total que a COTRIJUI recebeu na presente safra, aproximadamente 44% foram comercializadas ao preço médio de 210 cruzeiros por saca. Já na modalidade de preço do dia, a COTRIJUI já comercializou o restante que é de 44% do produto recebido. (Mas esses números são do relatório do dia

20 de novembro. Quando o jornal estiver circulando os números já são outros).

Conforme o documento "Perspectivas da Agricultura para 1977/78, do Ministro da Agricultura, a produção de soja na presente safra será de 12,4 milhões de toneladas. A previsão por hectare, em todo o País, está calculada em 1.767 quilos, contra 907 quilos por hectare registrados em 1968.

E como serão os preços para essa safra? Essa foi uma pergunta que se estendeu durante todo um recente seminário promovido pela Fundação da Produtividade e o Incra, em Carazinho.

William de Souza Jota, coordenador do Setor de Produtos Diversos da Comissão de Financiamento da Produção, revelou que "pela atual tendência, parece que os preços não deverão nem alcançar os níveis deste ano". As razões para isso, ele apontou os altos custos da lavoura brasileira e o crescimento da produção da soja na

Argentina, onde a área de soja está sendo aumentada em 67 por cento.

Tudo pode acontecer com a soja. Mas como vender, por quanto e quando, são decisões que cabem somente aos produtores.

TRIGO E SOJA

No caso do trigo o agricultor sabe antecipadamente o preço fixado pelo governo. O grande drama tem sido a instabilidade das condições climáticas que propiciam o desenvolvimento de moléstias e provocam as frustrações.

No caso da soja, ao contrário, as condições climáticas têm contribuído para a obtenção de bons rendimentos, entretanto, a instabilidade do preço é influenciada por inúmeros fatores, muitas vezes difíceis de prognosticar. Somente as organizações bem informadas através de especialistas de mercado, filiais, grandes mercados e consumidores é que poderão diminuir os riscos de um mau negócio.



Sojal, ao nascer e após envajado.

ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

MENSAGEM

A aproximação de um novo ano e o ensejo da maior festa da Cristandade, almejamos a todos Senhores dirigentes de todas as Cooperativas Gaúchas, seus associados e colaboradores, os melhores votos de Feliz Natal e um Ano Novo repleto de constantes prosperidades.

Organização das Cooperativas do Estado do Rio Grande do Sul - OCERGS

A. Marques Velho - Diretor-Executivo

A LAVOURA NO MÊS

SOJA — Em dezembro, de um modo geral, a soja está na fase de crescimento. A preocupação do produtor deve estar voltada para o controle dos insetos e pragas.

Nas áreas pequenas o controle dos insetos deve ser feito de preferência manual.

Em áreas maiores pode ser feito mecanicamente ou utilizando herbicidas de pós emergência para algumas espécies de insetos. Neste último caso, a aplicação de herbicida requer uma série de cuidados indispensáveis para o funcionamento eficiente do produto.

Para aqueles que aplicaram herbicida antes ou logo após o plantio verificar o seu funcionamento e ainda, em determinados casos procurar corrigir o controle deficiente de insetos. Dosagens excessivas de herbicidas provocam fitotoxicidade ou intoxicação da soja, podendo prejudicar totalmente a lavoura, além de deixar resíduos no solo, prejudicando a cultura seguinte. Por isso devemos ter o máximo cuidado com os herbicidas aplicando apenas e não mais do que o necessário.

O aparecimento da lagarta da soja "Anticardina gematilis" é comum neste período. O produtor deverá ter muito cuidado na aplicação de inseticidas. Não use o produto preventivamente e prefira aqueles que são menos tóxicos.

De uma maneira geral procure retardar ao máximo a aplicação de inseticidas químicos, pois estes eliminarão também os inimigos naturais e fatalmente os novos ataques de lagarta serão mais intensos.

MILHO — A lavoura de milho também está na fase de crescimento. No período o controle dos insetos, através de capinas manuais ou mecânicas é fundamental para eliminar a concorrência com a cultura do milho. Quando esta estiver com 40 a 50 cm de altura há necessidade de nitrogênio é decisiva para um bom desenvolvimento. Face a isso se recomenda a aplicação de uréia em cobertura de 50 a 100 kg por hectare, dependendo do

teor de matéria orgânica do solo.

ARROZ IRRIGADO — Neste período a lavoura de arroz está sendo irrigada e o manejo da água é muito importante para que a distribuição seja uniforme em todos os quadros.

Quadros com muita ou pouca água trarão prejuízo ao desenvolvimento da cultura.

Todo o cuidado deve ser tomado para evitar perdas de água, através do trabalho diário dos agricultores no retoque de taipas e canais.

FEIJÃO — As lavouras de feijão estão agora em fim de florescimento, em enchimento de vagens e já algumas em colheita. Naquelas que estão em fim de florescimento e enchimento de vagens, dependendo da condição da planta, pode ser necessário o uso de fungicidas para controle da Ferrugem e Antracnose usando preferencialmente fungicidas sistêmicos, fazendo a aplicação no período do fim de tarde.

Nas lavouras em fase de colheita, observar as recomendações convencionais, de proceder o arrancamento das plantas pela parte da manhã e a trilha quando a planta estiver adequadamente seca.

TOMATE — O tomate encontra-se atualmente em duas fases básicas: em crescimento e no início da colheita.

As lavouras em fase de crescimento, que ainda não iniciaram o florescimento, devem ser podadas, deixando apenas uma ou duas hastes de crescimento. Nesse estágio também são realizados os tratamentos contra pragas e moléstias, com pulverizações espaçadas de três a cinco dias, dependendo das condições climáticas e do desenvolvimento da cultura.

Nas lavouras de tomate em início de colheita, deverão ser usados produtos químicos que não deixem resíduos até o curto espaçamento da colheita. Isto é muito importante para a proteção da sanidade da produção e portanto, da saúde humana.

Nas lavouras em início de desenvolvimento a

preocupação neste sentido é menor mas também devem ser preferidos produtos menos tóxicos.

BATATA — Em dezembro, de um modo geral, continua a colheita dos tubérculos (batata). O agricultor que não tiver comercialização imediata para a batata deverá deixar que a planta tenha completo amadurecimento na lavoura, neste caso é conveniente cortar a parte aérea e retirar da lavoura impedindo que as moléstias das folhas passem ao tubérculo e prejudiquem a conservação.

O agricultor que tiver comercialização imediata para a batatinha, poderá fazer a colheita com a planta não bem madura, o que pode dar condições a alcançar melhor preço de mercado, mas que deixa grande risco porque o produto tem pouca condição de conservação e armazenagem.

ALFACE — Nessa época se realiza a semeadura das variedades que toleram o calor, como a "Baba" e a "Maravilha de Verão". Por ser um período quente, recomendá-se a semeadura direta (sem transplante) para obter crescimento mais rápido.

Agora, são necessárias várias irrigações, para manter o solo sempre úmido. Esta operação pode ser iniciada pela parte da manhã e estender-se pelas horas quentes do dia. A irrigação por aspersão é preferível. O uso de adubos foliares e Nitrogênio em cobertura é benéfico para dar maior qualidade ao produto.

CENOURA — É temporada das sementes das variedades que se adaptam ao verão e pertencem ao grupo Kuroda.

O solo deve apresentar boa profundidade horxada (15 a 20 cm), para o perfeito desenvolvimento das raízes. A adubação deve ser de 4 a 5 kg/m², de fórmulas como 4-8-7 bem incorporado ao solo e nas lavouras com um mês de semeadura aplicar 20 g de uréia por m². Continuar realizando tratamentos preventivos para moléstias das folhas usando fungicidas à base de Maneb.

ROSÁCEAS — As rosáceas compreendem as culturas de macieira, pereira, pessegueiro, nectarina e ameixeira.

O mês de dezembro e a época indicada para fazer a segunda adubação de Nitrogênio.

O tempo quente e úmido pode provocar o aparecimento de diversas podridões que deverão ser tratadas preventivamente mediante pulverizações de fungicidas a cada 10 ou 15 dias. Entre as pragas que merecem maior atenção estão as "moscas das frutas" e a "broca das pontas".

CITRUS — São as laranjeiras, bergamoteiras, limoeiros e limeiras. Neste período se recomenda fazer uma adubação nitrogenada. Podendo ser necessário o controle de pulgões, cochonilhas e ácaros dependendo da infestação.

VIDEIRA — Para este período, também recomenda-se fazer uma adubação nitrogenada. O tempo quente e chuvoso favorece o surgimento de "Peronospora", oídio e diversas podridões, que exigem tratamentos preventivos a cada 10 dias.

NOTA — As informações contidas em "A lavoura



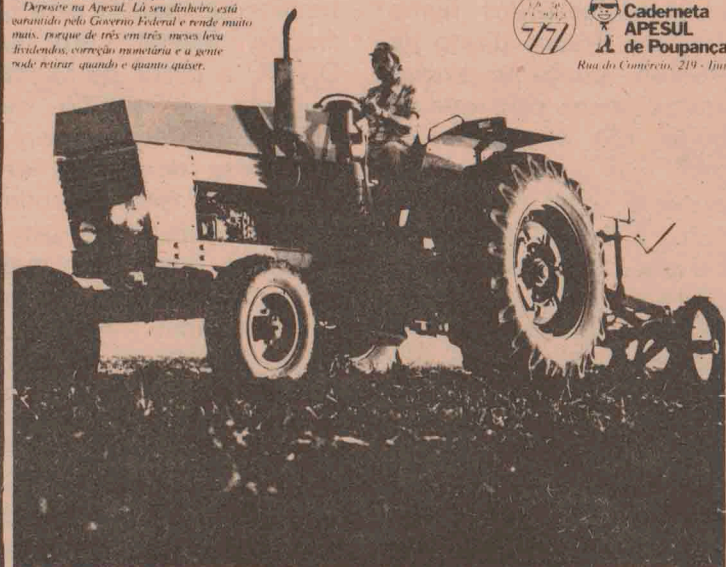
Milho

no mês" são dos agrônomos e técnicos dos diferentes setores do Departamento Técnico da COTRIJUI. Com isso se objetiva dar ao agricultor uma visão geral de como estão as culturas da região. Mas um lembrete: em caso de qualquer dúvida, principalmente na aplicação de produtos químicos, informe-se no Departamento Técnico da COTRIJUI.

Depois que depositei os lucros da minha lavoura na Caderneta Apesul de Poupança, deu até prá comprar um trator novo.

Olha só ele aí.

Dinheiro depositado na Apesul é lucro certo. Seu Faustino que o diga: com os lucros já deu até comprar um trator novo. A cada ano que passa, a lavoura dá mais lucro e seu Faustino não deixa por menos: vai até a Apesul fazer o seu depósito. Deposite na Apesul. Lá seu dinheiro está garantido pelo Governo Federal e rende muito mais, porque de três em três meses leva livelândia, correção monetária e a gente pode retirar quando e quanto quiser.



Faça como o seu Faustino: deposite os lucros da sua lavoura na Caderneta Apesul de Poupança. É renda certa.

Frustração do Trigo:

PRODUTOR APELA AO GOVERNO

A Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul, a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul e a Federação das Cooperativas Brasileiras de Trigo e Soja, respectivamente, FARSUL, FETAG e FECOTRIGO, endereçaram com data de 29 último, extenso documento reivindicatório ao Governo do Estado, no qual expõem a situação crítica dos agricultores, em face da frustração da safra de trigo.

O documento, que inicia dizendo que "após acurado levantamento dos problemas que hoje afetam o setor", termina solicitando ao Governo do Estado que gestione junto ao Governo Federal, as seguintes soluções para os frustrados triticultores do Rio Grande do Sul:

1) Liberação de 100% (cem por cento) da verba de colheita prevista nos financiamentos de custeio às lavouras de trigo;

2) Dispensa do laudo técnico para indenização do PROAGRO, verificando-se, individualmente, o valor da produção colhida junto aos órgãos recebedores, credenciados pelo CTRIN do Banco do Brasil;

3) Sustação imediata dos juros incidentes sobre a parcela do financiamento de custeio acobertada pelo PROAGRO;

4) Liberação da parcela, sobre o valor colhido, destinada à integralização de capital junto às cooperativas, a exemplo daquela que se destina ao pagamento do FUNRURAL;

5) Transposição do vencimento da parcela dos financiamentos de investimentos, pactuada para a presente safra de trigo, — tanto de produtores como os de coope-

rativas — para a primeira colheita após o vencimento normal do contrato, acumulando-se à prestação de encargos financeiros agora exigíveis;

6) Igual tratamento para as prestações de financiamentos para correção de solos;

7) Parcelamento do saldo do financiamento de custeio, não coberto pelo PROAGRO, e respectivos juros, para pagamento em 6 (seis) safras agrícolas, a partir da próxima colheita de trigo, com amortizações crescentes de 5%, 10%, 15%, 20%, 25% e 25%, respectivamente;

8) Parcelamento do saldo do financiamento especial, concedido em 1.975, cuja última prestação vence nesta colheita, e respectivos juros, obedecido o mesmo reescalonamento anterior;

9) Financiamento de emergência, a razão de Cr\$. . . 600,00 (seiscentos cruzeiros) por hectare de trigo cultivado em 1977, para pagamento de débitos extra-bancários, com prioridade para aqueles contraídos junto às cooperativas supridoras, vencível em 6 (seis) safras agrícolas, a partir da colheita do trigo do próximo ano, e com amortizações crescentes de 5%, 10%, 15%, 20%, 25% e 25%, respectivamente;

10) Financiamento de custeio para a lavoura de soja em formação sobre a resteva de trigo, com sua base de cálculo ampliada para a produtividade de 30 (trinta) sacos por hectare;

11) Dotação de recursos ao Banco do Brasil S.A., Banco Regional de Desenvolvimento Econômico, Banco de Desenvolvimento do Estado do Rio Grande do Sul S.A. e Banco Nacional de Crédito Cooperativo S.A., para

a concessão de financiamentos, a longo prazo, destinados a integralização de capital dos produtores junto as suas cooperativas.

É de todo imperioso que as protelações e reescalonamento das atuais exigências financeiras, retro-pleiteadas, não se transfiram para a safra de soja vindoura, criando nova sobrecarga a curto prazo, mas sim, na programação sugerida, viabilizando condições para a reordenação, conveniente, dos desequilíbrios financeiros que atualmente sufocam o setor.

Tais medidas, Senhor Governador, não lograrão, por inteiro, a superação global da seríssima crise que hoje comove a triticultura sul-riograndense. Todavia, no seu conjunto, haverão de representar substancial afrouxamento ao presente acúmulo de problemas proveniente das quatro quase sucessivas frustrações tritícolas sofridas pelo Estado nos últimos seis anos agrícolas. Viabilizarão, sem dúvida, aos triticultores, a abertura de perspectivas menos sombrias e os meios de atravessar a entressafra, até o advento de recursos da próxima colheita de verão.

É este, Senhor Governador, o pleito, sério e dramático, que a difícil conjuntura atual requer das autoridades governamentais. Confiamos no decidido apoio de Vossa Excelência e na sua sempre reafirmada posição pessoal em defesa e pelo desenvolvimento da economia agrícola de nosso Estado.

Respeitosamente, IBER SILVESTRE BEVEGNU, Presidente da FARSUL; GELINDO FERRI, Presidente da FETAG; ARI DIONÍSIO DALMOLIN, Presidente da FECOTRIGO.

RS-155 GERA EXPECTATIVA

Se levarmos em conta o traçado da estrada Ijuí-Três Passos, e as ramificações que a ligam a Santa Rosa e Palmeira das Missões, constituiremos os pontos cardeais de um complexo viário de vital importância, cuja necessidade ninguém discute. O COTRIJORNAL, órgão dirigido a milhares de produtores estabelecidos numa área de alcance direto da RS-155, nunca se alheou aos reclamos para que as obras não só continuassem, mas que se lhes imprimisse ritmo mais acelerado. E agora, quando o barulho das máquinas volta a ser ouvido, a reportagem mais uma vez percorreu a estrada, constatando nos entremeios, trechos já asfaltados, outros de muita poeira, alguns desvios e até o desafio de pedregais e buracos.

EMEC EM ATIVIDADE EMPA ESTÁ VOLTANDO

No atual estágio, o que mais preocupa é ligar

por asfalto os municípios de Santo Augusto e Ijuí, obra esta de responsabilidade do DAER e cuja execução foi confiada as empreiteiras EMEC (trecho Santo Augusto a Granja Grimm) e EMPA (trecho Granja Grimm até Ijuí). Quanto a EMEC, está concluindo a pavimentação de 10 km que faltavam do trecho que passou para o âmbito federal, isto é, DNER, a partir de Santo Augusto no sentido de Três Passos. Mesmo assim, boa parte do parque de máquinas já está operando no embasamento e pavimentação dos 28 km que ligam Santo Augusto a Granja Grimm. Por isso, existe uma expectativa para o retorno da EMPA a Ijuí, o que deverá ocorrer ainda este mês ou princípio de janeiro. Do trecho que lhe compete, 17 km já estão asfaltados, restando outros 26 km para serem trabalhados, desde os cortes, base, etc.

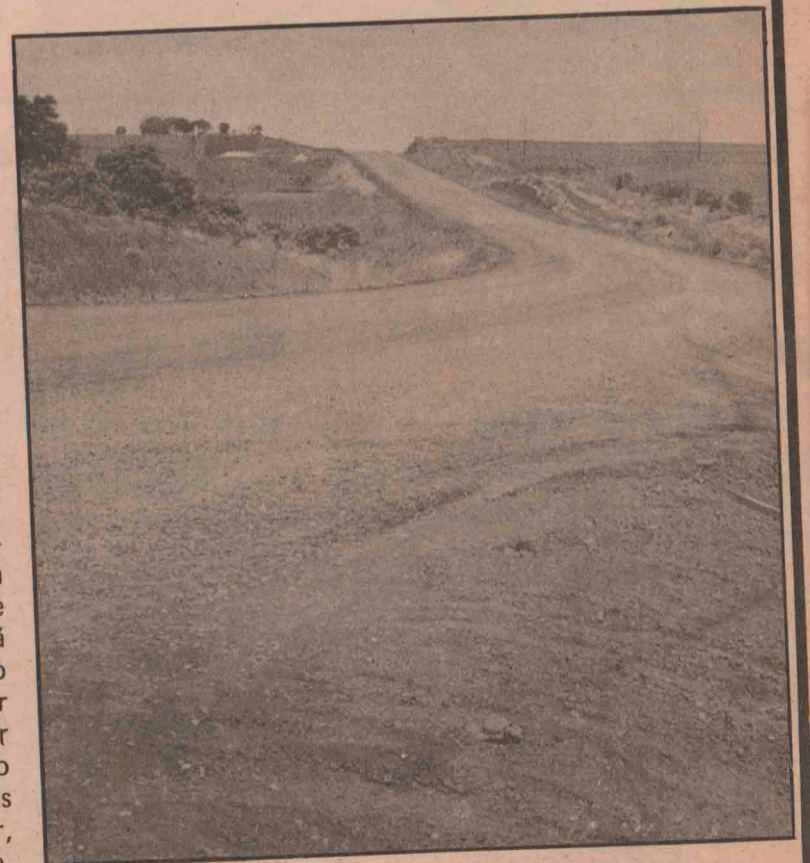
Inclusive, se obteve a

informação de que a verba para cobertura das desapropriações já está depositada em banco de Cruz Alta, município que sedia a 5ª Residência do DAER.

Para o Dr. Oscar Grohs, responsável pela fiscalização da obra que está sendo executada e da que vai reiniciar, um único problema foi responsável pela paralisação altamente prejudicial dos serviços: a falta de dinheiro. Ao retornar de Porto Alegre, onde esteve reunido com a alta direção do DAER, informou ao COTRIJORNAL que, se a partir do reinício das obras não faltar dinheiro, a estrada poderá estar concluída num espaço de 12 a 14 meses. Com o que se poderia dizer que o pior já passou. Mesmo assim o COTRIJORNAL, que por duas vezes se fez portador dos produtores da Região Celeiro, através de cartas abertas ao sr. Governador, alça mais uma vez o apelo. Para que se faça justiça aos que, responsáveis pela

sustentação econômica de boa parcela deste país, se vêm as voltas quando, mesmo ao cessar das chu-

vas, divisam uma estrada intransitável. A expectativa é muito grande na região pela sua conclusão.

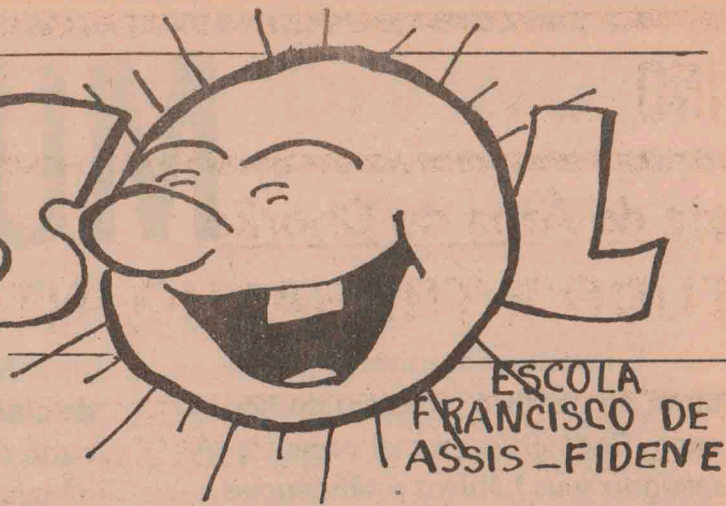


A partir da granja dos Grimm, trecho Ijuí-Santo Augusto, o quadro já é bem melhor. A EMEC já reiniciou as atividades sob a fiscalização do engenheiro Grohs.

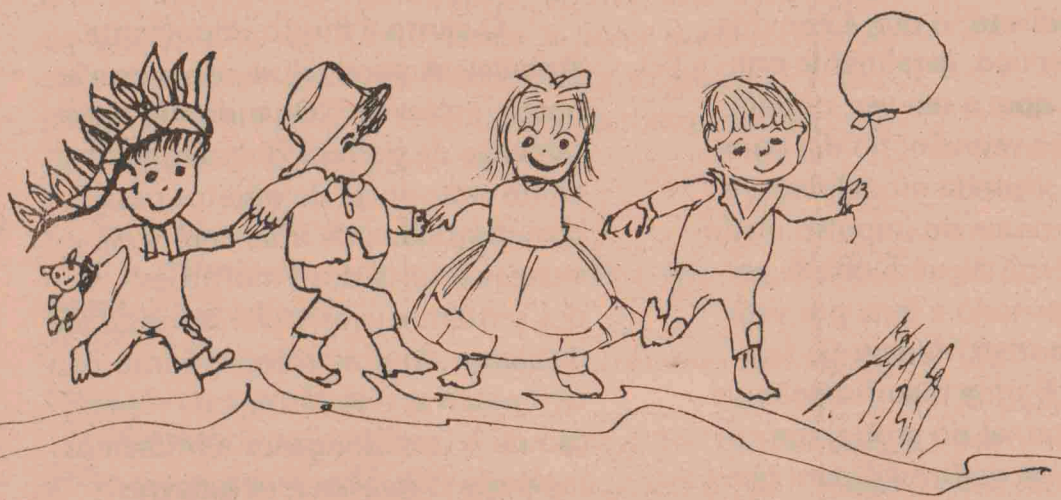
COTRISOL

SUPLEMENTO INFANTIL - Dezembro - 1977

ELABORAÇÃO: ISELDA SAUSEN - V.F. FRANTZ



ESCOLA
FRANCISCO DE
ASSIS - FIDENÊ



O DIA A DIA

O sino soa suavemente
Para acordar o povo
O padre puxa a corrente
E começa um dia novo
O padeiro faz o pão
Seu Joaquim abre a loja
Da estação sai o vagão
Carregado de soja
E cada um com sua profissão
Trabalhando com alegria
Para ganhar o pão
O pão de cada dia.

Marcos Fernando Kirst

Marcos é um artista, um poeta, assim como todos vocês, o são porque criança tem em si a harmonia, a música, a cor . . . A criança ainda tem um olhar puro, aberto para as coisas belas que a natureza lhe oferece.

Tenta olhar ao teu redor e escreve ou pinta . . ., e verás as maravilhas de que és capaz de fazer.

Aproveita as férias, fazendo algo simples, mas original. Inclusive em vez de comprar presentes para o Natal, (coitadio do Natal, anda tão deturpado últimamente!) faz alguma coisa tua, que estará dando um pouco de ti. Com isto, farás o outro sorrir e te sentirás mais feliz.

Um abraço da equipe do COTRISOL

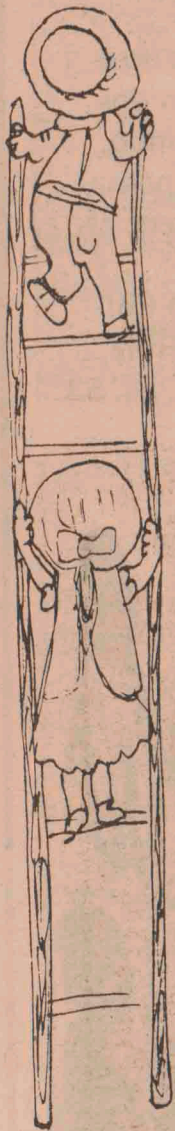
O dia é a tarefa
do sol!

O trabalho da água
é borbulhar.

O verde é o negócio
dos jardins.

E o dever das

Crianças é BRINCAR



MUTIRÃO

É instituição universal, resultante do instinto gregário do homem. Cada grupo social organiza-se segundo seus hábitos e tendências, de acordo também com o ambiente onde vive.

Quem conhece o Brasil, quem estuda sua evolução social e econômica, certo conhece o Mutirão.

Mutirão

(O que se canta . . .)

Ajudai-me companheiro
Na empreitada deste dia,
Trabalhemos o dia inteiro
Com fé na Virgem Maria,
Nasce a força, da união.
Do trabalho, o progresso!
O amigo, do coração,
A vitória, do sucesso!
Da saúde, nasce a vida,
Da terra, as plantações,
Da Pátria, mão querida,
Nascem novas gerações.

A forma brasileira de auxílio mútuo entre vizinhos, dá-se o nome de mutirão ou adjunto. Este auxílio mútuo não tem origem local. É antes uma consequência do instinto gregário do homem. Uma resultante da vida em sociedade. A unificação de esforços no sentido econômico.

O povo une-se para enfrentar o trabalho, como se une para enfrentar o inimigo ou para apagar o incêndio na casa do vizinho.

Apenas cada grupo social o organiza, segundo seus hábitos e suas tendências peculiares.

Sendo o "mutirão" um fenômeno universal, existente ainda hoje em muitas sociedades primitivas, é um traço cultural que mostra a solidariedade humana de todos os povos.

Há, naturalmente, uma série enorme de variantes de Mutirão. Ora, próximas das origens ameríndias como: putirão, muquirão, putirum, puxirum, etc . . . No sul, e vale Amazônico, designações regionais, que denunciavam a procedência portuguesa do costume, como: arrelia, bandeira, batalhão, boi-de-cova, faxina, etc . . . Duas são as maneiras porque se manifesta a solidariedade entre os membros do grupo: a solicitada e a espontânea.

Na primeira, o que necessita de ajuda para levar a cabo determinado trabalho, apela com antecedência para a vizinhança. O convite é feito diretamente mas, por vezes, de modo indireto; o que é convidado para o serviço, geralmente convide outros que, a seu ver, podem comparecer a reunião, no dia combinado. Na segunda modalidade, a cooperação nasce do impulso instintivo de socorrer alguém que se encontra necessitado e que, por este ou aquele motivo, deixou de solicitar ajuda. É uma manifestação de espírito fraternal do grupo, um meio talvez de reafirmar, para que não pereçam os sentimentos solidários.

Em ambas as modalidades, tanto o que pede ajuda, como o que recebe auxílio espontâneo, embora nenhuma disposição contratual a isso os obrigue, ficam no dever de retribuir a prestação do serviço, na primeira oportunidade, quando for solicitado o concurso, ou se apresentar ensejo de colaborar espontaneamente.

Essa obrigação, consagrada pelo costume, é uma norma de natureza puramente moral. Muito embora não se disponha de informações sobre a escala em que as mulheres

participam destes trabalhos, parece que a participação do elemento feminino é, principalmente, indireto e, só em determinados casos e circunstâncias é direto.

O canto é muito importante. Amadeu Amaral, aludindo a este aspecto, escreveu: "Quando um ajuntamento de pessoas do povo se ocupa no transporte de objetos pesados, derrubada de uma árvore, se entrega à fúria dos "multirões", todos sentem a irresistível necessidade de cantar. Muitas vezes, o canto não tem palavras e se resume na repetição de gritos alongados a intervalos regulares". Às vezes, as palavras aparecem, mas nada exprimem de inteligível, outras vezes, enfim, esse sentido se manifesta.

A festa, que geralmente arreata o mutirão, constitui um dos elementos estruturais, revestindo, além daquele caráter de compensação imediata, um sentido essencialmente comemorativo.

Extraído de Didática do Folclore, Corina Maria Peixoto Ruiz, Ed. Papelaria América, 1976, pg. 53



"IJUI" – UM SIGNIFICADO DO "DIVINO"

Danilo Lazzarotto

Ainda não se chegou a uma conclusão do significado do nome guaraní "Ijuí". Este problema me veio à mente logo que tive oportunidade de falar com o Pe. Bartolomeu Neliá S. J. que participou do II Simpósio de Estudos Missionários, em Santa Rosa.

O Pe. Neliá é natural de Majorea, a maior das Ilhas Baleares, viveu muitos anos no Paraguai, é antropólogo, grande conhecedor das Missões, doutor pela Universidade Gregoriana de Roma, onde leciona e no momento participa de um curso de Mestrado a convite da Universidade de São Paulo. É considerado o maior conhecedor da língua Guaraní da atualidade.

Diante disto, logo perguntei:

– "Pe Neliá, afinal, Ijuí significa Rio das Rãs ou Rio dos Espinhos?"

– "Nada disto, foi a resposta. Ijuí tem um significado muito mais belo".

Começou a explicar: "Rio das Rãs" dificilmente pode ser o significado pois rã em Guaraní é "ju'i" fosse "Rio das Rãs" deveria ser "ju'i'y" ("y" é a palavra que

significa água, rio e, nas palavras compostas, sempre se coloca no final, "ju" em Guaraní se pronuncia "chu").

Quanto "Rio dos Espinhos" não se encacha na formação morfológica e somântica do Guaraní. "Ju" como espinho deveria ser completado: espinho de . . . laranjeira, roseira . . . Além disto, qual seria o significado do primeiro "y" ou do nome Yjuhy: "Rio dos espinhos de água"? Atualmente "Ju" tem mais o significado de "agulha". Espinho leva o nome de "Ñnatc".

A palavra "Ju em guaraní tem também o significado de "amarelo". E quando se emprega na mitologia e nos nomes guaraníes antigos e modernos tem o significado de: "maduro", "completo", "perfeito", "acabado" e num sentido mais religioso "Ju" é algo "áureo", "divino", "eterno". Como exemplo "Arapotyju" (Ara= dia Ovy= azul ou verde ju= divino) isto é: "Divina Flor do Dia" "Pindovyju" (Pindo= palmeira Ovy= azul ou verde ju= divino) isto é: "Palmeira celestial". Ijuí significa, portanto "Rio de Águas Divinas". Se tem um significado tão bonito porque vamos considerar os mais feios e menos prováveis?

LENDA: PORQUE O PINHEIRO É A ARVORE DE NATAL. (jardim de infância)

Quando o menino Jesus nasceu, todas as pessoas ficaram alegres. Crianças, homens e mulheres vinham vêm trazendo presentes, pobres ou ricos. Perto do estábulo onde dormia o menino Jesus, num berço de palha, havia três árvores: uma palmeira, uma oliveira e um pinheiro.

Vendo aquela gente que ia e voltava, passando embaixo dos seus galhos, as três árvores quiseram também dar alguma coisa ao Menino Jesus.

– Eu vou dar a minha palma maior, a mais bela, para que ela abane docemente o bebê, disse a palmeira.

– Eu vou apertar minhas olivas e elas servirão para amaciar seus pezinhos, disse a Oliveira.

– E eu? Que posso dar? Perguntou o pinheirinho.

– Você. Responderam as outras; você não tem nada para dar. Suas agulhas pontuadas poderiam picar o Menino Jesus.

O pobre pinheirinho sentiu-se muito infeliz e respondeu tristemente:

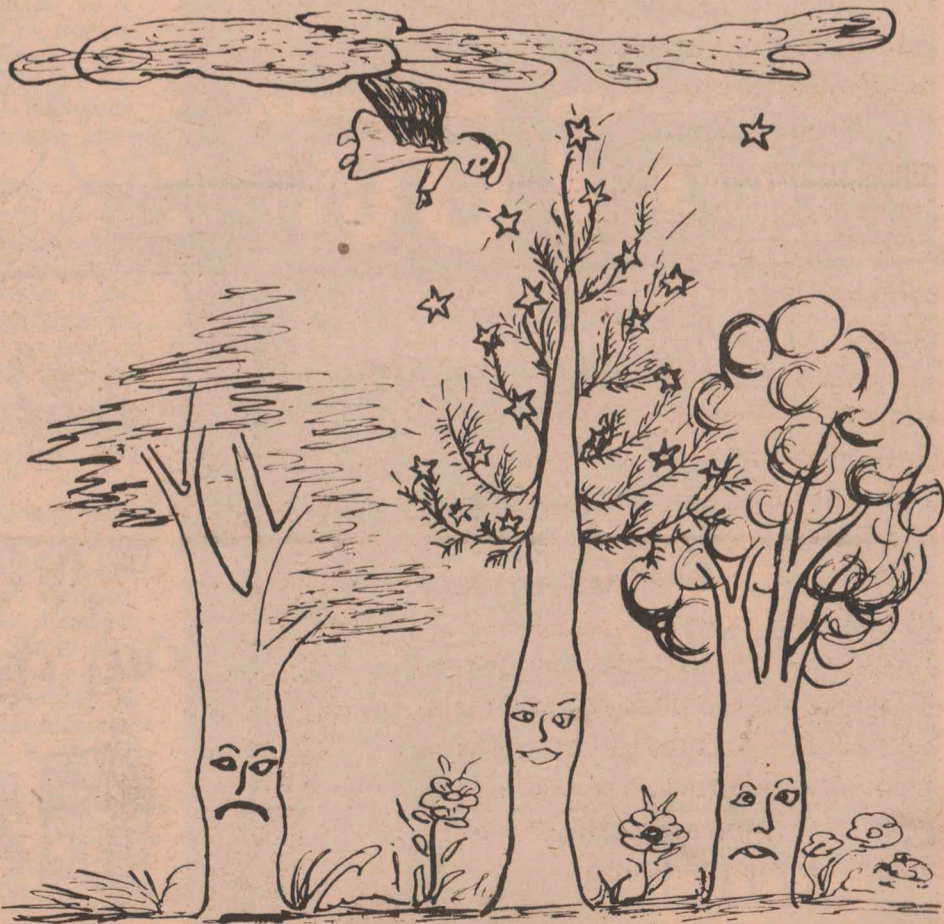
– É mesmo, você têm razão: não tenho nada para oferecer.

Um anjo que estava ali perto, escutou a conversa e teve pena do pinheirinho, tão humilde, tão triste, que nada podia fazer porque nada possuía.

Lá no céu, as estrelinhas começam a brilhar. O lindo anjinho olhou para o alto e chamou-as. No mesmo instante elas desceram, com boa vontade, e foram colocando-se sobre os ramos do modesto pinheirinho que ficou todo iluminado. Lá no bercinho, dentro do estábulo, os olhos do Menino alegraram-se ao ver aquela árvore tão linda.

É por isso que as pessoas, até hoje, enfeitam com luzes o pinheiro, na véspera de Natal.

Extraído de Didática do Folclore de Corina Maria Peixoto Ruiz, Ed. Papelaria América, 1976, pg. 23.



ADIVINHAÇÕES

— No alto vive, no alto mora, todos vêm, ninguém o adora.

— O que é, o que é, entra n'água e não se molha?

— O que é, o que é, que só fica alegre quando apanha?

— O que é, o que é, na água nasce, na água cresce, se botar na água, desaparece?

Sou comprida e amarela,
Tenho um nariz vermelhinho,
Se me deixam muito em pé,
Vou sumindo, vou sumindo
Resta só um bocadinho . . .
Uma sala tem quatro cantos,
Cada canto tem um gato,
Cada gato vê três gatos,
Quandos gatos são?

Estava sentado duas pernas,
Com uma perna na mão,
Veio vindo quatro pernas,
E fugiu com uma perna
Duas pernas levantou-se,
Pra bater em quatro pernas.
E quatro pernas se assustou,
E uma perna largou.

NATAL

VINICIUS DE MORAES

De repente o sol raiou

E o galo cocoricou:

— Cristo nasceu!

O boi, no campo perdido

Soltou um longo mugido:

— Aonde? Aonde?

Com seu balido tremido

Ligeiro diz o cordeiro:

Em Belém! Em Belém!

Eis senão quando, num zurro

Se ouve a risada do burro:

Foi sim que eu estava lá!

E o papagaio que se gira

Pôs-se a falar: — É mentira!

Os bichos de pena, em bando

Reclamavam protestando.

O pombal todo arrulhava:

— Cruz Credo! Cruz Credo!

Brava

A arara a gritar começa:

— Mentira? Arara. Ora essa!

Cristo Nasceu canta o galo.

Aonde? Pergunta o boi.

Num estábulo! — o cavalo

Contente rincha onde foi.

Bale o cordeiro também:

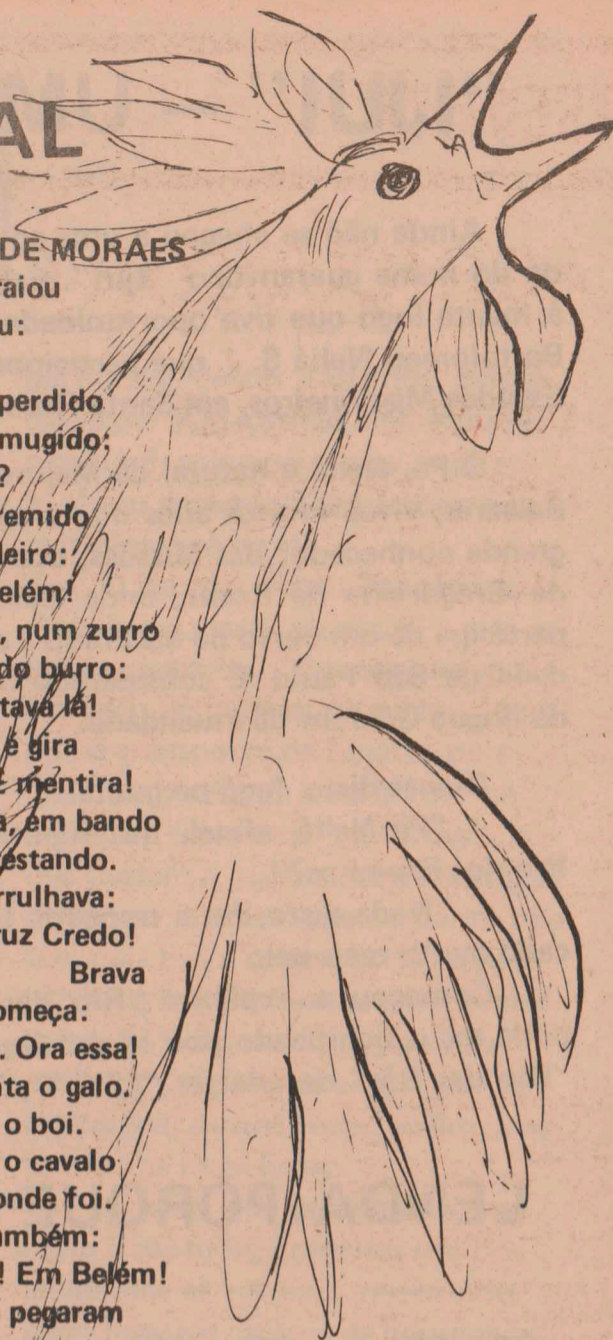
— Em Belém! Mé! Em Belém!

E os bichos todos pegaram

O papagaio caturra

E de raiva lhe aplicaram

Uma grandíssima surra.



1 Era uma vez uma casinha de palha



2 O vento derrubou as palhas da casa



3 O vento derrubou todas as palhas no chão



4 E o dono da casa que era muito esperto tirou todas as folhas da árvore



5 E botou as folhas da árvore na casa



No Suplemento anterior, Amauri, escreveu uma história. Neste, enviamos a história de Maurício, (7 anos). Quando sairá a tua?